



**UDESC**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**SER OPERÁRIO EM TIMBÓ NA  
DÉCADA DE 1980: CONTRIBUIÇÕES  
DA IGREJA CATÓLICA E O PARTIDO  
DOS TRABALHADORES (PT)**

**ALAN EVARISTO MENGARDA**

**FLORIANÓPOLIS, 2019**

**ALAN EVARISTO MENGARDA**

**SER OPERÁRIO EM TIMBÓ NA DÉCADA DE 1980: CONTRIBUIÇÕES DA  
IGREJA CATÓLICA E O PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão

**FLORIANÓPOLIS, 2019**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática**

**da Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,**

**com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Mengarda, Alan Evaristo  
SER OPERÁRIO EM TIMBÓ NA DÉCADA DE 1980 :  
CONTRIBUIÇÕES DA IGREJA CATÓLICA E O PARTIDO DOS  
TRABALHADORES (PT) / Alan Evaristo Mengarda. -- 2019.  
129 p.

Orientador: Luiz Felipe Falcão  
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

1. Trabalhadores. 2. Timbó (SC). 3. 1980. 4. História Oral. 5.  
política. I. Falcão, Luiz Felipe . II. Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação em História. III. Título.

## **DEDICATÓRIA**

Às crianças, Lara Mengarda e Pietro  
Busarello

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram ao meu lado, me incentivando, ajudando a superar as dificuldades, fazendo o que podiam para tornar este trabalho possível. Citarei algumas pessoas que foram importantes e fizeram parte desta trajetória.

Ao meu maior mestre, meu pai e professor de história Sergi Frederico Mengarda que sempre demonstrou para mim a importância do estudo. As nossas conversas e suas experiências de vida contribuíram muito para que essa dissertação fosse possível.

A minha encantadora e prestativa mãe, Rose Carla Lieskow Mengarda que sempre me incentivou a estudar e sempre esteve disposta a me ajudar.

A minha maravilhosa esposa Fabrícia Michele Begalke Mengarda, por sempre estar me apoiando, mesmo com as minhas ausências.

A minha bela e inteligente irmã, Uliana Helena Mengarda, pelos momentos de descontração.

Ao orientador, doutor, professor Luiz Felipe Falcão. Sempre se mostrou disposto a ajudar. Elogiou e criticou na medida certa para o aprimoramento do trabalho e da minha formação.

A todos os professores do curso que de alguma forma contribuíram ao longo da minha vida acadêmica para a desenvolvimento dessa dissertação.

Agradeço a minha tia Lucinéia, primo Bruno e prima Lia que abriram as portas de sua casa para mim toda semana, permitindo que eu pernoitasse em Florianópolis.

Sou muito grato a minha amorosa e sempre prestativa avó Anélia Lieskow, que mesmo com seus 75 anos de idade, fazia questão de me buscar e levar na rodoviária. Foram dezenas de vezes, várias delas na madrugada.

Não poderia esquecer do meu amigo Elmir Beltran, funcionário do Arquivo Público de Timbó. Agradeço por, pacientemente, me ensinar sobre arquivo público e história quando estagiei no Arquivo Público de Timbó há muito tempo. E agora, sempre solícito, me auxiliou a localizar e garimpar fontes e livros relevantes para a realização dessa dissertação.

Aos colegas que encontrei ao longo do mestrado que contribuíram com conversas relevantes para a realização desse trabalho e me fizeram crescer como historiador. Meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram para que tudo isso fosse possível.

## **RESUMO**

A intenção desse trabalho é estudar elementos do *ethos* dos trabalhadores urbanos de Timbó, focando principalmente, as suas relações com a política e o trabalho, elementos presentes no cotidiano dos trabalhadores. Usando diversas fontes, mas principalmente entrevistas com trabalhadores que na década de 1980 foram bastante atuantes em movimentos que defendiam os interesses dos trabalhadores tais como sindicatos, pastorais da Igreja Católica e o Partido dos Trabalhadores, investigando-se como eles se organizaram para atingir os seus objetivos. Investigou-se esse ativismo político em um local que à primeira vista pareceria improvável de acontecer, um ambiente de relações complexas entre trabalhadores e patrões foi notado. Percebeu-se momentos de tensão, conflito, compromisso, solidariedade, dependência, limites que os trabalhadores tinham no trabalho e na política numa cidade em que impera a devoção ao trabalho.

Palavras-chave: Trabalhadores; Timbó (SC); 1980; História Oral; política.

## **ABSTRACT**

The intention of this work is to study “ethos” elements of urban workers from Timbó, focusing mainly on their relations with politics and work, elements present in daily life of workers. Using several sources, but, mainly interviews with workers that were very active in the decade 1980 by movements which defended the worker's interest, such as syndicate, catholic church pastoral and worker's part, it was investigated how they organized themselves to get their goals. It has been investigated this political activism in a place that, at first sight, it would seem unlikely of happening, and an environment of complex relationships between workers and bosses was noticed. It was noticed tension moments, conflicts, commitment, solidarity, dependence, limits that the workers had in their works and in the politics in a city where prevails the devotion by job.

Key words: Workers; Timbó(SC); 1980; Oral History; Politics.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Mapa de Santa Catarina com a identificação do município de Timbó .....	9
Figura 2: Notícia do Jornal do Médio Vale de 1989. ....	31
Figura 3: Membros do Jornal do Médio Vale em 1989.....	76
Figura 4: Capa do Jornal do Médio Vale anuncia greve de 1989.....	82
Figura 5: “Com a METISA onde a METISA estiver”. .....	88
Figura 6: Mensagem da METISA no dia Primeiro de Maio .....	92

## **LISTA DE SIGLAS**

AAM – Associação Atlética METISA  
ALISC - Associação dos Licenciados de Santa Catarina  
APROVALE - Associação dos Professores do Médio Vale do Itajaí  
ARENA – Aliança Nacional Renovadora  
CEB – Comunidade Eclesial de Base  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.  
JMV – Jornal do Médio Vale  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro  
METISA – Metalúrgica Timboense  
PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário  
PMDB – Partido Movimento Democrático Brasileiro  
PT – Partido dos Trabalhadores  
SC – Santa Catarina  
SIMMET - Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Timbó  
SINE – Sistema Nacional de Empregos  
SINTE - Sindicato dos trabalhadores em Educação da Rede Pública de Ensino do Estado de Santa Catarina

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1:Estabelecimentos e pessoal ocupado em Timbó nos anos de 1970 -1992.....	14
Tabela 2: Residentes de outras cidades que trabalhavam todo dia em Timbó em 1993.	16
Tabela 3:Quantidade e tamanho das propriedades agrícolas de Timbó em 1969. ....	19
Tabela 4: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Timbó no período de 1970 - 2000.....	80

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I - SER OPERÁRIO EM TIMBÓ.....</b>	<b>9</b>
1.1 - Camponeses e operários na formação da classe trabalhadora .....	9
1.1.1 – Colonos e operários .....	9
1.1.2 – Constituição da classe trabalhadora de Timbó.....	15
1.1.3 – Vida difícil e despertar das greves e manifestações.....	21
1.2 - Violência simbólica e outras dificuldades de ser petista nos anos 1980 .....	24
1.2.1 – Greves .....	24
1.2.2 – Pastoral.....	32
1.2.3 – Época de eleições .....	37
1.2.4 – Outras ocasiões .....	41
1.2.5 – Antipetismo.....	42
1.3 – Operários nas Pastorais .....	44
1.3.1 – Teologia da Libertação .....	44
1.3.2 – Pastoral Operária e Pastoral da Juventude .....	48
<b>CAPÍTULO II – MEMÓRIAS DE LUTA NOS ANOS 1980 .....</b>	<b>65</b>
2.1 - Criação do PT e greves operárias .....	65
2.1.1 – Formação do PT nacional .....	65
2.1.2 – Formação do PT de Timbó .....	67
2.1.2.1 – A primeira tentativa .....	67
2.1.2.2 – Entram em cena as pastorais .....	69
2.1.3 – Greve de 1989 em Timbó .....	79
2.2 - Construção da imagem de empresa parceira dos trabalhadores .....	86
2.3 - Elementos de uma ética (um <i>ethos</i> ) dos trabalhadores.....	93
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>113</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

O despertar do meu interesse por esse trabalho está vinculado com a minha vida pessoal e mais especificamente com meus pais. Desde sempre estive intimamente envolvido com o Partido dos Trabalhadores, pois durante a minha vida meus pais sempre participaram ativamente nesse partido, principalmente meu pai Sergi Frederico Mengarda. Participei (inventamos) o PT Mirim na campanha presidencial de 2002 no qual Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito, ajudei a panfletar quando meu pai foi candidato a vereador, fui candidato a vereador nas eleições municipais de 2016 e atualmente continuo no partido. Conhecer a história do PT também é conhecer a minha vida e a vida da minha família.

Depois de 2013 o partido tem cada vez mais perdido força no Brasil, e na cidade de Timbó não foi diferente. Na eleição de 2018, a maioria dos petistas encontravam-se sem coragem de colocar o adesivo dos candidatos no carro por medo ou dúvidas acerca do que criam. Nesse momento volta à tona o discurso por parte de filiados, afirmado que Timbó é uma cidade muito conservadora, o PT nunca daria certo por aqui. Entender o quanto essa cidade seria conservadora e se isso impediria a formação e desenvolvimento do PT nela foi um dos motivos que suscitaram esse trabalho.

Timbó é uma cidade localizada no interior de Santa Catarina, numa região conhecida como Vale do Itajaí ou Vale Europeu, assim denominada por ter sido colonizada a partir de 1850 por europeus vindos, sobretudo, de regiões da atual Alemanha e Itália. Tem como municípios limítrofes Rio dos Cedros, Benedito Novo, Indaial, Pomerode e Rodeio, sendo que fez parte do município de Blumenau, do qual se emancipou em 1934. As atividades econômicas eram voltadas para a agricultura e pecuária até que se inicia um forte processo de industrialização. Fábricas já existiam desde o século XIX, mas seu papel tomou vulto apenas a partir da década de 1960, transformando a cidade. No ano de 1980 a cidade contava com quase 18 mil habitantes (IBGE: 2019a), sendo que mais de 14 mil viviam na área urbana. A industrialização e urbanização acentuaram-se e em 1991 observou-se que dos 23.829 habitantes, 19.178 residiam na área urbana e 4.651 na área rural (IBGE: 2019b). A delimitação temporal

desse trabalho será entre 1980 e 1990 quando a cidade sofre transformações econômicas e sociais profundas devido a esse processo de industrialização e urbanização.

Tentei entender como aconteceu a formação da classe trabalhadora de Timbó e de que forma, com ela surgiram movimentos organizados que lutaram pela melhoria de suas condições de vida. Foram escolhidos trabalhadores que de alguma forma se envolveram diretamente na organização de movimentos sociais, que no caso de Timbó englobaram, a igreja, os sindicatos e o Partido dos Trabalhadores. Acredito que os trabalhadores de Timbó têm algo a nos contar sobre suas contribuições para a configuração da cidade. Dessa forma, pretendia privilegiar os sujeitos comuns e sua relação com a coletividade, e não heróis ou grandes personagens. Afinal, procurando conhecer a história do PT, percebi que no princípio foi um partido formado por pessoas que trabalhavam em fábricas e frequentavam as pastorais operária e da juventude da Igreja Católica. A partir daí tentei compreender o perfil desses trabalhadores, bem como dos trabalhadores que estavam em sua volta.

Por outro lado, pode-se dizer que este trabalho se insere no âmbito da História Regional, na perspectiva de Viscardi (2018), para quem este tipo de história “não se constitui em um método e nem possui um corpo teórico próprio. É uma opção de recorte espacial do objeto estudado”. Para a autora, ao adotar a abordagem regionalista deve-se tomar cuidado para não exagerar na importância das informações e tomá-las como verdadeiras. Além disso, ela chama a atenção para que a região em questão não apareça isolada do contexto em que se insere. Além disso o recorte espacial não necessita ser objetivo como as fronteiras político administrativas dos municípios. Segundo Viscardi (2008) muitos estudiosos que usam essa abordagem adotam critérios mais fluídos, sem uma delimitação clara de fronteira. No caso desse trabalho que tem como foco o município de Timbó percebe-se que a delimitação política administrativa não é suficiente pois o município tem relações intensas e complexas com os municípios vizinhos. Por exemplo, vários trabalhadores das empresas timboenses vinham dos municípios vizinhos. Outro exemplo é o Sindicato dos Metalúrgicos e Material Elétrico – SIMMET, que tinha relações próximas com outros sindicatos de fora da cidade, principalmente com Blumenau. Dessa forma, pode-se afirmar que este trabalho é de História Regional.

Entretanto, também pode-se afirmar que este trabalho se encaixa na História Local já que ele se atém a especificidades de trabalhadores de um local, que é a cidade de Timbó. Não se trata de um trabalho da região do Médio Vale do Itajaí, do Vale Europeu ou do Sul do país. Portanto o recorte geográfico é ainda menor, é local. É um trabalho que narra principalmente temas do município e não fatos distantes como os nacionais, é isso uma característica da História Local. Entretanto, algumas conexões com a história nacional podem ser feitas, como por exemplo, analisar o comportamento de operários na década de 1980 fora dos principais eixos industriais do país, assim São Paulo e São Bernardo do Campo podem trazer algumas informações importantes.

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (SAMUEL, 1990:220).

As fontes usadas nesse trabalho foram diversas. Segundo o historiador Rafael Samuel, em um trabalho de História Local é comum o uso variado de fontes, mas isso não significa que elas são organizadas e completas para realizar a pesquisa.

As fontes, uma vez que um projeto tenha se iniciado, são infinitamente variadas, incluindo tanto achados arqueológicos como restos literários, cultura material, manuscritos e arquivos, dialeto e fala ou a palavra impressa. Mas as fontes nunca são tão ilimitadas a ponto de o pesquisador perder-se nelas e boa parte de seu tempo será gasto em perseguir fatos fugidios, datando uma parede ou um prédio, mapeando o caminho do gado, completando uma árvore genealógica. A coleta ao menos para o historiador dos tempos modernos, não é tanto de separar o joio do trigo como a de ceifar a espiga solitária (SAMUEL, 1990:220).

Nesse trabalho foi utilizado o Jornal do Médio Vale, criado em março de 1989. Entre os sócios desse jornal estavam Adilvo Andreazza, Emir Ropelato e Evandro Loes. A partir de 1993 Evandro Loes passou a ser o único proprietário do jornal. Em 1989 as suas publicações eram semanais e o trabalho realizado era quase artesanal: as ilustrações eram desenhadas por Luiz Lenzi e as cópias feitas numa máquina xerox. Seu foco eram acontecimentos na cidade de Timbó, com alguma cobertura sobre as cidades vizinhas. A sua distribuição era de graça até o final de abril, quando passou a ser cobrado. Todas as suas edições foram preservadas no Arquivo Público de Timbó Gelindo Sebastião Buzzi.

Para essa pesquisa também foram usados jornais internos de empresas. Havia algumas edições preservadas no arquivo mencionado, em especial do Jornal METISA e do Jornal Herveg, que eram distribuídos gratuitamente para os trabalhadores dessas empresas com a finalidade de ressaltar fatos nelas ocorridos, como festas, torneios de

futebol de que participavam, distribuição de brindes, realização de cursos, também comemorações de aniversário ou tempo de serviço dos seus funcionários, sempre com a preocupação de difundir ideias de coesão, integração e progresso da empresa em publicações bimestrais ou trimestrais.

Alguns livros produzidos na década de 1980 contendo dados estatísticos e outras informações relevantes sobre a década de 1980 também foram e usados e podem ser encontrados no mesmo arquivo. Por sua vez, documentos da Igreja Católica foram disponibilizados pelo padre da Paróquia Santa Terezinha, bem como livros sobre a história da igreja em Timbó. Documentos acerca do Partido dos Trabalhadores como atas, planos de governo, relações de filiados e panfletos foram cedidos gentilmente por membros do partido.

No entanto, a principal fonte para a elaboração desse trabalho foram os depoimentos obtidos com pessoas que participaram da Pastoral Operária e da Juventude, bem como do Partido dos Trabalhadores na cidade de Timbó. Portanto, esse trabalho incorpora a memória que “tem sido entendida, em todas as suas formas e dimensões, como uma dimensão da história com uma história própria que pode ser estudada e explorada” (THOMSON, FRISCH e HAMILTON, 1996:77).

Em todos os casos, foram depoimentos semiestruturados em torno de histórias de vida que fruíam a partir da livre associação de lembranças e ideias, em meio ao que fiz intervenções pontuais para facilitar a emergência de recordações significativas do ativismo e militância política por parte dos depoentes. Os materiais assim obtidos, uma vez transcritos, foram posteriormente confrontados uns com os outros e com outras fontes a fim dar-lhes maior densidade e conferir maior riqueza ao trabalho.

Neste ponto cabe salientar que não considero as fontes orais como superiores ou mais verídicas que outros tipos de fontes. Um dos motivos para acontecer o uso de fontes orais foi porque há uma escassez de outras fontes relativas ao tema estudado. Por exemplo, a Igreja Católica da cidade não tem arquivo e não guardou quase nenhum documento acerca das pastorais. O PT de Timbó e seus membros não têm nenhum documento relativo à década de 1980, tanto quanto o fez o sindicato dos metalúrgicos. Entretanto, esse não é o motivo principal para se ter usado fontes orais nesse trabalho. A história oral não deve ser utilizada apenas em situações em que existe a escassez de outras fontes, ela não é apenas uma fonte complementar ou ilustrativa. Para esse

trabalho os relatos dos trabalhadores que participaram de instituições, que na época lutavam por melhores condições na vida dos trabalhadores, foram essenciais para compreender suas formas de agir e pensar pois a história oral tem grande valor. Reforçando a ideia de que a história oral não deve existir apenas onde há lacunas de documentos, pode-se afirmar que “os documentos de história oral não visam roubar cena nenhuma e sim propor variações de versões que merecem ser vistas tanto em projetos que contenham redes diferentes como em diálogo com outras versões, inclusive escritas” (MEIHY, 2007:18). Essas fontes “dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é falha ou distorcida” (PORTELLI, 1997:27). Além disso traz informações sobre “a vida diária e a cultura material destas pessoas ou grupos” (PORTELLI, 1997:27). As fontes orais contêm traços que as fontes escritas não contêm, por exemplo “a fileira de tom e volume e o ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita” (PORTELLI, 1997:28).

Os depoentes não formam um grupo homogêneo, mas tem em comum o engajamento em movimentos que buscavam melhorar a vida do trabalhador. Alguns eu já conhecia e tinha familiaridade por serem amigos do meu pai, Sergi Frederico Mengarda, e por eu pertencer ao Partido dos Trabalhadores. Essa proximidade me auxiliou na hora de colher os depoimentos, tanto na questão da confiança, como na questão de estarem dispostos a tentar lembrar o máximo possível. Essa disposição para lembrar é importante pois, caso contrário, como sustenta Thompson (1998: 154) “a lembrança pode ser inibida pela relutância: quer uma fuga consciente de fatos desagradáveis, quer uma repressão inconsciente”.

Estou consciente de que minha proximidade com os depoentes e o meu envolvimento com o Partido dos Trabalhadores da cidade pode ocasionar uma escrita apaixonada sobre o tema, mas tentei tomar os devidos cuidados para não abandonar uma perspectiva crítica e prejudicar o trabalho. Trata-se de precauções necessárias, pois cabe manter certo estranhamento em face de circunstâncias habituais. Foi, reconheço, uma tarefa complicada para mim, pois conversei e recolhi memórias de amigos e de pessoas que ainda estão vivas e podem questionar ou se chatear com meu trabalho, mas não há como evitar isto de todo, como bem o percebeu Henry Rousso:

Evoco a necessidade de termos pessoas que sejam capazes de falar do passado com certo rigor e distância. Todo mundo tem o direito de falar do

passado, mas todo mundo não pode fazer da mesma maneira. O perigo é que os historiadores de hoje abandonem essa postura em função de “combates”, mesmo se as causas sejam perfeitamente legítimas. É como se um advogado mentisse aos seus clientes sobre o Direito. O advogado vai mentir ao juiz, dizendo: o meu cliente é inocente! Mas na verdade ele é culpado. É seu papel. Mas ele não vai mentir ao seu cliente lhe afirmado outra coisa que não a lei. O advogado deve lhe dizer uma palavra de verdade, o cliente aprovando ou não, pouco importa. O historiador é um pouco a mesma coisa (apud AREND e MACEDO, 2009).

Concordando com Rousso, não tomei como verdade absoluta os relatos. Aliás, procurei ter em mente também as ponderações de Beatriz Sarlo, para quem “é certo que a memória pode ser um impulso moral da história e também uma de suas fontes, mas esses dois traços não suportam a exigência de uma verdade indiscutível que aquelas que é possível construir com – a partir de – outros discursos” (2007: 44). Ou seja, os relatos são importantes para o historiador, são interpretações válidas, mas não devem ser tomados como verdades absolutas, o que torna o cotejamento com outras fontes recomendável, como já mencionado. Portanto, concordo com o historiador Rafael Samuel que escreveu “o relato vivo do passado deve ser tratado com respeito, mas também com crítica; como o morto” (1990:239).

Esse trabalho visou não apenas registrar as experiências e relatar de forma ordenada a vida de indivíduos sem voz, de baixo. Mais que isso, como ponderou Lozano, objetivou-se, com o emprego da história oral, “produzir conhecimentos históricos, científicos [...], procura fazer com que o depoimento não desloque nem substitua a pesquisa e a consequente análise histórica” (1996:17). Seria aliás, problemático desconsiderar que os depoimentos foram obtidos em um momento político conturbado da história do país e os depoentes estavam inseridos nisso. A maioria deles ainda faz parte do Partido dos Trabalhadores, acreditam, como eu, que a Dilma sofreu um golpe e que Lula não merecia estar na prisão. Mais: têm convicção de que os trabalhadores sofrerão com os próximos governos não petistas, foram recorrentes as passagens em que eles enfatizavam a sua bravura e coragem para defender os interesses dos trabalhadores e do partido. Mas também aconteceu o contrário. Houve um ex-membro do PT que não queria conceder um depoimento pois não queria mais saber do Lula e do partido, estando descrente de ambos. Para ele, conversar sobre esse assunto era delicado e envolvia boa parte de sua história de vida. Em outras palavras, o assunto aqui tratado é delicado para os depoentes, uma vez que suas memórias mexem com os seus sentimentos e opções que fizeram no passado. Sentimentos de orgulho,

arrependimento, coragem, medo, reverberaram nos depoimentos dependendo do momento em que aconteceram. Entretanto, recordar fatos difíceis e inseri-los numa história coerente pode ajudar a entender algumas angústias do presente: afinal, nem tudo na história é alegre e bonito, há histórias bem tristes, marcadas por guerras, preconceito, desastres e retrocessos nas lutas contra a desigualdade social. Precisamos refletir qual o peso disso em cada circunstância, em cada momento.

Para dar conta da problemática abordada pela dissertação, ela foi organizada em dois capítulos. No primeiro, procurei identificar e entender quem eram os operários que vinham trabalhar nas fábricas do município de Timbó: a maioria deles era descendente de alemães e italianos, bem como de migrantes do interior e do litoral do estado. Mediante depoimentos, eles narraram sua participação no processo de industrialização, suas experiências no local de trabalho, sua vida cotidiana e os movimentos sociais nos quais se envolveram, visando reconhecer as dificuldades e os mecanismos de controle que enfrentavam para sua livre manifestação e organização, em meio ao que tiveram papel relevante às pastorais operária e da juventude da Igreja Católica, uma vez que contribuíram para o fortalecimento dos laços de solidariedade de um grupo que, mais adiante, fundou o PT. De acordo com isso, busquei compreender como as ideias da Teologia da Libertação permearam o discurso e a prática dos membros desses movimentos sociais, englobando a dinâmica das reuniões, o engajamento em eleições, a relação com membros das pastorais de Joinville, tudo isso no âmbito de um discurso sobre o que seria uma sociedade melhor e mais justa.

No segundo capítulo, busquei compreender a partir das memórias dos trabalhadores, aspectos de suas vidas e de suas experiências de ativismo e militância. Em especial, pretendi dar a conhecer como foi o processo de formação do Partido dos Trabalhadores em Timbó e suas relações com as pastorais operária e da juventude da Igreja Católica, a influência de outras cidades em tudo isso, a participação desse partido nas eleições e outras reverberações de sua presença e atuação. Além disso, dediquei-me igualmente a desvelar mobilizações sindicais e movimentos grevistas que agitaram o município no período em apreço. O propósito de tudo isso foi identificar e analisar elementos de uma ética peculiar dos trabalhadores locais, mas decerto não restrita apenas a eles ou a Timbó, capazes de fornecerem algumas pistas de como se estruturavam as relações sociais numa cidade relativamente pequena, onde empregado e

patrão estavam muito próximos, tanto física quanto espiritualmente, de maneira a amparar um discurso de conciliação social que, todavia, não impediu a eclosão de manifestações de resistência e protesto por melhores condições de vida e liberdades.

A intenção deliberada não foi focalizar o trabalhador que atuava em Timbó como um ser alienado, inteiramente sujeito às manipulações do patronato, das autoridades constituídas ou dos meios de comunicação de massa, e sim demonstrar que eles faziam escolhas e caminhavam de acordo com as suas possibilidades em meio a jogos de poder assimétricos que lhes eram desfavoráveis, assumindo sua condição de agentes históricos com vontades e ações próprias.

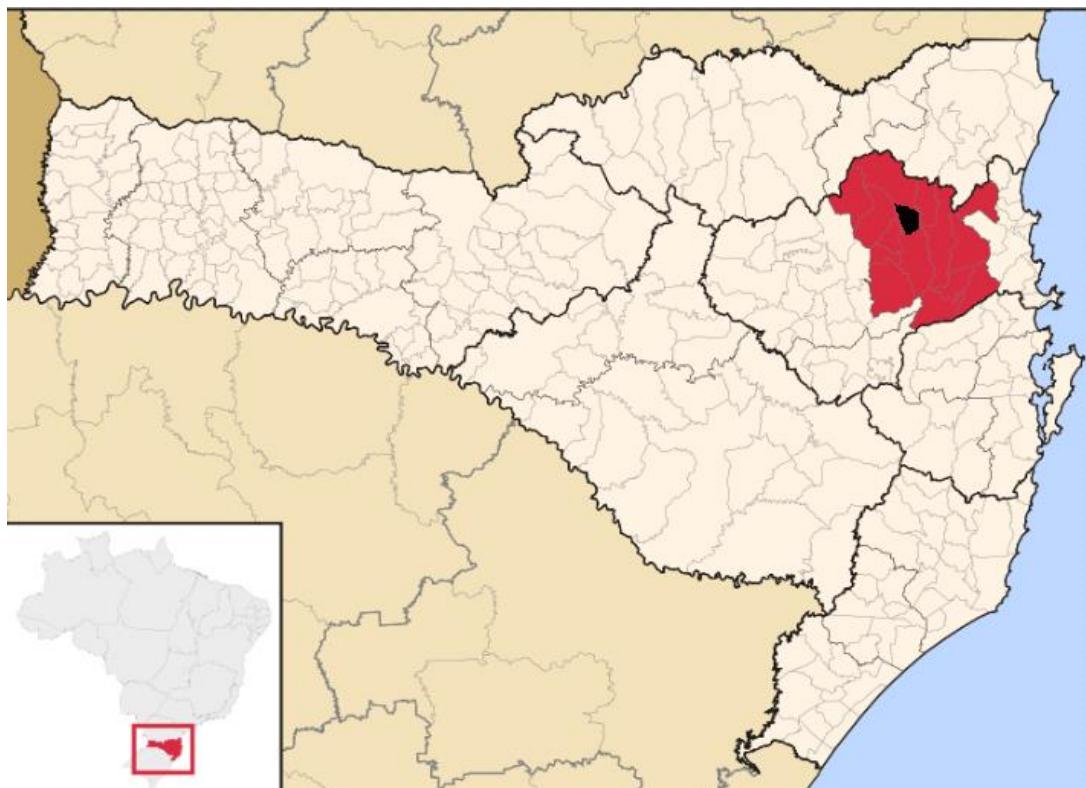
## CAPÍTULO I - SER OPERÁRIO EM TIMBÓ

### 1.1 - Camponeses e operários na formação da classe trabalhadora

#### 1.1.1 – Colonos e operários

Timbó (representada de preto no mapa abaixo) é uma das 54 cidades pertencentes a mesorregião do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Essa mesorregião é subdividida em outras quatro microrregiões, sendo que Timbó faz parte da microrregião de Blumenau (representada de vermelho no mapa abaixo). O município também pertence a um grupo de cidades chamado Vale Europeu, expressão que vem sendo utilizada para atrair turistas em busca de vestígios da colonização europeia.

Figura 1: Mapa de Santa Catarina com a identificação do município de Timbó



Fonte: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_de\\_Blumenau#/media/File:SantaCatarina\\_Micro\\_Blu menau.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_de_Blumenau#/media/File:SantaCatarina_Micro_Blu menau.svg). Acesso em: 11 de agosto de 2018. Timbó, representada na cor preta foi pintada pelo autor.

Timbó é um município pequeno, mas com um parque industrial grande para seu porte, contando com um número elevado de trabalhadores urbanos. Tal industrialização aconteceu mais fortemente após a década de 1980, período no qual este trabalho é delimitado. Inicialmente, os operários eram provenientes do campo, eram colonos da

região, eram agricultores ou filhos de camponeses sem maior qualificação. A antropóloga Giralda Seyferth conceituou esse tipo de trabalhador como “colonos operários”, “agricultores de cinco horas, ou agricultores de tempo parcial”, uma vez que trabalhavam mais tempo numa fábrica do que nas lavouras. Ela ainda destaca que esses colonos/operários eram de origem alemã ou italiana e se representavam como melhores trabalhadores por trazerem consigo o amor ao trabalho. Assim, dividir-se entre a fábrica e o campo não era percebido como sobretrabalho, mas como forma de manter um padrão de vida condigno (SEYFERTH, 1987: 108-9).

Para a mesma autora, colono, porém, não era apenas isso:

Para ser considerado colono não basta ser camponês, embora a condição camponesa seja igualmente essencial como critério de identificação. Também não é qualquer agricultor, pois a definição cabível é a de um pequeno proprietário rural que não emprega mão-de-obra assalariada permanente. Algumas características específicas do campesinato estão presentes como elementos de categorização: trabalho familiar, posse de terras em quantidade suficiente para permitir a atividade de cultivo, produção voltada em primeiro lugar para o consumo doméstico (privilegiando-se, assim, a policultura com criação), participação nas atividades de solidariedade etc. Nesse sentido, consideram-se distintos de outras categorias de produtores rurais, como aqueles que denominam "fazendeiros". A categoria fazendeiro pressupõe a posse de uma área de terras muito maior do que uma colônia, e a utilização de mão-de-obra assalariada. (SEYFERTH, 1993: 38)

Em Timbó, muitos desses trabalhadores tinham o emprego em uma fábrica como renda complementar para a sua família, pois ainda cultivavam em sua terra. Essa característica de ter uma dupla jornada de trabalho, no campo e na fábrica, era uma característica do trabalhador da região até a década de 1980, sendo que hoje ainda existem trabalhadores que cultivam a terra e são operários, mas em pequeno número.

A procura por um emprego na fábrica tendia a aumentar na medida em que os lotes de terra foram se tornando cada vez menores para a maior parte das famílias, em razão de venda ou partilha da herança. Consequentemente, com terras menores, passou-se a produzir menos, impossibilitando a sobrevivência da família apenas com o que era produzido na sua terra. A procura por um emprego na fábrica também poderia acontecer na ocasião em que as colheitas não eram boas e davam prejuízo ou não sendo suficientes para sustentar a família. Assim, aquele trabalho na fábrica foi se tornando o principal meio de sustentar a família.

Para os colonos operários o empenho no trabalho agrícola, mesmo reduzido, representava um aumento na renda familiar, embora a produção quase nunca fosse

comercializada. Afinal, diminuía-se a despesa com a compra de alimentos e se poderia trocar com outros o que havia sido produzido. Nessas propriedades eram cultivadas as mais variadas culturas e criados vários tipos de animais. Podia-se plantar um tipo de produto em maior quantidade como banana ou fumo, mas outras culturas e criação de animais também existiam para a subsistência da família, como o plantio de frutas, feijão, arroz, ou a criação de peixes, galinhas, vacas para ordenha, entre outros.

Portanto, ter uma propriedade representava uma economia substancial com os gastos de alimentação, permitindo que o ganho com os salários revertesse para outros itens do orçamento familiar. Além disso, a propriedade criava uma sensação de segurança contra o desemprego e assegurava moradia (SEYFERTH, 1987: 113). Uma filha de agricultor lembrou o que seus pais diziam: “Meus pais Roberto e Frida Duwe não cansavam de afirmar. Erna, a terra representa segurança. Nunca pense em vendê-la. Ela alimentará você, seus filhos e seus netos” (MAESTRELLI, 1992: 88). Apesar disso, conforme os anos avançavam, menos famílias conseguiam sobreviver apenas com o trabalho no campo, as terras foram parceladas em demasia e muitos saíram do campo.

Cabe ressaltar que as mulheres tiveram participação nesse contexto, trabalhando tanto na agricultura, como nas fábricas, não sendo incomum que praticamente todo o trabalho agrícola ficasse ao seu encargo e dos filhos pequenos, enquanto os homens adultos assalariavam-se em fábricas, em outras propriedades rurais, em serviços como medições de terra e construção de estradas.

A minha mãe sempre cuidou das coisas da casa e ela chegou a trabalhar uma época também, ela produzia fumo na época, vendia, e tinha um recurso derivado dele junto com os meus irmãos. Mas ela sempre cuidava das coisas da casa, ela plantava, ala ajudava na economia doméstica pelo trabalho dela sabe, pelo trabalho de diminuir as despesas com compra de alimentos, em mercado, que na época também não era assim tão fácil, e também produzia leite, mantinha animais pra produção de leite onde ela fazia os negócios de compra de mantimentos para o que nós não tínhamos, esse era o tipo de negociação que era muito comum na época.<sup>1</sup>

Além de trabalhar na agricultura, desde o início da industrialização, as mulheres também se empregavam nas fábricas, principalmente no ramo têxtil, mas ganhavam menores salários comparados com os dos homens.<sup>2</sup> Depois, na década de 1980, as mulheres continuaram a trabalhar nas fábricas e a tendência a estarem ligadas ao ramo

<sup>1</sup> Adilvo Andreazza, 62 anos, médico, depoimento cedido ao autor em Blumenau, 20 de abril de 2018.

<sup>2</sup> Cristina Wolff, pesquisando a região de Blumenau na virada do século XIX para o XX, demonstrou que esta mão de obra “era constituída por jovens de 14 a 20 anos e senhoras mais velhas” (WOLFF (1991: 102).

têxtil permaneceu. Um tecelão de Timbó que trabalhou em malharia de 1970 até os anos 2000 lembra que isso acontecia “porque naquela época era o único emprego para as meninas, só tinha malharia praticamente”.<sup>3</sup> O mesmo tecelão lembrou um fato comum naquelas malharias: de 1970 até meados de 1980 só ele de homem trabalhava na malharia. “Eu acho que nos meus primeiros 15 anos só tinha eu de rapaz, o resto tudo era mulher. É, nos primeiros 15 anos só tinha eu de homem, tudo moça que trabalhava, e eu trabalhava com todas elas.” Eram trabalhadoras de todas as idades que encontravam emprego nas malharias para ajudar no sustento da família e até hoje prevalece o trabalho feminino nas malharias do município.

Quando as mulheres não iam para as fábricas, ajudavam no trabalho doméstico, cuidavam das crianças e, se tivessem terra, auxiliavam no trabalho da agricultura e criação de animais. Os pais de Lourival Motta, Geraldino Motta e Tereza de Lucca podem ser um exemplo disso. Geraldino ia trabalhar como operário e os filhos e a esposa ajudavam na agricultura. Geraldino tinha a sua roça e ao mesmo tempo um emprego numa empresa, enquanto Tereza se dedicava a cuidar da roça, dos afazeres domésticos e da família:

Meu pai sempre foi operário também. Em Rodeio já, ele trabalhava, antes de casar também já trabalhava como operário numa empresa e depois sempre passemos a trabalhar desde de pequeno sempre junto com ele, porque nós trabalhava puxar madeira sempre no mato com os bois e tudo e tinha uma serraria, aí meu pai serrava a madeira e nós puxava e serrava madeira, como serrador, e minha mãe sempre foi doméstica também. Ele e a família dele a maioria todos eles foram operários e depois sabe a gente trabalhou um pouco na roça pra cá e pra lá também, nós era em 13, 14 eu acho, então também todo mundo tinha que fazer um pouco na roça, luta e trabalhar colher um pouco da roça pra viver, nos tinha terreno também nos tinha sítio, plantava, e junto com a mãe também ela também sempre lutou trabalhou na roça também, mas o meu pai sempre foi operário. E depois no final quando estava no final do tempo dele, aí colocou uma atafona e deixou de trabalhar de operário com atafona mas sempre fez serviço de luta assim, e se aposentou na época uma parte como operário e uma parte como lavrador, e se assim foi a vida dele também.<sup>4</sup>

Algo similar acontecia na família de Paulo Roberto Kormann. Observa-se no seu relato que a renda familiar vinha do trabalho como operário. Entretanto, em casa cultivava-se batata, cana, aipim, milho e era criada uma vaca de leite, o que ajudava no sustento. Vários produtos eram vendidos para conseguir um dinheiro extra, como

<sup>3</sup> João Bosco da Silva, 67 anos, operário têxtil aposentado, depoimento cedido ao autor em Timbó, 27 de abril de 2018.

<sup>4</sup> Lourival Motta, 76 anos, operário marceneiro aposentado, depoimento cedido ao autor em Timbó, 23 de março de 2018.

queijo, leite, nata, galinhas e porcos. Kormann escreveu que a renda principal vinha da roça, ou seja, o trabalho na fábrica era uma renda complementar. Como o homem ia trabalhar como operário, as mulheres e as crianças precisavam dar conta da agricultura.

É, eu ia de criança e gente batia tapetes, tinha um tear e até um vizinho nosso com a idade de 15, 16 anos e aí a gente fazia tapete, era um tear que tinha, então. [...]. A gente fazia esse trabalhinho em casa também, porque a gente foi, nos fomos colonos também, a gente tinha vaca de leite, aí plantava milho, aipim, essas coisas aí, batata, e cana, e enfim, então a gente vivia da lavoura também, então meu pai era o único que trabalhava em firma e o pagamento dele era só o pagamento dele que vinha pra sustentar a família e no restante a gente se mantinha com a venda de queijo, leite, nata, galinha, essas coisas aí, porco, mas sobrevivia praticamente da, da roça.<sup>5</sup>

Essas características da família do trabalhador em Timbó estiveram presentes desde o início do processo de industrialização, iniciado por volta dos anos 1920, processo este que se desenvolveu lentamente. Foi somente depois da década de 1960 que a industrialização e a urbanização se intensificaram, mas o colono operário não desapareceu de imediato, estando ainda presente, ainda que de maneira residual, na década de 1980.

O aumento considerável do setor industrial em Timbó pode ser observado na tabela a seguir, que mostra o número de estabelecimentos e o pessoal ocupado nos anos 1970, 1980, 1989 e 1992.

---

<sup>5</sup> Paulo Roberto Kormann, 64 anos, operário calçadista aposentado, depoimento cedido ao autor em Guabiruba, 09 de março de 2018.

Tabela 1:Estabelecimentos e pessoal ocupado em Timbó nos anos de 1970 -1992.

Gênero	1970	1980	1989	1992
	Estabelecimentos	Pessoal Ocupado	Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
Extração de Minerais	04	18	03	07
Transformação de Prod. Min. Metálicos	18	50	27	301
Metalurgia Mecânica	10	23	14	765
Mat. Elétrico e Comunic.	08	391	09	694
Material de Transporte	01	-	07	293
Madeira	03	25	02	-
Mobiliário	10	133	15	569
Papel, papelão	08	43	05	30
Borracha	02	-	01	-
Couro, peles e prod. Simil.	01	-	-	-
Química	05	14	02	-
Prod. Mat. Plásticos	02	-	-	-
Têxtil	-	-	-	-
Vest. Calç. E Art. Tecidos	14	114	07	289
Bebidas	-	-	-	-
Fumo	01	-	01	-
Editorial e Gráfica	02	-	02	-
Diversos	01	-	-	-
Unid. Aux. Adm.	-	-	02	-
Total	108	1115	133	3940
			291	8096
			275	6134

Fonte: SCHWARTZ, Osmar. O desenvolvimento industrial do município de Timbó. Blumenau, 1993, p. 10.

Observa-se na tabela que durante a década de 1970, os setores que mais empregaram foram o da mecânica, têxtil, vestuário-calçados, artigos de tecido, madeireira e produtos alimentares. Já na década de 1980, houve uma expansão dos setores da metalurgia, mecânica, madeireira e vestuário-calçados e artigos de tecido. Por sua vez, outros números que mostram a urbanização e industrialização de Timbó indicam que no final da década de 1960 haviam 15.247 habitantes e desses, 6.115 viviam na área rural (BUZZI, 1969: 130). Já em 1980, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, dos 17.924 residentes no município, apenas 3.465 habitantes viviam na área rural.

Houve, com o processo de industrialização, uma transformação na paisagem do município. Se antes prevaleciam pastos e plantações, depois surgiram prédios, ruas pavimentadas e fábricas, localizadas a princípio no centro da cidade. Mais adiante, o centro passou a servir para o comércio, bancos, serviços e escritórios, com as fábricas sendo deslocadas para as proximidades da rodovia BR – 470, no chamado Bairro Industrial. E, ao redor dessa área, surgiram bairros residenciais para os trabalhadores, que puderam morar perto de suas fontes de emprego.

### **1.1.2 – Constituição da classe trabalhadora de Timbó**

Edward Thompson advertiu que a formação da classe trabalhadora é complexa. “O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural, quanto da econômica”. E mais: a classe operária “formou-se a si própria tanto quanto foi formada” (Thompson, 1987: 18). Pois bem: as pessoas que foram trabalhar nas fábricas de Timbó já carregavam consigo uma série de costumes. Por exemplo, um operário que até hoje tem uma vida religiosa ativa, João Bosco da Silva, relatou que quando foi procurar emprego nas fábricas na década de 1980, ouvia de seu pai conselhos como: “cuida e toda noite tem que rezar o rosário, não precisa ser inteiro, num dia você faz meio rosário, no outro dia tu termina”. Esse operário teve uma educação religiosa tradicional, mas ao entrar em contato com a fábrica mudou sua perspectiva, como veremos mais adiante.

A classe trabalhadora presente no município era heterogênea: a mão-de-obra era proveniente de vários lugares, uma parte dos operários vinha dos municípios vizinhos, outra parte do meio rural do próprio município, como constatou Osmar Schwartz,

através de entrevistas com trabalhadores no ano de 1993 (Schwartz, 1993: 12). O mesmo pode-se observar em depoimentos de trabalhadores: “a ICTR está bem reduzida, deve ter uns 20 funcionários. Na Rua São Paulo, ela chegou a ter 120 funcionários, tinha até ônibus que vinha de Benedito, ônibus não, uma van”.<sup>6</sup> Ou seja, apesar de não concorrer com Blumenau, localizada a 30km e principal centro industrial da região, Timbó vinha se consolidando na década de 1980 na área industrial, atraindo por isso, trabalhadores de municípios vizinhos como Rodeio, Benedito Novo e Rio dos Cedros, os quais tinham na agricultura sua principal atividade econômica.

Tabela 2: Residentes de outras cidades que trabalhavam todo dia em Timbó em 1993.

<b>Pessoas que moram em outras cidades e vem diariamente trabalhar em Timbó</b>	
<b>Empresa/Cidade</b>	<b>Nº de pessoas</b>
<b>Benecke &amp; Irmãos Ltda</b>	<b>40</b>
Rodeio	21
Benedito Novo	18
Rio dos Cedros	1
<b>A. Machado &amp; ilhós Ltda</b>	<b>1</b>
Benedito Novo	1
<b>METISA – Metalúrgica Timboense</b>	<b>419</b>
Rio dos Cedros	125
Ascurra e Rodeio	125
Benedito Novo e Rio Cunha	162
Blumenau	7
<b>Carrocerias Linshalm Ltda</b>	<b>4</b>
Indaial	2
Benedito Novo	2
<b>Média dos que vem trabalhar em diversos</b>	<b>50</b>
Considera neste item os que vem trabalhar na construção civil, comércio, outras.	
<b>Malharia Diana</b>	<b>71</b>
Indaial	20
Blumenau	8
Rodeio	15
Rio dos Cedros	22
Benedito Novo	6
<b>Total</b>	<b>585</b>

Fonte: SCHWARTZ, Osmar. O desenvolvimento industrial do município de Timbó. Blumenau, 1993, p. 12.

Outro contingente de trabalhadores vinha de regiões mais distantes, do interior do estado e também do litoral. Muitos deles não eram de etnia italiana ou alemã e isso causou um impacto grande na cidade. Sua presença foi usada para diferenciar os

<sup>6</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

trabalhadores locais e os de fora com o objetivo de criar e/ou reforçar um estranhamento com os “estrangeiros”, como demonstra o relato a seguir:

Na calçada passou um cara, um cara preto, que a gente sabia que era gente que veio de fora, mas que gente que trabalhava e quando ele ia pro centro, de a pé, ele (Honorato Tonolli, amigo de Gelásio Fiamoncini) disse: Olha ali, nossa gente está vendo ele dizia, olha o nosso tipo de gente agora que nós temos. Eu digo que gente? Olha lá, ele disse, está começando, eles estão começando a pintar a nossa gente.<sup>7</sup>

Por parte dos descendentes de italianos, para se referir a essas pessoas que vinham de fora, era frequente o uso do termo *brasiliani*. Essa palavra era um dos elementos de diferenciação que reforçava a identidade dos descendentes de italianos na cidade. Ela era usada de forma pejorativa e atribuía a essas pessoas comportamentos negativos como preguiça e falta de iniciativa, uma vez que os *brasiliani* eram identificados como pobres, sujos, gente sem valor, que não queria trabalhar.<sup>8</sup>

Havia o pensamento de que esses “de fora” eram os responsáveis por provocarem agitação e desordem na cidade, inclusive em tempos de greve. Entretanto, grande parte dos trabalhadores envolvidos com o sindicato e movimentos que reivindicavam melhorias para a classe trabalhadora na década de 1980 não eram migrantes ou *brasiliani*, eram em sua maioria descendentes de italianos ou alemães e nascidos em Timbó ou municípios vizinhos. É curioso inclusive que, ainda hoje na cidade e região, persiste a ideia de que as pessoas “de fora” são as que causam problemas, principalmente a violência e a falta de empregos, e mesmo diante do fato de que a recente crise econômica do país não afetou muito a cidade, sendo que sequer os empregos ocupados pelos “de fora” fazem falta aos nascidos nela, é comum se deparar com falas xenofóbicas dos habitantes locais.

Seja como for, a formação da classe trabalhadora em Timbó contou com considerável aporte de operários que vieram de outros lugares e tiveram sua primeira experiência fabril ali. Isso significou uma mudança no modo de vida dessas pessoas, como constatou Eder Sader em seu estudo sobre os trabalhadores da Grande São Paulo nas décadas de 1970 e 1980: “As experiências de procurar trabalho, obter documentos, arrumar moradia foram realizadas no curso de um processo de ressocialização, onde estão presentes representações que expressam uma alteração de padrões culturais”

---

<sup>7</sup> Gelásio Fiamoncini, 62 anos, motorista e operador de máquinas, depoimento cedido ao autor em Timbó, 10 de outubro de 2017.

<sup>8</sup> Isto, certamente, não era exclusividade de Timbó: ver Moser, apud CADORIN (2003: 34).

(Sader, 1988: 88). Assim, adaptar-se a esse novo lugar era uma das preocupações, e fazia parte disso passar uma boa imagem para conseguir emprego, como recordou um depoente: “Eu morava em Ibirama e queria vir para Timbó trabalhar na fábrica, então fui lá no Paulo Pets, que era o delegado, e pedi um atestado de conduta. Assim que cheguei aqui, fui até a delegacia mostrei o atestado, eu não queria, mas era um sistema que tinha”.<sup>9</sup>

Prosseguindo, outra parte da mão-de-obra das fábricas do município de Timbó era composta por colonos ou filhos de colonos do próprio município. Parte deles trabalhava na roça quando jovem e na medida em que ficava mais velha ia procurar emprego para ajudar no sustento da casa dos seus pais ou da nova família que formavam. Após sair de casa era comum passar a sobreviver apenas com o salário da fábrica, pois o filho não tinha dinheiro para comprar outra terra e continuar sobrevivendo como agricultor, deixando assim de ser colono operário, para ser apenas operário.

Meu pai foi agricultor. Meus pais viveram da roça, trabalharam da roça, como tinha comentado antes. E eu, nós na verdade, até os 17 anos também trabalhamos na roça, eu e praticamente todos meus irmãos passamos pelo mesmo sacrifício. Até quem era de menor não ficava em casa, trabalhava na roça. Nós éramos plantadores de fumo. E assim, depois é que eu vim trabalhar nas indústrias, nas fábricas.<sup>10</sup>

Pode-se constatar que a principal força de trabalho nessas pequenas propriedades rurais era constituída pela própria família, em geral bastante numerosa, como recordou o mesmo Gelásio: “Assim, é que fomos 11. Calcula-se que nascia 1 por ano ou 1 a cada 12 ou 13 meses. Então quando eu tinha 1 ano o mais velho já tinha 13, 14 anos”.

Os filhos mais velhos iam casando e saindo de casa, na maioria das vezes para trabalhar nas fábricas, e os mais novos ficavam para trabalhar na lavoura até atingirem idade suficiente para sair de casa também. Eles poderiam sair de casa para formar uma família casando-se ou, mais raramente, faziam carreira em colégios onde as meninas eram ensinadas a ser freiras e os meninos a ser padres.

O operário de serraria, hoje aposentado, Lourival Motta, contou que quando morava com os pais trabalhava na roça e serrando madeira, mas depois que saiu de casa passou a ser exclusivamente um operário na serraria.

---

<sup>9</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

<sup>10</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

Continuei sempre a trabalhar de operário, puxava madeira e tudo, depois deixei de puxar madeira e fui trabalhar numa serraria como operário. Tinha um irmão que trabalhava na serraria e me fez o convite porque tinha vaga. Lourival, ele disse, tu queres deixar esse serviço de trabalhar nos matos, passear em comboio? Vem trabalhar na serraria, aí fui lá, já fiz a ficha e já comecei a trabalhar, e trabalhei de 22 anos, até me aposentar com 54 anos.

Na década de 1980 esses empregos nas fábricas ficaram cada vez mais importantes, pois as terras para plantar foram ficando cada vez mais escassas. Seus trabalhadores passaram a se diferenciar do tipo colono-operário, já que não possuíam terra. Outra característica que os diferia era a jornada de trabalho, para o operário comum na maior parte dos casos, a jornada de trabalho era de oito horas e mais algumas horas extras, o que não era um problema porque a distância a percorrer até sua moradia não era grande. Já para a maioria dos colonos operários o tempo de percurso da sua propriedade até a fábrica variava de 2h a 4h, além do que, eles trabalhavam cerca de 5h na lavoura, o que era possível, pois as fábricas empregavam em 3 turnos (geralmente, das 5h às 13h e 30min; das 13h e 30min às 22h; e das 22h às 5h, este último mais curto por ser noturno) (SEYFERTH, 1987: 109). Esse processo veio se aprofundando cada vez mais com o decorrer do tempo.

Já em 1968, Gelindo Buzzi notou que era “difícil conseguir-se novas terras, áreas, ou propriedades para arrendar” (1969: 142). Além disso, compôs uma tabela com o número de propriedades agrícolas existentes segundo seus hectares, na qual se percebia uma quantidade grande de minifúndios, indicando a inviabilidade de ser ao mesmo tempo camponês e operário e a transformação de um trabalho que era secundário na única opção possível.

Tabela 3: Quantidade e tamanho das propriedades agrícolas de Timbó em 1969.

Até 5 Ha.	503 propriedades.
5 a 10 Ha.	234 propriedades.
10 a 15 Ha.	221 propriedades.
15 a 20 Ha.	97 propriedades.
20 a 25 Ha.	65 propriedades.
25 a 30 Ha.	27 propriedades.
30 a 40 Ha.	18 propriedades.
40 a 45 Ha.	3 propriedades.
50 ou mais.	3 propriedades.

Fonte: BUZZI, Gelindo S. (org.). *Álbum do Centenário da Timbó*. Timbó: [s.n.], 1969.

Outro pesquisador que demonstrou a existência de um êxodo rural na cidade de Timbó foi o engenheiro agrônomo Sérgio Roberto Maestrelli. Ele percebeu no início da década de 1990, através de relatos, a preocupação de camponeses que trabalhavam no

cultivo de arroz em Timbó quanto à falta de mão-de-obra para a lavoura devido à partida dos jovens que iam para a cidade estudar ou trabalhar nas fábricas.

Nos primeiros meses de 1973 inicia-se a colheita do arroz. A comunidade participa em peso, o dia inteiro efetuando a colheita manual do arroz. São quase 60 pessoas que em regime de mutirão e troca de serviço, executam a colheita em todas as propriedades. Os mais velhos e experientes cortam e aprontam até 3 sacos por dia. Em torno de 4 pessoas colhiam um morgo<sup>11</sup>. [...] os meses do ano de 1973 iam se passando. O corte manual do arroz exigia a ocupação de muitas pessoas e a colheita praticamente era encerrada depois de quase seis meses. Enquanto toda a comunidade reunida cortava e colhia arroz, Feliciano, também cortava, mas a sua mente estava meditando sobre os problemas futuros, principalmente com a mão-de-obra. “Nesta safra estamos aqui colhendo com quase 40 pessoas. E a próxima safra? Se sobrarem 10 é muito” (MAESTRELLI, 1992: 79).

A escassez de terras cultiváveis e seu elevado preço, em conjunto com o crescimento industrial (e, é possível acrescentar, transformações nos padrões familiares, como a diminuição da autoridade paterna), fez numerosos trabalhadores procurarem emprego nas fábricas ou no setor de serviços. Percebe-se isso no relato de um produtor rural ao mesmo Maestrelli: “Ele foi trabalhar (o filho) de servente de pedreiro de dia e de guarda a noite. Sei que a terra que eu lhe dei é terra de morro, que é úmida no inverno e difícil de trabalhar, mas graças a Deus que temos essa. Eu comprei com muito sacrifício” (MAESTRELLI, 1992: 88).

Camponeses ou colonos-operários, quase ninguém tinha condições de aumentar as suas propriedades de forma significativa pela compra. E as propriedades rurais da região se fragmentaram quando sucessivas gerações receberam suas heranças, apesar dos arranjos entre herdeiros terem prevenido a partilha excessiva durante algum tempo (SEYFERTH, 1987, 115). Mais ainda, a mecanização das lavouras fez com que fosse necessária menos mão de obra. Por exemplo, Maestrelli registrou que em 1975 saiu da oficina da Mastelotto uma máquina colheitadeira de arroz, a primeira da cidade, que aprontava 250 volumes por dia com apenas 3 pessoas trabalhando, enquanto antes uma pessoa com experiência aprontava 3 volumes por dia (MAESTRELLI, 1992, 80). Com isso, o êxodo rural não tinha como ser evitado, mesmo o agricultor aumentando a produtividade.

Dessa forma, o trabalho nas fábricas foi se tornando cada vez mais importante para o sustento das famílias e a cidade cada vez mais urbana. No caso dos migrantes,

---

<sup>11</sup> Segundo o Ministério da Agricultura (2019) um morgo é uma unidade de medida usada mais no Espírito Santo e em Santa Catarina.

esses recebiam apoio de membros da família que já estavam no município. Essa era uma prática comum naquela época. Isso acontecia pois quem já estava na cidade poderia ajudar indicando emprego, documentação, alojamento, ou alguma outra informação. Também se ajudavam fazendo mutirão, a família e os amigos ajudavam a construir a casa um do outro, por exemplo. Um depoente contou que “foram derrubar madeira e fazer casa, tanto é que moraram dentro de um barracão grande em 5 famílias e foram derrubando mato e fazendo a casa de um, e fazendo a casa de outro e de outro”.<sup>12</sup>

Para a adaptação à nova vida na cidade, a família tinha um papel decisivo. Como notou Eder Sader, a “mobilização de parentes, vizinhos e conterrâneos não constitui um resíduo de padrões tradicionais, que tenderiam a sumir com o processo de urbanização, mas são relações atualizadas na vida urbana e constitutivos dela” (SADER, 1988:160). Esses trabalhadores vinham “procurar serviço” e com a expectativa de melhorar de vida.

Sou natural de Ibirama, me criei em Apiúna e depois fui para Joinville, mas não gostei porque chovia muito. Aí o meu primo que morava aqui em Timbó, Aristides Cardoso, me disse: “Tem bastante serviço em Timbó, você não quer ir para lá?” Pensei “legal”, peguei e vim embora.<sup>13</sup>

A maioria desses operários não tinha especialização. Eles a adquiriam ao longo do tempo com as experiências na fábrica e cursos profissionalizantes. Mas havia empresas que procuravam pessoas mais qualificadas para trabalhar e as convidavam de outros municípios.

Eu sou natural de Brusque e em 1976 fui convidado para trabalhar em Timbó, mais precisamente na Calçados Teilaker. Além dos calçados eles compraram maquinário de onde a gente trabalhava em Brusque, chamado de Curtume Brusquense, e me convidaram para dirigir o curtume deles lá em Timbó. Eles tinham um pequeno curtume, mas não faziam aquilo que nós fazíamos em Brusque e por esse motivo a gente foi convidado. Ele nos contratou pra tocar o curtume e a oferta que me fizeram foi o dobro daquilo que eu ganhava. Então eu, recém-casado, parti pra Timbó.<sup>14</sup>

Percebe-se, portanto, que a partir dos anos 1980 Timbó passou a ter um número grande de trabalhadores que não tinham mais vínculo direto com o campo. Eles dedicavam-se exclusivamente ao trabalho nas indústrias locais e viviam na cidade, formando uma classe trabalhadora urbana.

### **1.1.3 – Vida difícil e despertar das greves e manifestações**

---

<sup>12</sup> Vitor Ropelato, 50 anos, eletricista, depoimento cedido ao autor em Timbó, 12 de fevereiro de 2018.

<sup>13</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

<sup>14</sup> Paulo Roberto Kormann, depoimento citado.

Os trabalhadores de Timbó que concederam depoimentos tinham em comum as memórias de uma infância e juventude nas quais eles tinham que trabalhar bastante. O trabalho desde sempre fez parte de suas vidas e foi muito ressaltada a sua vontade de trabalhar. Por mais difícil que a vida tenha sido no passado ou no presente, eles afirmam que nunca lhes faltou vontade de trabalhar e superar esses obstáculos e incertezas da vida. Ou seja, uma virtude de um “bom” trabalhador é ser esforçado e aguerrido. Eles começavam a trabalhar bem jovens na agricultura com os pais ou mesmo em bicos nas fábricas e comércios da cidade. Um trabalhador contou o seguinte: “Eu comecei a trabalhar com carteira assinada de 13 pra 14 anos, só que eu trabalhei só 6, 7 meses, eram só temporadas”.<sup>15</sup> Outros começaram a trabalhar ainda mais cedo, conforme recordou Gelásio.

Comecei a ir para a aula com 7 anos. Com o segundo ano o professor dispensava. Pensa o que que era. O professor dispensava na hora do recreio, do lanche, as 9h para nós ir para casa e buscar o fumo. Que aí o pai já ia de manhã, colhia o fumo e deixava lá. E daí nós íamos para casa a fim de pegar o fumo na roça. Isso com 8 anos, 9 anos. Nós pra botar o cavalo na zorra, nós tínhamos que chamar ele no cocho e botar milho porque nós não alcançávamos. Então a gente passou miséria. Assim digamos, até necessidade, até um pouco de fome. A minha mãe, eu a vi muitas noites ir dormir sem janta.<sup>16</sup>

Além de começar a trabalhar cedo, havia a falta ao acesso a bens materiais básicos, escola, saúde e até alimentação. A emoção ao se falar do esforço da mãe pelos seus filhos e o cotidiano do trabalho na roça desde criança, foi sempre enfatizada nos relatos orais. Por exemplo, o mesmo Gelásio contou com orgulho o que ele e a sua família passaram, de como tinham uma vida difícil, mas superaram ou vinham superando tudo isso. Para ele a vida era bastante sofrida e ele sempre foi trabalhador, desde criança. Não mostrou qualquer vergonha em dizer que desde pequeno trabalhava na roça e tinha que sair da escola para ajudar os pais no trabalho em casa, pelo contrário, isso foi exaltado como uma virtude.

Quantas vezes nós andávamos no pasto e sentíamos o gelo. Então nós chegávamos lá na escola com os pés assim, descalço que chegava a sair sangue de rachar. [...] nós éramos de família humilde mesmo. Eu, se eu falar pra vocês que eu fui dormir, não digo sem janta, mas com fome, porque a mãe coitada teve ocasiões que ela dizia só um pedacinho cada um de polenta. Polenta que era produzida em casa e ainda só um pedacinho.

Normalmente o trabalho exigia um grande esforço físico e não era apenas na agricultura e pecuária.

<sup>15</sup> Nilton Carlini, 50 anos, locutor, depoimento cedido ao autor em Rio dos Cedros, 25 de janeiro de 2018.

<sup>16</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

Forçado. Era carregar fardo de forno lá na exportadora catarinense de fumos. Eu cheguei até a entregar bombonas de água quando tinha 16 anos com uma monareta, Bombonas de 5L, 10L que nem essa aqui. Amarrava ela na bicicleta com uma borracha, tinha umas 20 entregas por dia, tinha que ir até a casa do fulano de tal e subir o morro, as vezes um morro bem alto, não era fácil, era puxado, sol quente.<sup>17</sup>

Uma das alternativas para não enfrentar esse trabalho penoso era se dedicar aos estudos, mas isso era para os poucos que conseguiam entrar nos “colégios de padre”. Dessa forma, sobravam duas alternativas para os jovens que viviam em Timbó na década de 1980: continuar na roça, desde que tivessem uma razoável quantidade de terra, ou procurar emprego nas fábricas ou no comércio.

Morei em Rio dos Cedros até o final do chamado ensino fundamental, quarta série do primário, depois fui estudar com os salesianos para fazer o ginásio, o antigo ginásio, fui estudar porque trabalhar na roça não era o que eu queria em função das dificuldades que esse tipo de trabalho apresentava na vida das pessoas. Então eu fui estudar pra tentar uma vida melhor.<sup>18</sup>

Eram esporádicos os casos que seguiam esse destino. Os empecilhos para se estudar eram vários, principalmente a falta de dinheiro e a necessidade de trabalhar logo cedo. Por isso muitos desses trabalhadores não chegavam nem a completar o ensino fundamental e os que estudavam faziam isso com grande esforço, como salienta o mesmo depoente.

Acabei indo para Timbó estudar no Colégio Leoberto Leal, fiz o curso de técnico em contabilidade, conclui esse curso e fiz vestibular pra engenharia química, iniciei o curso e depois deixei de frequentar porque ele era em tempo integral e eu precisava trabalhar. Trabalhava na época a noite, no terceiro turno para fazer faculdade de manhã e de tarde não todos os dias. Me transferi pro curso de química, fiz o curso de química em parte e tive que desistir porque a parte financeira, a dívida na FURB {Fundação Universidade Regional de Blumenau} estava tão alta que eu não conseguia mais pagar.<sup>19</sup>

Um outro depoente recorda dificuldades ainda maiores para levar os estudos adiante:

Eu queria porque queria estudar, eu lembro tanto é que na época eu tinha que comprar dois livros que era o projetista mecânico e o desenhista mecânico, naquele tempo eu trabalhava de torneiro mecânico numa fabriqueta aqui em Timbó, mas eu não chegava a ganhar um salário porque eu estava aprendendo e cada livro daquele custava um pagamento meu. Então eu não tinha o dinheiro pra comprar o livro e daí o livro era emprestado dos meus amigos, chegava em casa meia noite, jantava, porque não tinha dinheiro pra fazer lanche, e aí eu ia estudar e dormia em cima dos livros na cozinha.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>18</sup> Adilvo Andreazza, depoimento citado.

<sup>19</sup> Adilvo Andreazza, depoimento citado.

<sup>20</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

A maioria dos trabalhadores do município na década de 1980, tanto os das fábricas como os que trabalhavam no campo, enfrentavam dificuldades tremendas para conseguir prover o sustento da família e prosseguir nos estudos. Os trabalhadores tinham várias formas de lidar com essas dificuldades, e uma delas era fazer greves. Para a pesquisadora Vilma Margarete Simão, havia falta de greves e manifestações na região do Médio Vale do Itajaí até a década de 1980 e isso devia-se, entre outros fatores, a “não-identificação dos operários enquanto tais”, pois aqueles que eram colonos ou viviam na roça com os pais tendiam a não se ver como integrantes “de classe trabalhadora, eram proprietários”. Além disso, a não-consciência de sua condição de classe “era reforçada pela identidade étnica com seus patrões” (SIMÃO, 1997: 129). Apesar de não ter um número grande de greves em Timbó e região, é preciso lembrar que nem só de greves vivem as reivindicações, ou seja, não se pode avaliar a participação política dos trabalhadores apenas pelo número de greves. Por exemplo, em Timbó na década de 1980 já existiam outras formas de contestação social como a Pastoral Operária, na Igreja Católica, e do Partido dos Trabalhadores. Essas instituições não foram capitaneadas por colonos operários, mas majoritariamente, por trabalhadores que tinham como sustento o trabalho na fábrica. A seguir descreveremos e analisaremos como alguns operários de Timbó participaram desses movimentos organizados com a finalidade de lutar pelos seus interesses.

## **1.2 - Violência simbólica e outras dificuldades de ser petista nos anos 1980**

### **1.2.1 – Greves**

O Brasil passou por diversos regimes políticos que ora eram mais liberais, ora mais autoritários. Entretanto, apesar de esses conceitos parecerem antagônicos, liberalismo e autoritarismo no Brasil não eram excludentes, mas sim coexistiam. Hélio Trindade percebeu que isso vem acontecendo no país há muito tempo e escreveu que “a singularidade do sistema político brasileiro é a sua persistente hibridez ideológica e institucional, combinando estruturas e práticas políticas autoritárias e liberais” TRINDADE, 1985: 70).

A década de 1980 não foi diferente. Mesmo com o fim da ditadura militar no Brasil, várias práticas autoritárias permaneceram na política nacional, bem como no cotidiano do trabalhador. Nesse subcapítulo pretende-se analisar alguns episódios que

revelam conflitos narrados por trabalhadores, que na década de 1980 participaram ativamente na luta por melhores condições de trabalho e de vida, seja em sindicatos, partidos políticos ou pastorais da Igreja Católica.

Seja como for, durante a década de 1980 ocorreram greves de várias categorias no município, como professores, bancários e metalúrgicos. Um exemplo disso foi a greve de professores da rede estadual que aconteceu em 1980, encabeçada pela Associação dos Licenciados de Santa Catarina - ALISC. Nesse momento, segundo Ana Maria Borges de Souza, “o centro da mobilização era a reclassificação de salários, acompanhada pela abertura de concurso público para vários segmentos do magistério, dentre eles, os especialistas em assuntos educacionais (orientadores, supervisores, administradores)”, uma vez que isso possibilitaria o enquadramento dos professores licenciados de acordo com a sua qualificação e contemplaria “as horas dedicadas aos cursos de aperfeiçoamento, num ensaio para o plano de carreira, conquistado posteriormente” (SOUZA, 1994:28).

Nesse contexto, Adilvo Andreazza, professor da rede estadual em Rio dos Cedros e Timbó, que posteriormente adquiriria simpatia pelo Partido dos Trabalhadores, inclusive participando de várias reuniões, relata como foi difícil permanecer firme na greve devido às ameaças que ele e seus colegas sofreram. Nessa ocasião o diretor, representando o Estado, usou de sua autoridade a fim de intimidar os grevistas:

Em 1980 teve a primeira greve dos professores estaduais, eu era ACT e no Ruy Barbosa, em Timbó, e no Giovanni, em Rio dos Cedros. No Ruy Barbosa uns 10 professores fizeram greve e em Rio dos Cedros foram 3, o Pedrelli, o Floriani e eu. Os dois acabaram voltando para a sala de aula devido às ameaças. Eu fui ameaçado de prisão pelo diretor da escola caso eu não retornasse para a sala de aula. Como eu conhecia o delegado fui lá na delegacia [ver] se existiria motivo para ser preso caso não fosse trabalhar e o delegado me disse que não, porque eu não estaria cometendo nenhum crime. Então continuei na greve, mas tremi na base porque na época era assim, ameaça mesmo, e aí eu pensei que nunca mais ia ter emprego. Mas depois consegui emprego, nunca através de favores políticos, mas sempre através de meu esforço. Eu sempre fazia os concursos, aguardava a minha vez e conseguia algumas aulas pra trabalhar. Na época não era fácil.<sup>21</sup>

O medo de ser preso de Adilvo Andreazza não era à toa. Alguns trabalhadores foram presos por praticarem ou incitarem greve, inclusive professores. Várias leis foram criadas durante o Regime Militar (1964-1985) para restringir o direito de greve, como o Decreto-Lei nº 1.632, de 04 de agosto de 1978:

---

<sup>21</sup> Adilvo Andreazza, 62 anos, médico, depoimento cedido ao autor em Blumenau, 20 de abril de 2018.

Art. 3, caput: Sem prejuízo das sanções penais cabíveis, o empregado que participar de greve em serviço público ou atividade essencial referida no art. 1º incorrerá em falta grave, sujeitando-se à seguintes penalidades, aplicáveis individual ou coletivamente, dentro do prazo de 30 (trinta) dias do reconhecimento do fato, independente de inquérito.

- I – Advertência;
- II – Suspensão até 30 (trinta) dias;
- III – Rescisão do Contrato de trabalho, com demissão por justa causa.

Posteriormente, Adilvo Andreazza participou de outra greve na qual ele foi responsável por liderar o movimento na região do Médio Vale do Itajaí. Isso aconteceu no ano de 1987 quando era o presidente da Associação dos Professores do Médio Vale do Itajaí – APROVALE, que seria na prática uma regional da ALISC (que, em 04 de outubro de 1988, se transformou no SINTE – Sindicato dos trabalhadores em Educação da Rede Pública de Ensino do Estado de Santa Catarina). No local em que ele trabalhava, a Escola Ruy Barbosa, o diretor era um indicado pelo governador Pedro Ivo Campos, do PMDB, e se chamava Felinto Schuller. Após 57 dias, a greve terminou sem nenhuma negociação e com muita repressão.

Não negocia, não se dispõe ao diálogo com as associações - conforme prometera quando candidato -, envia esforços para descharacterizar as lideranças representativas dos trabalhadores, ataca com difamações suas organizações, pune o movimento de vários modos, entre os mais graves, ordena à sua polícia para que bata nos trabalhadores em greve e freie o movimento pela prática do terror. Não satisfeito, o governo promove o desconto dos dias paralisados de uma só vez, deixando muitas famílias em estado desesperador, pois o salário dos trabalhadores em educação nunca possibilitou-lhes investimentos financeiros capazes de dar suporte a um momento como este. Abre processos administrativos contra grevistas e possibilita perseguições políticas nas escolas. (SOUZA, 1994: 44)

Em Timbó as perseguições aconteceram de forma mais sutil. Segundo Andreazza, o diretor tentou desarticular o movimento grevista pressionando os professores. Isso ocasionou uma situação incômoda do diretor para com os professores durante o tempo de greve, corroborada devido a ele ter um cargo de confiança e representar oficialmente o Estado. Mas o diretor também pertence à classe dos professores, e, como eles, tem o seu salário defasado, dessa forma ele ficava fazendo essa função de mediação entre o governo e seus colegas de trabalho, afim de tentar manter um ambiente saudável.

O Felinto foi diretor da escola. Ele era de extrema-direita. Era uma relação muito difícil porque ele tentava sempre te puxar para o lado dele, e eu me sentia desconfortável com isso. Para gerenciar melhor as questões, ele queria conhecer X, Y, Z, ele era uma pessoas perigosa nesse aspecto porque jogava pesado, ele me chamava lá para conversar comigo, tentava me convencer, me

pedir coisas que eu não queria dizer a respeito de outras pessoas porque ele tentava obter informações e eu não queria entregar.<sup>22</sup>

Apesar dessas dificuldades Adilvo Andreazza considera que, na região, o principal polo grevista dos professores foi a Escola Ruy Barbosa. Ali ele considera que sempre houve uma participação satisfatória em tempo de greve, o suficiente para demonstrar que havia problemas a serem enfrentados.

Nessa mesma época, final dos anos 1980 nas metalúrgicas de Timbó, a desconfiança dos patrões com os sindicatos e trabalhadores também existia. Havia como que uma disputa sobre o que representava o sindicato, pois para o patrão, o sindicato podia prejudicar a empresa, causar desordem e prejuízos. Já para o operário, podia significar uma possibilidade de lutar por melhores condições de vida e trabalho. Aparece então uma disputa entre o operário e o patrão para, nas palavras de Pierre Bourdieu, imporem “a definição do mundo social mais conforme os seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (BOURDIEU, 1989:11). Essa disputa acontecia de forma discreta no cotidiano, ou mais explicitamente em amplas mobilizações, sendo que o patronato ocupava uma posição dominante porque podia açãoar a seu favor a demissão.

O perigo de ser demitido por fazer cursos sindicais, greves e manifestações era eminente, já que esse tipo de ação confrontava a posição ideológica do patrão. Por exemplo, isto é nítido nas lembranças de Gelásio Fiamoncini, com o agravante de que ele estava ajudando a reconstruir o Partido dos Trabalhadores na cidade e, por se identificar com esse partido, era visto com mais desconfiança ainda, tendo em vista que o PT foi fundado por sindicalistas e estava relacionado com os movimentos sociais.

Naquela época, quando fundamos o partido, eu estava ansioso para saber mais. Aí fui para Brusque, fiquei três dias lá fazendo um curso de sindicalismo dado pelo padre Fachini. Quando voltei para casa e fui na segunda-feira trabalhar já estava tudo pronto pra me demitir. Por quê? Porque enquanto eu fui pra lá alguém já avisou. Tu vês, em 3 dias.<sup>23</sup>

Nesse caso, o trabalhador que fez curso sobre sindicalismo foi chamado pelo patrão que queria saber mais sobre o que o funcionário pretendia com isso, pois tais ensinamentos poderiam prejudicar a empresa mediante movimentos grevistas e outras

---

<sup>22</sup> Adilvo Andreazza, depoimento citado.

<sup>23</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

manifestações. Isso foi feito através de uma série de questionamentos visando advertir o funcionário, num contexto em que este último acredita ter sido delatado para o patrão.

Prosseguindo, Gelásio Fiamoncini relatou suas lembranças dessa conversa.

Quando eu voltei na segunda-feira eu nem comecei a trabalhar no turno das 13:30h às 22h, pois já me chamaram lá. O patrão disse: “Você foi aonde no final de semana?” E eu, recém-casado, com uma criança pequena, respondi: “Porque te interessa aonde eu fui? Eu fui passear.” “Foi passear? Que bom. E foi bom o passeio?” “Foi, foi bom.” Mas eu já percebi que ele sabia. Eu disse: “Peru”, o nome dele é John Muller, mas todo mundo chamava ele de Peru, “eu fui pra Brusque, fui fazer um curso de sindicalismo”. E ele “Sim, mas para quê?” “Porque eu quero aprender um pouquinho sobre sindicato, porque para mim burro, analfabeto, não é aquele que não sabe ler, é aquele que não quer aprender a ler, eu quero no mínimo aprender ler.” “Tá,, mas não precisa ir lá fazer curso de sindicato, que nós temos um sindicato bom.” Eu disse “é, vocês têm o sindicato bom, nós que não temos”. Aí já quebrei. E ele “Então quer dizer que tu estás querendo te preparar pra fazer uma chapa contrária?” “Não, não é isso que eu estou falando. Mas se precisar a gente vai fazer.” Eu disse “não fui pra Brusque pra saber só dos meus direitos, eu fui pra saber os direitos e deveres. E o sindicato de uma certa maneira te orienta sobre deveres e sobre direitos, e uma empresa que cumpre com seus deveres tem direito de exigir os deveres.” Então, então ele começou a pensar e foi acalmando, viu que não me intimidei, mas fui várias vezes pressionado.<sup>24</sup>

Pelo depoimento, o trabalhador a princípio não quis admitir que foi fazer um curso de sindicalismo para o patrão, só admitindo isso mais adiante. A tensão também fica evidente na crítica ao sindicato que deveria representá-lo. Um fator igualmente significativo é o indício de que ele não gostaria de ser considerado um agitador, ou pior, um malandro e vagabundo, pois busca deixar claro que não quer apenas direitos, mas também cumprir com seus deveres, evidenciando um discurso conciliador (tema que será aprofundado no capítulo dois), ainda que denote ter realizado um ato de coragem ao discutir com o patrão, pois poderia perder aquele emprego de que tanto precisava.

Apesar dessas tensões nas empresas e do uso das demissões e intimidações para coibir um movimento operário organizado, aconteceu uma importante greve operária em Timbó. A greve geral de 1989 que aconteceu em boa parte do país, também marcou presença na cidade de Timbó e teve a adesão dos trabalhadores de três grandes empresas, Herveg, METISA e Mueller. De forma geral, os trabalhadores “exigiam reposição das perdas salariais oriundas dos planos econômicos governamentais, mobilizando cerca de 35 milhões de trabalhadores em todo o país” (KORNIS e SANTANA: 2018). Eles sabiam que ao tomar essa atitude poderiam perder o emprego, inclusive os que ocupavam cargos relevantes dentro da empresa, o que implicou numa

---

<sup>24</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

discreta mobilização para a sua organização, sendo que a prática mais comum utilizada foi o recurso a conversas informais entre os trabalhadores (o próprio sindicato já havia negociado que não haveria greve).

Nessa época, a greve já não era mais ilegal, sendo mesmo reconhecida como um direito pela Constituição Brasileira de 1988. Apesar disso, porém, os trabalhadores sofreram perseguições e intimidações, como recordou o mesmo Gelásio Fiamoncini:

No dia seguinte me chamaram e quando cheguei na sala de reuniões tinha um painel com uma pauta, sendo que a primeira coisa era o primeiro nome em ‘o que é que nós vamos fazer com o Gelásio’. Eu disse pronto, eu já estou desempregado, porque não tinha outra saída. Mas na hora eles nem podiam mandar ninguém embora porque foi uma greve legal, mas era perseguição.<sup>25</sup>

Além de correr o risco de perder o emprego por participar de movimentos sindicais ou partidários que defendiam o trabalhador, também existiam complicações para ser contratado por esses mesmos motivos, como lembrou um ex-membro do PT de Timbó, Sigifredo Schiochet.

Sendo PT, para conseguir emprego aqui em Timbó era difícil. Tu até conseguia, mas tu tinhas que ser muito bom, tu tinhas que ter um padrinho, alguma coisa assim, mas só pelo fato de ter daquela estrelinha vermelha ali eles já te escanteavam.<sup>26</sup>

A pressão sobre os trabalhadores visando evitar todo tipo de organização e mobilização era generalizada e nada discreta. Na visão de Vitor Ropelato, participante da Pastoral da Juventude de Timbó nos anos 1980, os trabalhadores de fábrica que tinham ligações com o PT eram rotulados de agitadores e sofriam intimidações para que não manifestassem suas opiniões políticas.

Tinha [trabalhadores] tanto da Pastoral como do Partido. Só que a TEKA era uma das empresas muito conservadoras da época e era sempre contra isso. Então o pessoal dentro da empresa quase não se manifestava, quem se manifestava ficava meio no White. Não que eles demitiam, mas eles botavam pressão pra cima dos caras, porque eles achavam que só pelo fato de ser do PT o cara era um agitador. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas essa era a mentalidade do pessoal da época.<sup>27</sup>

O medo da demissão era concreto, porque os trabalhadores perderiam o emprego por terem participado de movimentos grevistas. Esse era um mecanismo de controle usado pelos patrões, tendo em vista que as condições de vida dos operários não eram fáceis e o salário que recebiam era vital para suprir as necessidades básicas de sua

<sup>25</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

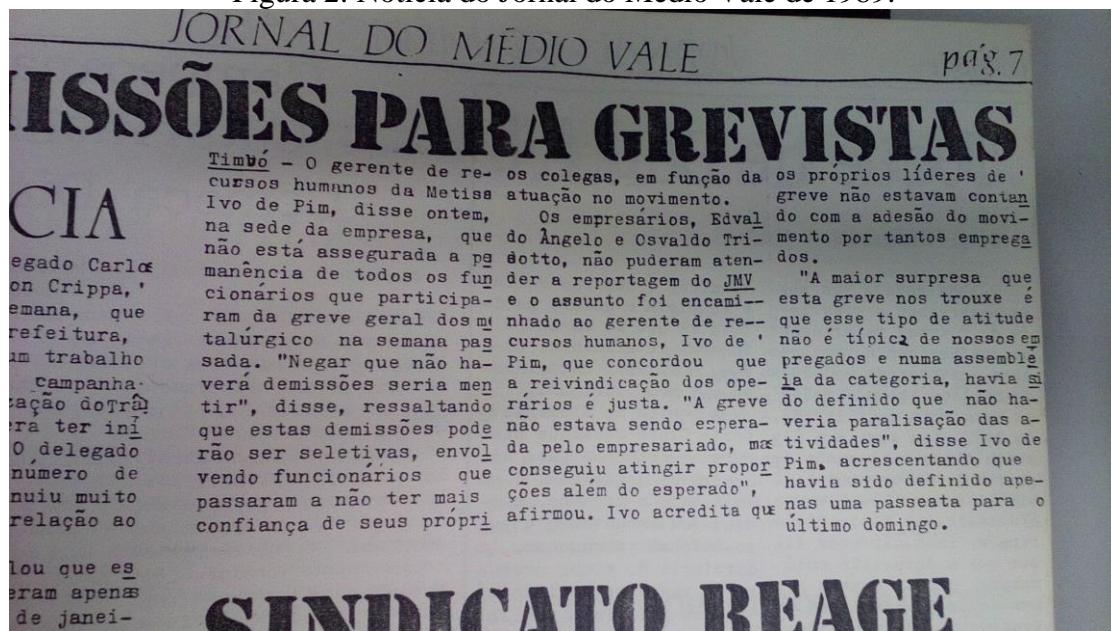
<sup>26</sup> Sigifredo Schiochet, 59 anos, empresário, depoimento cedido ao autor em Timbó, 14 de novembro de 2017.

<sup>27</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

família. Além disso, perder o emprego era considerado algo negativo perante a sua família e sociedade, pois estava disseminada uma imagem de que uma pessoa correta seria aquela representada por um trabalhador responsável e honesto. Ser reconhecido pela família, amigos e sociedade como trabalhador, era ser reconhecido como alguém que trabalhava bastante e com eficiência, era uma honra e uma virtude para o sujeito. Dizer que trabalhou a vida inteira no mesmo local e que na sua carteira assinada nunca havia sido registrada nenhuma demissão, ou quando muito, pouquíssimas mudanças de emprego, significava um orgulho e atraía admiração. O contrário disso, aquele que não trabalhava ou trabalhava mal, ou que mudava sempre de emprego, ficava desmoralizado, era taxado de preguiçoso e vagabundo. Foi construída uma imagem do município e da cidade de Timbó, mas não apenas deste lugar, como sendo a terra das oportunidades onde emprego não falta e só não trabalha quem não quer. Essas ideias faziam parte do cotidiano e da construção da identidade dos trabalhadores de Timbó e estão presentes até hoje. Por isso, como veremos adiante, mesmo em momentos de greve os trabalhadores se preocupam em não passar uma imagem de malandros.

Houve ocasiões em que as ameaças a quem aderisse ou incentivasse greve foram feitas publicamente, como pode ser visto na notícia abaixo. A justificativa para esse tipo de ação das empresas se embasava na ideia de que um trabalhador cumpridor de seus deveres não poderia causar prejuízo ou desordem para a empresa. A notícia em questão foi publicada no Jornal do Médio Vale de Timbó, voltada para a greve dos metalúrgicos de 1989.

Figura 2: Notícia do Jornal do Médio Vale de 1989.



Na matéria, o gerente de recursos humanos da empresa METISA declarou que “A maior surpresa que esta greve nos trouxe é que esse tipo de atitude não é típico de nossos empregados”, recorrendo à ideia de que seus empregados não são trabalhadores do tipo que fazem greve, são uma outra espécie de trabalhadores, ordeiros, disciplinados e comprometidos, além de deixar antever que poderia haver indivíduos infiltrados entre os grevistas. Ou seja, enquanto em outros lugares do país, como São Bernardo do Campo, os trabalhadores metalúrgicos eram incentivados pelo sindicato a se aproximarem dele e se tornarem combativos para efetivarem suas conquistas, em Timbó não se esperava um movimento dessa natureza.<sup>28</sup>

Além das demissões, havia outros modos pelos quais o patronato procurava exercitar sua força sobre os operários. Para um diretor da METISA, por exemplo, a ação foi no sentido de remover o presidente do sindicato de dentro da empresa para evitar que ele estimulasse os trabalhadores a participarem de mobilizações, mesmo ao custo de precisar continuar pagando seus salários sem que ele estivesse presente na empresa. Como recordou Walter Horstmann, que até hoje ajuda o sindicato dos metalúrgicos e ostenta com orgulho no seu escritório uma foto de Luiz Inácio Lula da Silva. No princípio não tinha problema em desempenhar o seu papel como sindicalista dentro da

<sup>28</sup> Cabe destacar que, num primeiro momento, até mesmo em São Bernardo havia dificuldade em mobilizar os trabalhadores, como reconhecia a diretoria do sindicato nos idos de 1972 (RODRIGUES, 1995: 17 e seguintes).

empresa (foram sete anos, de 1979 a 1986, trabalhando na METISA como operário e sendo presidente do sindicato), mas com a chegada de um novo gerente tudo mudou:

E aí falaram, olha, aqui dentro não se fala mais em direito trabalhista, é proibido. E aí já me queimei. Eu não estou fazendo nada de errado, aqui nós temos deveres e direitos. Eu disse, o que eu já estava fazendo eu vou continuar fazendo. Não estou incentivando malandragem aqui dentro, isso não passa, uma pessoa tem que ser levada a sério, isso eu não vou aceitar de jeito nenhum. Aí fiquei na minha. Passou 30 dias e me chamaram de novo, dizendo que infelizmente eu ia ter que sair. E eu, pô, me dá por escrito, assim não vou sair não, e então eles fizeram a carta de iniciativas deles, não foi acordo. Eu saio, mas quero todos os meus direitos como se tivesse trabalhando aqui dentro, senão eu não vou sair. Aí redigiram a carta, fiz cópia autenticada para ter em mãos e nela constava que enquanto eu permanecesse na atividade sindical teria todos os meus direitos mensalmente.<sup>29</sup>

A existência de perseguições às pessoas engajadas em movimentos sindicais ou políticos de contestação à ordem vigente no município de Timbó era algo, portanto, incontestável. Veremos adiante que isso não ficou restrito às fábricas e aos momentos de greve, pois em outros locais e situações isso também ocorreu.

### **1.2.2 – Pastoral**

Outro local de fermentação de ideias contestadoras em Timbó foi na Igreja Católica, mais precisamente na Paróquia Santa Terezinha, onde foram criadas a Pastoral Operária e Pastoral da Juventude na década de 1980, movimentos esses que encontraram resistência e não foram bem aceitos por todos os católicos do município.

A ideia central da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude era transformar a realidade, buscando respostas para as necessidades das pessoas. Havia várias pastorais na paróquia Santa Terezinha, mas das pastorais engajadas mais diretamente no movimento operário destacam-se a Pastoral Operária e a pastoral da juventude. As pastorais eram divididas em grupos e a Pastoral Operária se encaixava no grupo das sociais. “Ela tem por finalidade a transformação social, a dimensão profética da igreja em vista da construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária”.<sup>30</sup> Ou seja, era um local onde trabalhadores discutiam as possibilidades de uma transformação da sociedade pela via política e espiritual, buscando a melhora de suas vidas e de suas condições de trabalho.

---

<sup>29</sup> Walter Horstmann, 75 anos, operário metalúrgico aposentado, depoimento cedido ao autor em Timbó, 15 de novembro de 2017.

<sup>30</sup> Orientação Pastorais 1998-2002, Diocese de Joinville: Somos Operários de Deus. Ed. Odorizzi, p. 4.

Nas pastorais operária e da juventude havia membros simpatizantes ou filiados ao PT que seguiam ou se aproximavam das ideias da Teologia da Libertação. O envolvimento deles com o PT e a forma com que eles interpretavam algumas passagens bíblicas, dando ênfase a importância da mobilização social e política para defender os interesses dos mais pobres, dos trabalhadores, dos oprimidos, era alvo de desconfiança de outras pessoas ligadas à igreja, inclusive pelo padre. Isso pode ser verificado, por exemplo, nos relatos de que existia vigilância sobre o movimento das pastorais operária e da juventude para terem a certificação de que não estavam fazendo “nada de errado”, como por exemplo, tratar de assuntos relativos ao PT na igreja.

E aí ele botou até assim digamos, não digo espião, mas veio algumas pessoas que era da ala deles pra participar. Daí depois foi aonde todos, eu e o Vitor Ropelato e o Nilton Carlini rompemos com ele. A partir do momento que formamos o diretório, a provisória aí tivemos que deixar de se reunir nas salas da, da comunidade.<sup>31</sup>

O padre da Paróquia Santa Terezinha, local no qual se desenvolviam as atividades das pastorais não permitiu que assuntos relativos ao PT fossem tratados na igreja, no seu entendimento política e religião não deveriam se misturar. Segundo os relatos, um dos motivos para isso ocorrer é que ele não apoiava os ideais comunistas e desconfiava de que os membros da pastoral estavam vinculados a esses movimentos, chegando ao ponto de colocar alguém de sua confiança para verificar o andamento do grupo.

Nós tivemos um problema no começo com o padre André, era polonês, tinha uma dificuldade muito grande nas questões, ele veio de um país que era a cortina de ferro, os comunistas, ele tinha a visão de que nós éramos, defendíamos o comunismo aí tinha uma dificuldade muito grande, o cara sempre era muito desconfiado com a gente, aí ele pegou até que ele conseguiu botar lá uma irmã, uma irmã que é a Dulce pra acompanhar a gente como se fosse uma espiã, convertemos a mulher para os nossos ideais, ela saia nas festas com a gente, se divertia, só que dentro da ética não ficava lá fazendo falação, nada disso, se divertia, dançava, brincava, ria, contava piada, fomos pra retiros juntos, pra encontros sabe, tanto é que o apelido dela até hoje é Dudu.<sup>32</sup>

Essa desconfiança com os participantes do PT que integravam as pastorais era ocasionada porque eles eram rotulados de radicais que queriam implantar o comunismo no Brasil. Na época, a Guerra Fria ainda existia mesmo com a União Soviética em crise, ao passo que em várias partes do mundo, principalmente EUA e Grã-Bretanha, estava em voga o neoliberalismo, que era enaltecido por diversos meios de comunicação

<sup>31</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>32</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

(SILVA, 205: 2005). Mais ainda: persistia no país um imaginário anticomunista, usado para desqualificar pessoas e seus posicionamentos políticos (MOTTA, 2000: 8). No relato abaixo, um operário que na época era membro da Pastoral Operária e foi candidato a vereador pelo PT em 1992, relembra a desconfiança que havia com o PT e que o relacionavam com o comunismo.

A primeira vez fiz 74 votos, primeira vez, mas daí na campanha aí era meio difícil porque tu ia nas casas assim, uns não davam bola, mas outros diziam, meu, onde é que tu foi te meter rapaz, tu é louco, os caras são comunistas, deixa de ser bobo, cai fora, não posso te ajudar porque não dá e outros diziam, bom deves saber o que tais fazendo.<sup>33</sup>

Apesar dessas tensões com o padre André, os membros das pastorais relataram ter uma boa relação na época com o padre André, mas ao mesmo tempo relataram que discordavam com ele em algumas ideias. Por exemplo, cita-se que ele discordava como a pastoral da juventude conduzia os seus encontros e os cursos dos quais seus membros frequentavam, vendo-os com desconfiança. Os membros da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude participavam de cursos e encontros em várias partes do estado e se familiarizaram com as ideias da Teologia da Libertação.

Um ex-membro da pastoral da juventude relatou que o padre chegou a chamar o bispo para verificar o que os jovens estavam fazendo na ocasião de um curso oferecido pelo Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, conduzido pela irmã Tereza de Chapecó. Segundo o relato o padre André queria que os membros da pastoral da juventude não participassem do curso, mas sim da missa que ele celebraria. Entretanto os membros da pastoral escolheram ir no curso e isso causou uma tensão entre eles que teve repercussões no segundo encontro que aconteceu meses após o primeiro.

Tínhamos mais um encontro que nós íamos fazer, uma segunda etapa desse curso que ia ser depois de ter meses de novo com ela. Aí a gente foi lá e perguntou para ele se poderia ser ali [na igreja], ele disse que não dava, que estava tudo ocupado. [...]. Conseguimos uma petição na prefeitura e conseguimos o Centro Social Urbano pra fazer o encontro. Aí convidamos os nossos amigos lá da igreja luterana pra participar e foi muito bom o encontro. Quando foi no domingo de manhã quem aparece lá? Chega lá, Dom Gregorio Warmeling que a gente chamava de Tio Gregue, conhecia o Dom Gregorio dos nossos encontros, ele já conhecia a gente. Quando chegou lá no encontro estava a irmã Teresa. [...]. Aí disse, pois é, que bom que o senhor veio aqui, ele disse é, na realidade eu vim aqui porque na realidade me disseram que vocês estão criando uma seita, ele falou, aí nós começamos a rir, eu disse seita? Nós temos aqui os nossos irmãos, [...] que são da igreja luterana, mas nós trabalhamos com o ecumenismo. Aí, sim, mas quem foi. Ah, o padre André, só pode ser o padre André. Eu disse, olha o padre André não deixou a gente fazer nada lá na igreja, ele não queria que a gente fizesse lá. Ele disse,

---

<sup>33</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

eu, a gente não ia mais fazer encontro lá porque a gente não tinha participado da missa de sábado à noite lá, mas a gente participou num domingo à noite. Tio Gregue, a gente falou e ele entisicou que não ia mais deixar a gente fazer lá, então se a gente não pode fazer lá a gente faz em qualquer lugar porque a gente não precisa das salas da igreja se ele não quiser que a gente faça lá. Aí o Dom Gregório disse, uff, deixa comigo que eu vou resolver esse problema, bom estudo para vocês, tchau, desculpe atrapalhar. Não, mas o senhor não quer ficar mais um pouco? Não, não, só vim aqui pra constatar, mas agora já sei o que vou fazer.<sup>34</sup>

Outro motivo da resistência do padre com o curso oferecido teria relação com a discordância da proposta do curso. A proposta desse curso ofertado para os membros das pastorais buscava incentivar as pessoas a tomarem consciência de sua realidade e em conjunto com os outros tentar transformar essa realidade para melhorar a qualidade de vida. A participação dessas pessoas pode viabilizar a mudança pelo viés da pressão sobre o governo reivindicando as duas demandas. São ideias que integram as da Teologia da Libertação, inclusive Carlos Mersters é um de seus principais expoentes.

Dom Gregório, o bispo de Joinville, mantinha uma posição “em cima do muro”. Izaias de Souza Freire mostrou que ele permitia o desenvolvimento da igreja progressista, mas não apoiava publicamente esse movimento, mantendo quase sempre uma postura conciliadora. Freire coloca que: “Mesmo com sua proximidade das classes empresariais, especialmente de Dieter Schmidt, Dom Gregório não desautorizava o movimento da ala progressista da Igreja, mesmo porque a CNBB, como instância superior, autorizava” (FREIRE, 2015: 184). Em outro momento, quando os padres João Fachini e Luiz Fachini são interrogados por um membro da SNI Freire também nota que “o fato do bispo saber antecipadamente e fazer a intermediação causa certa estranheza, embora possa ser entendida à luz da noção das zonas cinzentas” (FREIRE, 2015: 201). No caso do curso ofertado em Timbó, o bispo não tomou nenhuma atitude que prejudicasse o seu andamento, mesmo porque as ideias da Teologia da Libertação estavam autorizadas por instâncias superiores da Igreja Católica.

Os membros das pastorais relatam que posteriormente, o padre foi entendendo que o movimento não era tão radical e não queria implantar o comunismo, tal qual aconteceu no seu país de origem, a Polônia. Com o passar do tempo percebeu que esses igrejeiros faziam parte de uma ala mais moderada e defendiam as ideias do campo da socialdemocracia. Assim foram diminuindo as desconfianças.

---

<sup>34</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

Mas o padre André, eu tô dizendo assim que na concepção de progressista, na visão de progressista o padre André, ele cresceu muito nesse meio sabe, ele percebeu por exemplo de que nós não fomos implantar o comunismo que ele tinha medo que destruiu a Polônia e que não era um comunismo na verdade um capitalismo de estado e a gente falava pra ele, nós não estamos defendendo o que se defendia lá, a gente falava isso pra ele, nós não estamos defendendo o que se defende na Polônia.<sup>35</sup>

Não era só o padre que via as ideias da Teologia da Libertação com desconfiança na Pastoral Operária e da juventude. Outros membros da igreja não queriam participar dessas pastorais por discordar politicamente delas ou por terem medo das consequências que isso poderia acarretar. Participar do PT e das pastorais que ensinavam e debatiam sobre os direitos trabalhistas significava estar contrário aos interesses dos patrões e muitos não queriam participar dessas atividades pois havia o receio de que poderiam sofrer alguma perseguição de seus chefes, como por exemplo perder o emprego. Percebe-se que quando há divergências com os patrões, o medo não raro aparece, não só em momentos de greve, mas também em participar de instituições que defendem os trabalhadores, como a Pastoral Operária.

Porque muitos não queriam participar da Pastoral Operária, eles tinham medo sabe, não sei se é medo. Principalmente quando se falava no PT então. O Partido dos Trabalhadores. Porque tinha que fazer isso de baixo dos panos, os operários que trabalhavam nas outras empresas.<sup>36</sup>

Apesar disso, apenas um membro da pastoral da juventude relata que foi demitido por perseguição política. Um dos membros da pastoral e do PT era trabalhador do ramo do jornalismo, locutor de rádio. Ao ser entrevistado ele contou que devido aos seus posicionamentos políticos foi demitido. A gota d'água aconteceu quando defendeu abertamente num programa de rádio ideias que defendiam a Pastoral da Terra.

Aí eu já estava começando no rádio, comecei com 16 pra 17 anos no rádio. Teve muitos problemas no rádio, perdi muito emprego no rádio por causa disso, por causa da pastoral da juventude. A pastoral da juventude, a Pastoral Operária, a pastoral da terra, principalmente a pastoral da terra, que eu li a carta de apoio como eu li uma vez na cultura e fui demitido, na, olha aqui em Timbó pra você ter uma ideia até hoje, pode ver, eu não trabalho em Timbó.<sup>37</sup>

Apesar de apenas um só membro da pastoral ter relatado que foi demitido pelo seu posicionamento político, foram preponderantes os relatos em relação ao medo de perder o emprego por participar dessa instituição ou do PT. Para Paulo Roberto Kormann que trabalhava na indústria de calçados e era membro da Pastoral Operária e

<sup>35</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>36</sup> Ana Motta, 75 anos, operária aposentada, depoimento cedido ao autor em Timbó, 23 de março de 2018.

<sup>37</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

de outras pastorais, a resposta para o fato de a Pastoral Operária e o PT não terem crescido em Timbó é esta: “os poderosos tinham o poder, o pequeno tinha medo de contrariar, é aquilo que eu falei, por que contrariar o poderoso se eu tenho emprego com ele? Que amanhã eu posso perder”. Além disso ele relatou que quando você adotava esse posicionamento, as pessoas ficavam sabendo e o rotulavam de forma negativa. “Mas a gente sempre era o alvo da coisa, a gente sempre foi conhecido, óh, esse ali é o fulano que não está com a gente”. Portanto os membros da Pastoral Operária e da Juventude enfrentaram uma série de dificuldades e resistências, não apenas de empresários e de outros membros da igreja, mas também da própria coletividade local.

### **1.2.3 – Época de eleições**

Alguns trabalhadores de Timbó chegaram a montar um partido político organizado a fim de continuar lutando no campo da política por melhorias em suas condições de vida. No caso de Timbó, foi fundado o Partido dos Trabalhadores no ano de 1981 e durante a década de 1980 foi se fortalecendo, principalmente depois de 1986. A primeira eleição que esse partido participou na cidade foi a eleição municipal de 1982. Em 1986 houve apoio de membros das pastorais a candidatos petistas para as eleições constitucionais de 1986. Em 1989, na eleição para presidente o partido, tudo já estava mais estruturado e houve apoio ao candidato a presidente Lula. Durante as eleições os ânimos em relação à política tendem a se acirrar, pretende-se demonstrar isso nesse subtítulo.

Em época de eleição a violência simbólica e até física contra membros do PT aconteceu em diversos âmbitos. Por exemplo, o fato de não expor um cartaz do candidato do PT, Lula, na campanha presidencial de 1989 por medo de perder o emprego e ser constrangido pela sociedade pode ser considerado um caso de violência simbólica.

Na primeira eleição do Lula, acho que foi em 89, foi ali que a gente recebeu [cartaz do Lula] e agora o que que vamos fazer? Como é que vamos distribuir esse negócio? Como é que vamos ser vistos na sociedade através de algo que na época se falava em gente revoltada, gente que quer acabar com o Brasil, gente desse tipo que era o discurso da época, como é que a gente ia colocar isso, isso foi um grande dilema pra nós, um grande dilema, a gente não sabia o que fazer com aquele cartaz enorme que a gente recebeu em preto e branco do Lula, com a cara do Lula, e onde que a gente vai colocar isso? Grande

dificuldade. Que que a gente ia fazer isso? A gente nem acabou expondo porque a gente não tinha onde colocar.<sup>38</sup>

Além de distribuir o material e colar cartazes, eram feitas visitas as casas dos eleitores para pedir o voto e disseminar as ideias do partido. Mas nem sempre eles eram bem recebidos, por vezes encontravam pessoas que não gostavam do partido e não estavam dispostas a dialogar, como por exemplo o caso abaixo narrado acerca da campanha para formar a assembleia constituinte em 1986.

E aí em dois ia de moto, e nós chegamos numa casa lá de noitinha de bicicleta eu e mais um outro cara, nós fomos fazer panfletagem assim e entregar nas casas e olha aqui está o nosso candidato e tal tal tal, nós queremos eleger um deputado de Joinville e bababa, e aí o cara, assim um, magnata lá, um casarão uma cerca alta assim, cercado e ele disse, ohh, mas que bom, parabéns pra vocês ele disse, mas entrem, entra, entra, abriu o portão assim, sorte que não era eletrônico, mas era de correr, ele disse, mas nós ficamos no portão assim, ele disse, mas não, mas entra, mas aguarda só um pouquinho ele disse que eu já volto, só vou ali atrás e eu já volto. Aí nós entramos, um metro para dentro, eu disse pro outro cara, digo vamos ficar aqui, senão fica chato ir lá dentro. Ele só foi lá atrás da casa e pshi! Pshi! Pshi!, daqui a pouco veio dois pastor alemão. Dois pastores alemão que veio com tudo. Aí quando eles vieram nós já pulamos para o lado de fora, aí os cachorros não passaram, só vieram, mas era cachorro adestrado. E ficamos ali. Até isso nós passamos por isso.<sup>39</sup>

As campanhas também eram feitas nas empresas. Era comum que o candidato que fosse apadrinhado, ou que tivesse afinidade política com o patrão, tivesse um espaço para propagar as suas ideias dentro da empresa. Nessas situações os petistas encontravam um pouco de dificuldade, não era sempre que havia uma abertura para fazerem campanha dentro das empresas em que trabalhavam. João Bosco da Silva relatou que tinha uma relação boa com os seus patrões, mas quando ele foi candidato a vereador pelo PT nem sempre foi permitido que ele fizesse campanha na empresa para angariar mais votos.

Mas assim, eu senti que ele gostava que falasse lá dentro da firma, não deu abertura assim na primeira vez. Na segunda vez até liberou. Até pode chamar, pode falar com o pessoal, na segunda vez ele não. Na primeira vez ainda era meio, não deu assim muita abertura, queria falar, mas não fui liberado.<sup>40</sup>

As campanhas dentro da empresa eram feitas às escondidas pois havia medo de que o patrão não visse tal atitude com bons olhos e tomasse alguma medida em relação a isso. Apesar de provavelmente o patrão ficar sabendo de que havia em sua empresa candidatos a vereador que defendiam ideias e partidos diferentes do seu, o trabalhador e

<sup>38</sup> Adilvo Andreazza, depoimento citado.

<sup>39</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>40</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

candidato relata abaixo que evita o confronto direto com o patrão, fazendo a campanha da forma mais discreta possível, como relembrou Lourival Motta:

Eu levei sorte sempre que fui candidato duas vezes e sempre trabalhei dentro da empresa, mas eu nunca falei de partido dentro da empresa, dentro da empresa eu nunca falei de PT, que eu sou filiado, e isso aqui, depois que os trabalhadores que os operários as vezes na hora do café assim quando reunia lá então eu falava que eu sou candidato e tudo, e que eu ia distribuir panfleto e tudo, mas sempre escondido do patrão, o patrão, ele é claro ele ia saber, ele com certeza não ia negar, ia querer saber quem eram os candidatos e tudo.

O problema de fazer campanha dentro da empresa para membros do PT aumentava ainda mais quando os patrões eram candidatos ou apoiavam algum candidato. O operário que pensava diferente do seu patrão, continuou o mesmo depoente, não podia falar dentro da empresa afinal eles estavam concorrendo pelo espaço de fala no qual o dono da empresa saía com vantagem, em grande medida devido ao supracitado medo de perder o emprego.

Fazer propaganda contra o patrão. E eu fiquei, permaneci na busca também, na segunda vez fui candidato no Butzke, e também ninguém soube, ninguém sabia lá dentro que eu era candidato, sabiam eles sabiam, mas não me declarei lá dentro como candidato pra não descobrir porque lá tinha os Pauls lá que o Butzke ali era dos Pauls, o Henry Paul era isso ali e eles eram, eles já na época eles eram da, como era a última legenda deles, a PMDB e a ARENA.

Enquanto, recordou ele, outros partidos desfrutavam de regalias concedidas pelo patrão na hora de fazer a campanha, os candidatos do Partido dos Trabalhadores sofriam com a falta de apoio financeiro e o risco de serem demitidos.

Não, era sempre feito só de noite e no sábado e domingo, nós não pegamos licença nenhuma, a, não podia também, esse da METISA eu sei que eles deram licença pra ele, pros operários deles, pra até operário pra fazer campanha pros candidatos deles e na METISA aquela vez sei, e na Baobá não tinha candidatos, mas eles faziam propaganda pros outros e se nós ia dizer que nós fámos fazer pro PT aí era o fim, era a rua.

Por defender e fazer campanha pelo PT houve até casos de agressão física, como por exemplo, atacarem pedras durante a visita nas casas, como é narrado a seguir.

E as vezes a gente chegava num consenso, ou naquele ou no outro ou não, quando não, quando não tinha opção, e pra vereador era pau, porque quando se saia pra gente, o meu carro foi apedrejado e a gente ia e eles sabiam quem eu era e a gente saia por aí, Vila Germer ou outros lugares, e aí como a gente também não ganhava muito e o carro sendo apedrejado no outro dia a gente tinha um custo pra consertar o carro e aí quando a gente foi duas ou três vezes apedrejado daqui a pouco você pensava três vezes, será que eu vou de novo? Com medo de levar um tiro ou alguma coisa nesse sentido, então era difícil na época, e aí se dizia que o país vivia democraticamente e se isso é democracia imagina o que eu, nós temos. Eu fazia então pra ser um país democrático de verdade, democracia na época não era isso que a gente via, e

é o que está tendo hoje nessa, mas quando a gente saia por aí a gente saia até com medo porque a gente era visado.<sup>41</sup>

Esse tipo de violência intimidava os membros do partido a fazerem campanha. Além de poderem se machucar, a maioria deles ganhava pouco dinheiro e ter o carro apedrejado, riscado ou um pneu furado daria um prejuízo grande, perdendo um dinheiro que com certeza faria falta para a família. Interessante notar que essa agressão aconteceu em um bairro que na época tinha como característica ser um bairro operário. Além de abrigar uma grande quantidade de trabalhadores operários, o nome da igreja local é São José dos Operários, bem como o nome de um mercado. Ali viviam principalmente operários que trabalhavam nas empresas de Ingo Germer, prefeito da cidade de 1982 até 1988 pela legenda PMDB, sua presença nessa área é marcante, além do bairro ser chamado Vila Germer, até o nome da escola homenageia a sua família: Escola Municipal Maurício Germer. Apesar da presença marcante de trabalhadores, Paulo Roberto Kormann constata que ali o reduto era da oposição e tiveram dificuldades em fazer campanha nesse bairro.

Eu levei, é que a gente estava panfletando e aí eles viram, dentro da Vila Germer era, ali era o reduto, era forte dos outros então eu calculo que foi com estilingue que eles vieram e é, faz parte da coisa. Aí numa outra pedrada que eu fui, foi para deputado em Ascurra. Em Ascurra eu também tinha poucos carros na época também, o PT era partido de pobre, e aí nós fomos pra Ascurra.

O medo de ser demitido também era perceptível na hora de demonstrar apoio ao PT. Fazer isso em locais públicos era considerado perigoso por alguns, mesmo que fossem favoráveis ao partido, pois eles poderiam ser atingidos na empresa. As conversas sobre o partido aconteciam de forma mais particular, sem grandes exposições em público, para não gerar problemas. O mesmo Paulo Roberto Kormman relatou um exemplo dessa situação, quando em 1992 o PT se aliou com o PDT de Honorato Tonolli, que foi o candidato a prefeito: líderes e simpatizantes do PDT não queriam ser relacionados com o PT, e os petistas apesar de estarem na coligação acabaram se sentindo prejudicados e menosprezados pelos pedetistas.

A gente o PT, o Honorato nós fomos em, é isso foi difícil pra gente, quando a gente foi em comícios eu nunca subi em palanque pra assim digamos pra me apresentar como candidato, que eu nunca fui candidato, mas eu subir no palanque pra dizer alguma coisa sobre o Honorato e sobre o PT e a gente foi aplaudido e a gente sentia que no fundo rapaz tinha gente que as vezes batia palma, mas tinha medo de mostrar a cara com medo que os outros vissem quem é que tá batendo as palmas sabe, era, como é que eu posso dizer, eles

---

<sup>41</sup> Paulo Roberto Kormann, depoimento citado.

batiam, eles queriam até no fim mostrar a cara, mas como eu falei assim ficava com receio porque talvez na empresa eles podiam ser atingidos.

#### **1.2.4 – Outras ocasiões**

Um membro do Partido dos Trabalhadores se aproximou das ideias do partido de forma distinta, não foi por meio das pastorais. Ele conta que em sua opinião ele começou a ter contato com essas ideias quando recebeu o livro *O Manifesto Comunista* durante o ensino médio. Ter acesso ao *Manifesto Comunista* não era fácil e se alguém soubesse poderia gerar problemas no local em que ele estudava.

Em 1983 eu tomei contato com [...] dois professores, numa operação secreta, numa operação escondida, os dois professores que se diziam marxistas me entregaram o *Manifesto do Partido Comunista* dentro do colégio dos padres em Blumenau, o Colégio Santo Antônio. [...] Andar com o *Manifesto Comunista* debaixo do braço era um perigo, não que você fosse preso torturado, mas se você fosse pego com o *Manifesto Comunista* dentro do colégio de padres o mínimo que ia acontecer era um padre te chamar para bater um papo e pra te perguntar algumas coisas, então tu ia te estressar com esse negócio, era melhor andar com o *Manifesto Comunista* escondido debaixo do braço no meio de livros de química e biologia e foi assim que eu tive contato com o manifesto, dois professores me entregaram.<sup>42</sup>

O mesmo depoente conta que aconteceu uma discussão com professor que gerou até um processo interno dentro da instituição. Esse atrito teria ocorrido porque o professor havia se negado a responder uma pergunta para ele devido ao fato dele ser membro do Partido dos Trabalhadores.

Na faculdade de veterinária houve alguns lances. Teve uma vez um professor, um latifundiário, professor de medicina veterinária e latifundiário. O cara me disse em plena sala de aula, no meio de uma aula, eu fui tirar uma dúvida do conteúdo da matéria, ele estava dando aula. Tinha uma dúvida, levantei o braço pra tirar uma dúvida do conteúdo da matéria, o cara me disse em plena sala de aula, eu não vou te responder porque tu és do PT e eu não respondo aluno que é do PT. Eu era do PT, eu era da direção do PT de Lages. E não respondeu. Isso levou a um processo na faculdade, toda uma história. O cara me disse isso em sala de aula, na frente de todo mundo assim, não vou te responder porque é do PT, isso foi em 1987, 1987, dentro da sala de aula o cara disse isso.

Na escola Ruy Barbosa houve uma tentativa por parte do diretor de impedir a criação de um grêmio estudantil e os próprios alunos procuraram a lei para mostrar que tinham direito de se organizar.

Mas então eu ouvi falar da pastoral da juventude, não, ouvi falar da pastoral estudantil e lá eu lá na pastoral estudantil, vi um negócio que tinha grêmio estudantil e eu procurei saber o eu que era aquele negócio do grêmio e eu fiquei sabendo como é que foi a perseguição aos movimentos estudantis e

---

<sup>42</sup> Clausmar Siegel, 52 anos, operário petroleiro, depoimento cedido ao autor em Timbó, 28 de dezembro de 2017.

claro na primeira oportunidade, quando o regime militar já tinha desaguado, que estava o Sarney, que ele revogou a lei deu espaço pra fazer que foi assinado pelo Sarney por incrível que pareça, eu peguei, eu acho, aquela lei não tinha sido divulgada, a gente descobriu que tinha sido aprovada aquela lei, eu peguei aquele documento da lei esfreguei na, porque os caras do diretor adjunto não queria permitir aquilo, disse que a gente podia ser enquadrado, eu levei a lei na mão, está aqui a lei ôh, é mas não, levei uma cópia é, mas está aqui a lei, nós queremos.<sup>43</sup>

### 1.2.5 – Antipetismo

O antipetismo é um sentimento que emergiu com voracidade durante o governo de Dilma Rousseff (2011-2016) em vários setores da sociedade brasileira. Esse sentimento já estava presente na sociedade brasileira desde a criação do PT na década de 1980. Pode-se localizar também o antipetismo na década de 1980 na cidade de Timbó. Percebe-se através dos depoimentos que havia cautela em se envolver com as atividades do PT na cidade. Por exemplo, as reuniões eram feitas de forma discreta com a intenção de minimizar os riscos de sofrer alguma perseguição política.

É, o que a gente fazia eram as nossas reuniões meio escondidas por quê? Pros empresários não saberem que a gente estava se reunindo, tu vês que situação, então. E lá no porão dava no antigo bar lá no hotel cometa, tinha uma sala lá em baixo e a gente ia, a gente se reunia ali é, então aí quando, quando terminava a reunião, aí não ficava em cima batendo papo nada, aí todo mundo ia pra casa.<sup>44</sup>

Dizer que participava e tinha afinidade pelo PT não era uma coisa que fazia as pessoas se aproximarem de você, pelo contrário, geralmente gerava desconfiança.

Existia uma resistência muito grande ao PT e que na época como é que se dizia, e a própria localidade como um todo era muito conservadora então quando se falava em PT...então entende.<sup>45</sup>

Os filiados ao Partido dos Trabalhadores não eram bem vistos por algumas pessoas da Igreja Católica, havia desconfianças no ar, como observa-se no relato seguir: “mas daí surgiu o PT e o Gelásio e o Zeca Prada queriam que me filiasse e me filiei no PT, e aí como te falei uma vez também a gente era bastante olhado atravessado também porque PT é não sei o que é, mas a gente não dava bola pra isso”.<sup>46</sup>

Dessa forma, localiza-se no município a presença do antipetismo desde o início de sua formação, e hoje, este sentimento atingiu grandes proporções, levando o candidato deste partido nas últimas eleições, para a presidência da República, Fernando

<sup>43</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>44</sup> Paulo Roberto Kormann, depoimento citado.

<sup>45</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

<sup>46</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

Haddad, a sofrer uma grande derrota no município. Cabe indicar que esse sentimento já presente desde o início da formação do partido, tomou proporções avantajadas depois de alguns de seus dirigentes serem investigados e condenados por corrupção, o que foi acompanhado com grande destaque pelos meios de comunicação. Não entrando no mérito de se os julgamentos foram justos ou não, pode-se afirmar que o partido sempre carregou a bandeira da ética na política e essas acusações abalaram sua reputação.

Esse fenômeno já na década de 1980 não estava ligado a uma mera disputa de luta de classes. Sabe-se que provavelmente um banqueiro rejeitaria o partido, mas o sentimento antipetismo também estava presente nas classes de trabalhadores, pois como se observa nos depoimentos, os amigos e familiares dos filiados do PT também desconfiavam do partido. O relacionamento com algumas pessoas da comunidade, da família e amigos mudava quando descobriam o posicionamento político favorável ao PT, gerando desentendimentos.

Eu percebi até não comigo, só diretamente comigo, com o pai, entendeu, com o pai é aquela, quando eu falei no começo daquela comunidade em si quando ele era do MDB, essas coisas tudo que dava coisa, depois que o pai se filiou ao PT, então já não foi mais aquele apoio aquelas coisas sabe, então conseguiu montar tudo, mas não é mais aquela vontade do pessoal ajudar por causa da mentalidade do PT, essa PT que falava em ah, é comunista essas coisas assim. Mas teve, oh si teve. E não é pouco tá. Tem coisas que você só vai perceber depois, mas poxa vida, mas o cara sempre fazia isso tudo e agora o que que é, é isso aí, não é, a gente sempre tinha, sem dúvida nenhuma. Teve coisa aí que até briga quase deu, por causa dessas coisas aí, a gente pegou lá pra conversar, mas que teve, teve.<sup>47</sup>

Pode-se destacar que apesar das críticas a Lula, principalmente após ele ser investigado e preso na Lava-Jato, o que existe é uma rejeição maior ao partido e não exatamente a seus membros ou representantes enquanto pessoas ou cidadãos. Nos relatos, os próprios filiados ao partido citam que havia desconfianças em relação à legenda e não a um determinado integrante do partido. Tal desconfiança tinha relação com o medo de que quando o PT chegasse ao poder fosse implantado no Brasil o socialismo nos moldes soviéticos, de que as propriedades particulares seriam invadidas e a distribuição da riqueza faria com que todos vivessem na pobreza. Além disso, após o PT chegar ao poder em 2002, também foi usado pelos antipetistas o argumento de que o partido era corrupto, e bordões como “petralhas”, “esquerdopatas”, “lulocomunismo” e “lulopetismo” foram repetidos por seus críticos.

---

<sup>47</sup> Sigifredo Schiochet, depoimento citado.

Apesar da existência do antipetismo na cidade de Timbó já na década de 1980, não se pode afirmar que o partido estava fadado ao fracasso. Perto dali, na cidade de Blumenau, o partido conseguiu eleger por duas vezes Décio Lima como prefeito, que ficou no cargo de 1997 até 2005. Em Timbó o PT também cresceu, em 2012 conseguiu eleger dois vereadores e o vice-prefeito da cidade.

### **1.3 – Operários nas Pastorais**

#### **1.3.1 – Teologia da Libertação**

Na década de 1980 as igrejas tinham papel marcante na cidade de Timbó, principalmente as igrejas católica e luterana. Eram lugares que iam além das práticas relacionadas à espiritualidade. Era um espaço de sociabilidade, as pessoas se encontravam nas missas, cursos, festividades promovidas pela igreja. Nesse espaço criavam um vínculo de solidariedade, amizade e confiança. Também se organizavam e faziam trabalhos sociais como mutirões, doações ou outros atos de caridade. A maior parte do público que frequentava as igrejas eram os trabalhadores (as), e na Igreja Católica Santa Terezinha, localizada no centro e perto das principais fábricas da cidade, a presença majoritária era dos trabalhadores urbanos, inclusive das fábricas, e serão eles que irão formar na cidade, as Pastorais da Juventude e Operária, onde entraram em contato com as ideias da Teologia da Libertação.

Antes de analisar a inserção dessas ideias nas pastorais de Timbó pretende-se, nessa parte do trabalho, entender o que foi a Teologia da Libertação e esboçar o seu surgimento. Para o pensador Michel Lowy, que chama a Teologia da Libertação de Cristianismo da Libertação,<sup>48</sup> ela pode ser definida como:

A expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 1960, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse envolvimento envolveu setores significativos da igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, comunidades eclesiais de base (CEBs), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs, clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores, etc.) (LOWY, 2000: 56).

---

<sup>48</sup> Para Michel Lowy “normalmente, refere-se a esse amplo movimento social/religioso como teologia da libertação, porém como o movimento surgiu muitos anos antes da nova teologia e certamente a maioria de seus ativistas não são teólogos, esse termo não é o mais apropriado; algumas vezes, o movimento é também chamado de igreja dos pobres, mas, uma vez mais, essa rede social vai bem mais além dos limites da igreja como instituição, por mais ampla que seja a sua definição. Proponho chamá-lo de cristianismo da libertação, por esse um conceito mais amplo que teologia ou que igreja e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática” (LOWY, 2000: 57).

Esse vasto movimento social foi ampliando a sua presença em boa parte do país, aparecendo também na cidade de Timbó em meados da década de 1980. Nessa época o movimento já estava gigante, Frei Betto escreve em 1985 que “segundo estimativas não oficiais, existem no país, atualmente, 80 mil comunidades eclesiais de base, congregando cerca de dois milhões de pessoas crentes e oprimidas” (BETTO, 1985: 7). Esse movimento foi “o movimento trabalhista de massas maior e mais radical de toda a história do Brasil” (LOWY, 2000: 148). Nesse vasto e plural movimento do qual participaram muitos teólogos<sup>49</sup> existem alguns princípios básicos que podem ser ressaltados. Para o pesquisador Pereira:

- 1) Um implacável requisitório moral e social contra o capitalismo dependente, seja como sistema injusto, seja como forma de pecado estrutural;
- 2) a utilização de um instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas de luta de classes; 3) uma opção preferencial pelos pobres e da solidariedade com sua luta pela autolibertação;
- 4) o desenvolvimento de Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) entre os pobres como uma nova forma de ser igreja e como alternativa ao modelo de vida individualista imposto pelo sistema capitalista.
- 5) Uma nova leitura da Bíblia, voltada principalmente para passagens como o êxodo, paradigma da luta de libertação de um povo, os livros dos profetas, os evangelhos, dentre outros (PEREIRA, 2013: 77).

Além desses, podem ser acrescentados outros princípios básicos citados por Lowy:

- 1) A luta contra a idolatria (não o ateísmo) como inimigo principal da religião, isto é, contra os novos ídolos da morte adorados pelos novos Faraós, pelos novos Césares e pelos novos Herodes: Bens materiais, Riqueza, o Mercado, a Segurança Nacional, o Estado, a Força Militar, a Civilização Ocidental Cristã.
- 2) Libertação humana histórica como a antecipação da salvação final em Cristo, o Reino de Deus.
- 3) Uma crítica da teologia dualista tradicional, como produto da filosofia grega de Platão, e não da tradição bíblica na qual a história humana e a história divina são diferentes, mas inseparáveis.
- 4) Uma nova leitura da Bíblia, que dá uma atenção significativa a passagens tais como a do Êxodo, que é vista como paradigma da luta de um povo escravizado por sua libertação.
- 5) Uma forte crítica moral e social do capitalismo dependente como sistema injusto e iníquo, como uma forma de pecado estrutural.
- 6) O uso do marxismo como instrumento socioanalítico a fim de entender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas de luta de classe.
- 7) A opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta pela autolibertação.
- 8) O desenvolvimento de comunidades de base cristãs entre os pobres como uma nova forma de Igreja e como alternativa para o modo de vida individualista imposto pelo sistema capitalista (LOWY, 2000: 61).

---

<sup>49</sup> Michel Lowy escreveu que os textos mais importantes produzidos na América Latina sobre Teologia da Libertação foram escritos por figuras tais como: Gustavo Gutiérrez (Peru), Rubem Alves, Hugo Hassman, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff, Frei Betto (Brasil), Jon Sobrino, Ognacio Ellacuría (El Salvador), Segundo Galilea, Ronaldo Muñoz (Chile), Pablo Richard (Chile-Costa Rica), José Miguez Bonino, Juan Carlos Scannone, Ruben Dri (Argentina), Enrique Dussel (Argentina-México), Juis-Luis Segundo (Uruguai), Samuel Siva Gotay (Porto Rico) (LOWY, 2000: 56).

Mas, como esse movimento social que angariou 2 milhões de pessoas surgiu no Brasil? “Ele é resultado de uma combinação ou convergência de mudanças internas e externas à Igreja que ocorreram na década de 1950, e que ele se desenvolveu a partir da periferia e na direção do centro da instituição” (LOWY, 2000: 69). Para Lowy:

A mudança interna afetou a Igreja Católica como um todo: foi o desenvolvimento, desde a Segunda Guerra Mundial, de novas correntes teológicas, especialmente na Alemanha (Bultmann, Moltmann, Metz, Rahner) e na França (Calvez, Congar, Lubac, Chenu, Duquoc), novas formas de cristianismo social (os padres operários, a economia humanista do Padre Lebret), uma abertura às crescentes preocupações da filosofia moderna e das ciências sociais. O pontificado de João XXIII (1958-63) e o Concílio Vaticano II (1962-65) legitimaram e sistematizaram essas novas orientações. As mudanças externas são 1) a partir dos anos 50 em diante, a industrialização do continente, sob a hegemonia do capital multinacional, desenvolveu o subdesenvolvimento, isto é, promoveu ainda maior dependência, aprofundou as divisões sociais, estimulou o êxodo rural e o crescimento urbano e concentrou uma nova classe trabalhadora bem como um imenso pobrejariado nas cidades maiores. 2) Com a Revolução Cubana em 1959, um novo período histórico abria-se na América Latina, caracterizado pela intensificação das lutas sociais, o aparecimento de movimentos guerrilheiros, uma sucessão de golpes militares e uma crise de legitimidade do sistema político (LOWY, 2000: 70).

Aprofundando mais nos fatores internos, o historiador Danilo Rangell Pinheiro Pereira escreveu que foram elaborados documentos como as encíclicas *Mater et Magister* (1961) publicada pelo Papa João XXIII e *Populorum Progressio* (1967) publicada pelo seu sucessor Paulo VI. Ele analisa que apesar de essas encíclicas “não romperem com os elementos do pensamento essencialista, tiveram que oferecer respostas mais ou menos adequadas aos novos tempos, em matéria de posicionamento social e estratégias para ganhar a simpatia dos operários e excluídos”. Foi também na década de 1960 que ocorreu o Concílio do Vaticano II de 1962 a 1965. Esse concílio proporcionou em certa medida, uma “democratização no cenário teológico, o que possibilitou ousadia e criatividade por parte de alguns teólogos que passaram a refletir sobre as questões pastorais de suas comunidades”. Com isso “muitos teólogos começaram mediante frequentes encontros, a aprofundar as reflexões entre fé e pobreza, evangelho e justiça social. Os problemas do mundo começaram a ganhar maior atenção entre os líderes cristãos” (PEREIRA, 2013: 60).

Na América Latina também ocorreram fatos que merecem destaque por consolidar ideias que estavam inseridas na Teologia da Libertação. Essa corrente teológica passou a ter uma atuação pastoral mais consistente após os debates e orientações de duas conferências de seu episcopado no continente americano. São

marcos importantes as conferências de Medellín (Colômbia, 1968) e Puebla (México, 1979). Essas duas conferências foram relevantes para expor e debater os problemas sociais existentes na América Latina e organizar formas de luta pela liberdade desses povos oprimidos. Entre suas conclusões estavam, por exemplo, que: a pobreza do latino americano estava marcada pela dependência econômica e pela injustiça institucionalizada, e para os participantes dos grupos de trabalho estavam enraizadas nas estruturas econômicas, sociais e políticas dos vários países do continente. A necessidade de libertar os homens da violência e injustiças institucionalizadas dava o tom central aos documentos produzidos nas comissões. A tendência foi aproximar a igreja de maneira preferencial dos pobres e jovens. A conferência definiu que o papel evangelizador deveria ser ativado nas CEBs.<sup>50</sup> De acordo com as orientações do documento, os pobres são considerados privilegiados do Evangelho, eles são também o próprio Evangelho. Definiram que sem os pobres o Evangelho não tem aplicação, não existe, pois, seu princípio é justiça divina. A Teologia passou a ser entendida pelos progressistas, que tiveram peso fundamental nos resultados do documento da conferência, como um instrumento de luta pela libertação, pelo fim da pobreza e da opressão (PEREIRA, 2013: 65).

É depois da Conferência de Medellín na Colômbia, que a Teologia da Libertação se constitui de forma mais concreta. Segundo o teólogo Leonardo Boff (2018) ela se materializa quando em 1971 Gustavo Gutiérrez publica no Peru seu livro fundador “Teología da Libertación: Perspectivas”. Boff escreve que nesse mesmo ano ele publicava numa revista chamada Grande Sinal, o texto “Jesus Cristo Libertador” que depois virou livro. Já o pesquisador Victor Codina apontou que “ya en 1968 Rubem Alves, de la Iglesia evangélica, había publicado su tesis doctoral Toward a Theology of Liberation”. Para o mesmo autor “no es exagerado afirmar que el Encuentro de El Escorial (1972) fue de hecho, si no un momento fundante de la TdL, sí un momento fundamental para su constitución como línea teológica” (CODINA, 2018: 1360). Já o pesquisador Lowy lembra que no começo da década de 1960 surgiu um movimento

---

<sup>50</sup> Para o teólogo Frei Betto as CEBs seriam pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. Ele explica que é comunidade pois reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem a mesma igreja, moram na mesma região e são motivadas pela fé. Essas pessoas vivem em comum união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares) (BETTO, 1985: 7).

conhecido como Esquerda Católica, formado por estudantes da JUC, eles haviam se aproximado das ideias esquerdistas e socialistas denunciando os males do capitalismo (LOWY, 2000: 136). Lowy lembra de “Hugo Assmann, teólogo brasileiro que estudou em Frankfurt e desempenhou um papel pioneiro na elaboração dos fundamentos de uma crítica cristã e da libertação ao desenvolvimentismo em 1970” (LOWY, 2000: 77).

A Conferência de Medellín na Colômbia e a Conferência de Puebla no México surgem não apenas por conta das imposições vindas do centro da Igreja. Na periferia, movimentos cristãos populares já vinham se engajando em lutas sociais que foram relevantes para a construção da Teologia da Libertação. Grande parte dessas pessoas encontraram na igreja um meio de divulgar as suas ideias políticas, já que no Brasil havia uma ditadura militar que realizava repressão estatal e fechava ou restringia a participação política por outros meios. “Nos anos 1970 e no início da década seguinte muitos setores sociais encontraram nas CEBs seu espaço de atuação política, embora elas não deixassem de ser espaços propriamente religiosos” (OLIVEIRA: 2018).

Esse movimento social tomou grandes proporções alcançando milhões de adeptos, aparecendo também na cidade de Timbó. Analisaremos no próximo tópico as pastorais operária e da juventude de Timbó que, como veremos, estavam bem próximas das ideias da Teologia da Libertação.

### **1.3.2 – Pastoral Operária e Pastoral da Juventude**

Pretende-se mostrar nessa parte do trabalho o que eram as pastorais e como se formaram as da juventude e operária de Timbó, a partir de grupos ligados à igreja matriz Santa Terezinha, formados por trabalhadores urbanos, a maioria de fábricas, que se reuniam para discutir temas ligados à espiritualidade, também questões sociais e econômicas. Na década de 1980 a religiosidade era um elemento significativo no dia a dia das pessoas que viviam em Timbó, a igreja tinha um papel de destaque na vida em sociedade. A participação das atividades da igreja como cultos, catequese, grupos de reflexão, festas, ações de caridade e principalmente da missa era algo comum e bem visto pela família e pelos membros da Pastoral Operária e da juventude. Percebe-se isso através dos relatos. “Meu pai tinha orgulho que a gente ia na igreja, essas coisas, ele sempre me incentivou muito”.<sup>51</sup> “E a gente participou sempre da igreja, seguia as regras

---

<sup>51</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

da minha mãe sempre, que ela era bem direitinha na Igreja Católica, ela era catequista, participava muito da igreja”.<sup>52</sup> Portanto, esses trabalhadores e as suas famílias eram bastante religiosos.

Foi no ano de 1984, que no Livro Tombo da Igreja Santa Terezinha de Timbó, a Pastoral Operária passou a ser mencionada. Além disso, os relatos de entrevistas, que serão citados no capítulo dois, também apontam para a hipótese de que a Pastoral Operária teria sido fundada em Timbó nesse ano. Portanto é apenas em meados da década de 1980 que os movimentos pastorais na cidade de Timbó ganham corpo, sendo criadas diversas pastorais nas igrejas católicas do município. Entretanto, Pastoral Operária e pastoral da juventude estavam presentes apenas na Igreja Matriz.

Dentre os grupos e movimentos pastorais existentes na Igreja Santa Terezinha de Timbó destaco a pastoral da juventude e a Pastoral Operária que tiveram protagonismo na criação do Partido dos Trabalhadores na cidade de Timbó. Os seus membros durante a década de 1980 estiveram envolvidos em várias lutas por melhores condições de vida para o trabalhador. O movimento de criação de pastorais já vinha acontecendo a nível nacional desde a década de 1970.

Em seu artigo “Pastoral Operária e Factibilidade Utópica”, Adailton Maciel Augusto mostra alguns eventos que favoreceram as expressões populares da Igreja Católica. “A base socioeconômica do surgimento da Pastoral Operária está no período chamado desenvolvimentista”, já na questão eclesial “os quatro pilares de sua gestação e até mesmo amadurecimento são: Concílio Vaticano II, Teologia da Libertação, Conferência de Medellín e Conferência de Puebla”. Augusto continua escrevendo que na década de 1960 “o metalúrgico-militante Waldemar Rossi já organizava pequenos encontros na periferia da zona leste de São Paulo, onde refletia questões relacionadas à temática do trabalho e da Palavra de Deus”. Mas para o autor existem dois momentos simbólicos que marcam o início da Pastoral Operária no ano de 1970. Primeiro quando frei Luiz Maria Alves estrutura a Pastoral Operária na Arquidiocese de São Paulo e é feita uma reunião convocando militantes de movimentos ligados à causa operária. O outro ato simbólico também aconteceu em 1970, foi a celebração na Praça da Sé, e nas paróquias, da chamada Missa do Salário Justo (AUGUSTO, 1998: 56).

---

<sup>52</sup> Ana Motta, depoimento citado.

Já a pastoral da juventude tem suas raízes da Ação Católica dos anos 1970 e dos grupos de Juventude Católica dos anos 1960. Importante contribuição também foram os encontros de Medellín e Puebla e os aprendizados com a Teologia da Libertação. A partir desse contexto surgem vários grupos de jovens pelo Brasil incentivados pelas próprias dioceses. Encontros nacionais passaram a ser feitos a partir da década de 1980. Em 1983 a Pastoral da Juventude “atingia cerca de 50.000 grupos de jovens nas paróquias e unidades de todo o Brasil, efetivando sua ação em um contexto que abarcava aproximadamente 1 milhão de jovens católicos” (SOFIATI, 2004: 73).

De forma geral os grupos das pastorais eram pequenos, de 12 a 25 pessoas que se juntavam para formar o grupo. Segundo Nilton Carlini “nós tínhamos 17 jovens, chegamos a 32”, com a união de dois grupos.

Já tinha um grupo de jovens, eles tinham um grupo de jovens na paróquia, que tinha o Rogério Sense. Só que o grupo deles não saia do papel, era um grupo de 8, 10 jovens, mas eles estavam desanimando e nós tínhamos mais uns 10, 11 jovens, e nós fazíamos encontros nas casas dos nossos pais, nos pais do outro, no pai do outro, e no começo aquele negócio, nós vamos nos reunir com os caras.

As pastorais se formaram quando pessoas que pretendiam fazer a leitura de textos litúrgicos ou da própria Bíblia constituíram grupos para esse fim. No caso das pastorais de Timbó, esses grupos surgiram inicialmente quando membros da Igreja Católica passaram a fazer reuniões nas casas dos próprios membros das pastorais, e posteriormente, na igreja. Esses grupos receberam o incentivo da Diocese de Joinville<sup>53</sup> e da diretoria da Igreja Santa Terezinha para continuarem as suas atividades.

As pastorais conforme a hierarquia da igreja foram se formando aos poucos por quê? Porque a própria igreja num todo, ela também foi buscando conhecimento até chegar ao ponto de dizer: nós temos que formar, a prioridade dentro do nosso município, dentro da comunidade católica o que que é? É X, Y, Z, ou seja, pastoral familiar, pastoral da catequese, pastoral da saúde, pastoral dos enfermos, então esses pontos onde que atingia o povo da comunidade de Timbó, aí buscava-se esse nome de pastorais que vinha praticamente da diocese.<sup>54</sup>

Após formada a pastoral eram escolhidos coordenadores para liderar o grupo e reuniões eram feitas periodicamente. Algumas pastorais se reuniam semanalmente,

<sup>53</sup> Essa Diocese foi criada em 1927 e teve como Administrador Apostólico (Dom Joaquim Domingos de Oliveira (1927-1929) e Bispos Dom Pio de Freitas Silveira (1929 – 1955), Dom Gregório Warmeling (1957 – 1994) e Dom Orlando Brandes (1995 – 2000). Blumenau era Comarca de Joinville e permaneceu assim até 19 de abril de 2000 quando virou Diocese. BOHN, Padre Antônio Francisco. Cinquentenário da Paróquia Santa Terezinha de Timbó (SC) (1963 – 2013): memória histórica. Ed. Do Autor, 2013, p. 90 e 95.

<sup>54</sup> Paulo Roberto Kormann, depoimento citado.

outras quinzenalmente ou então mensalmente. O tamanho do grupo era variável. Nilton Carlini, participante assíduo da pastoral da juventude lembrou na entrevista que os grupos de pastoral poderiam ter reuniões com mais de 30 pessoas, como também com menos de 10. Tinha frequentadores assíduos, bem como aqueles que raramente compareciam.

Por esses grupos eram feitas reuniões para tratar de diversos problemas sociais que aconteciam no mundo, no Brasil e no próprio município. Várias pastorais foram criadas com objetivos e problemas particulares. No caso da Pastoral Operária tratava-se principalmente da conscientização dos trabalhadores e da necessidade da luta pelos seus direitos. A pastoral da juventude pretendia formar jovens críticos e preocupados com a sociedade, que fossem capazes de transformar o local em que vivem. Foram nesses espaços de sociabilidade que esses trabalhadores e jovens perceberam e/ou reafirmavam a sua importância para a transformação da sociedade, bem como que a participação política era necessária para atingir esse objetivo. Isso pode ser verificado no relato a seguir.

A política pra mim, na minha vida ela é, ela entrou através, através dos movimentos sociais, através da igreja. Então ali comecei a participar da... da Igreja, cantava em corais, cantava no coral. E aí teve uma época que as igrejas adotaram alguns movimentos, algumas pastorais, como pastoral da saúde, a pastoral do mangue, a pastoral não sei o que, e nós aqui em Timbó, na comarca da Blumenau, que na época nós pertencia a diocese de Joinville, fundamos a Pastoral Operária. E ali que começou, pra mim é a abertura da política entro ali, começou ali. E eu fazia parte da comarca. E aí eu comecei a participar dessas reuniões, E aí eu vi que o caminho mesmo era por ali, não adianta, não tem outra saída não. E aí que me interessou política.<sup>55</sup>

Nesse espaço, os membros das pastorais conversavam sobre vários temas que os afligiam. Faziam-se orações e leituras bíblicas, bem como reflexões acerca de assuntos nos quais a sua pastoral tinha foco. No caso da Pastoral Operária o tema central era sobre os trabalhadores. Nesse espaço eram feitos questionamentos acerca de como melhorar a vida dos trabalhadores, como por exemplo os direitos dos trabalhadores, tais como a necessidade de se ter a carteira assinada, o combate ao trabalho infantil, o salário que era considerado muito baixo, entre outras causas trabalhistas. Isso pode ser verificado no relato a seguir, de um trabalhador de fábrica e membro da Pastoral Operária.

A Pastoral Operária era a luta do trabalhador também, a luta do trabalhador e, e vamos dizer, conquistar sempre mais pra operários pra trabalhadores, ajudar

---

<sup>55</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

junto na luta, pra continuar, pra manter a as normas do trabalhador. A luta contra principalmente, sempre era contra ordenado muito baixo, sabe que, os operários, tinha operários ali que trabalhava menos do que o salário porque na época os salário era baixinho, então eles pagavam sabe, contratavam operários, fazia operários novos, em média 14, 15 anos sem registro de carteira, então tudo isso aí era debatido dentro da Pastoral Operária. [...] Era menor idade, era ordenado baixo, que não cumpria carteira registrada, tudo isso ali era debatido dentro da Pastoral Operária.<sup>56</sup>

As pastorais eram um espaço importante de sociabilidade. Elas não eram apenas espaços que tratavam de preocupações em relação à política e espiritualidade. Esse lugar também servia para seus integrantes desfrutarem de um momento de lazer, onde formavam amizades, se divertiam, faziam viagens, conversavam. Nilton Carlini se queixa que naquela época não havia muitas opções de lazer.

Então no primeiro momento assim, como não tinha nenhuma opção em Timbó de lazer, na época do Ingo Germer não tinha danceteria, não tinha nada, tinha um baile ou outro, uma festa ou outra do município.<sup>57</sup>

Nas reuniões das pastorais da juventude e operária discutiam-se assuntos que levavam às questões políticas e a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida. João Bosco da Silva diz ter sido incentivado pela igreja a participar das pastorais.

Eu acredito que devido a situação mesmo, a igreja também incentivava um pouco, depende o padre ou o bispo, incentivava a gente pra, não podia ficar quieto, precisava se mexer porque só rezar e esperar que vinha as coisas não, tem que orar e agir, então é nesse sentido que surgia as pastorais.<sup>58</sup>

Vitor Ropelato da pastoral da juventude também concorda que a pastoral incentivava os membros da igreja a se engajarem mais com a comunidade e com as atividades da própria igreja.

Ela fazia com que o jovem participasse de forma mais ativa da própria igreja tá, e de diversas formas, tanto nas celebrações quanto nas atividades dentro da comunidade né porque, uma coisa muito importante também que eu lembro muito bem, que na época a gente começou a dar catequese.

Ele também lembra que os membros da pastoral da juventude chegaram a dar catequese. Essa ideia teria vindo da diocese e o padre da igreja Santa Terezinha teria aceito a proposta.

Então a gente chegou com uma proposta pro padre, que isso era uma proposta não nossa, do grupo de Timbó, mas era uma proposta da equipe diocesana da pastoral da juventude. É de que, o próprio jovem, pessoas da pastoral da juventude também trabalhassem com catequese porque a gente via de que o jovem que estava falando com o jovem se tornava mais fácil, e isso foi uma coisa a nível diocesana mesmo, na época até o próprio bispo achou muito interessante e a gente chegando aqui, a gente conversou com o padre e tal e

<sup>56</sup> Lourival Motta, depoimento citado.

<sup>57</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>58</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

ele até aceitou que a gente, então no primeiro ano a gente assumiu uma turma, no segundo ano foram duas turmas.

Além do incentivo, essas pastorais eram apoiadas pela Diocese de Joinville que ajudava a legitimar o movimento que não era bem aceito por alguns integrantes da igreja. “Mas os padres ainda, a cobrança do bispo era tão grande que eles tinham que no mínimo fechar um pouquinho os olhos”.<sup>59</sup>

Na década de 1980 já eram vários os grupos que compunham a Igreja Católica de Timbó. Logo após assumir a paróquia, em 27 de junho de 1984, o padre André convocou um Encontro Geral com os Líderes da Paróquia em 14 de agosto de 1984. Convocou os representantes da CAP (Conselho Administrativo Paroquial), Catequese, Perseverança, Crisma, Curso de Noivos, Curso de Pais e Padrinhos, Coral, Liturgia, Ministérios Extraordinários, Grupos de Reflexão, Cursilho, Lareira, Movimento Familiar Cristão, Direitos Humanos, Jovens, bem como Pastoral Operária e Pastoral da Saúde.<sup>60</sup> O padre André não escreveu Pastoral da Juventude, apenas jovens, mas de todo modo fica registrado a existência de um grupo de jovens na Paróquia Santa Terezinha de Timbó. Sabe-se também através de relatos orais que antes da formação da pastoral da juventude já existiam alguns grupos de jovens na Igreja Católica. Segundo Nilton Carlini, a Pastoral da Juventude teria se originado de dois outros grupos de jovens que já existiam e se fundiram em um grupo cujo o nome era Juventude Unida na Transformação e Conscientização: “O nome e a formação que nós tivemos que foi JUTC, Juventude Unida na Transformação e Conscientização, que esse era o nosso projeto, sempre a luz do evangelho.”

A formação da Pastoral da Juventude teria acontecido em meados de 1984, como relata um de seus membros e a diocese de Joinville teve papel importante nesse processo, conforme o mesmo depoente:

Assim, foi muito rápido isso, foi em 84. Nós começamos a nos reunir no mês de julho, agosto, e aí teve um encontro da pastoral da juventude, recebemos uma informação pela Diocese, vieram procurar a gente, sabiam que tinha um grupo de jovens ali, convidaram a gente.

No Plano de Pastoral de 1985 da Paróquia Santa Terezinha existe um tópico intitulado “Destques Pastorais ou prioritários”. Ali são mencionados novamente os

<sup>59</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>60</sup> Diocese de Blumenau – Paróquia Santa Terezinha de Timbó – Livro Tombo – Paróquia N° 2.

grupos existentes na paróquia, inclusive a Pastoral Operária, a Pastoral da Saúde e desta vez o grupo de jovens aparece como Pastoral da Juventude.<sup>61</sup>

A metodologia que era utilizada dava preponderância para o debate e o uso dos textos na Bíblia para a compreensão de problemas sociais e na ação para a transformação a fim de melhorar a sociedade. A metodologia usada era diferente da tradicional, eram concepções que abarcavam ideias da Teologia da Libertação que vinham da Diocese de Joinville. No caso da pastoral da juventude, Vitor Ropelato lembra em sua entrevista que eles tentavam adotar uma forma de abordar os temas de forma mais dinâmica, para chamar a atenção do jovem que estava fazendo a catequese, baseada no método ver-julgar-agir.

Na época a gente começou a dar catequese. [...] O mais importante e no começo os adolescentes estranhavam, depois no fim a gente via eles vindo com prazer pra catequese, diferente de quanto eu fiz a catequese, por isso eu queria fazer um negócio assim, quando eu fiz a catequese eu dormia sentado porque o catequista ficava lá duas horas falando direto e ninguém prestava atenção, então a gente queria fazer o que, um debate entre todo mundo, lia uma parte da Bíblia e tentava trazer esse lado pro hoje, o que é isso hoje, de que forma pode ser feito, o que que pode ser melhorado na sociedade hoje.<sup>62</sup>

Os membros da pastoral da juventude tinham bastante autonomia, mas segundo o relato de Paulo Roberto Kormann, havia junto com eles alguém orientando e ajudando o grupo. “Da juventude era tudo gente jovem, mas também tinha uma pessoa com um pouco mais de idade que tinha que liderar essa juventude, então eu também fui convidado para ser um dos líderes da pastoral da juventude”.

Kormann, que foi um dos coordenadores da Pastoral da Família, lembra que havia outras pastorais e elas desempenhavam um papel comunitário decisivo, procurando resolver conflitos de forma pacífica:

Tudo que envolve a família nós discutíamos uma vez por semana numa sala de catequese da igreja. Então, assim, como é que está o relacionamento da pastoral familiar na capela X? É, ali precisava de alguém que desse uma instrução sobre, sobre educação sexual digamos assim, e a pastoral, ela fazia esse trabalho. Aí nós tínhamos médicos que davam anatomia do corpo humano e tinha professores dentro da nossa pastoral que fazia também trabalho de educação, tinha advogados dentro da pastoral que fazia o trabalho, por exemplo assim, existia uma separação e tinha uma briga, e esse queria a casa e esse queria a terra, a gente buscava um entendimento. Primeiro tentar uma reconciliação, depois no caso existia para fazer educar ele na parte jurídica, o que que é uma separação, o que que causa uma separação, o que causa digamos assim perante a sociedade, perante os filhos, o que que pode surgir digamos com a separação, então tudo que se abrangia

<sup>61</sup> Diocese de Blumenau – Paróquia Santa Terezinha de Timbó – Livro Tombo – Paróquia N° 2.

<sup>62</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

ou se abrange dentro de uma, dentro da dentro de uma vida familiar, dentro da sociedade a pastoral, ela atuava.

Percebe-se uma atuação na Igreja Católica de vários leigos, até em atividades que antes eram destinadas para membros eclesiásticos. Como citado acima, as pastorais, catequese e grupos de reflexão passaram a ter um envolvimento intenso dessas pessoas. Essa vida em comunidade propiciou para os membros dessas pastorais a criação de laços de amizade, confiança e solidariedade, sendo que diversos depoentes relataram sentir saudades desse tempo, uma época de grande aprendizado e engajamento visando a transformação da sociedade para melhor.

A seguir será demonstrado como os membros da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude interpretam algumas passagens bíblicas e nessa interpretação se aproximam das ideias da Teologia da Libertação.

### **1.3.3 – Algumas ideias de membros pastoral sobre religião e política**

Nessa parte do trabalho pretende-se descrever e analisar alguns depoimentos de membros das pastorais da juventude e operária de Timbó objetivando perceber algumas das suas características e proximidades com a teologia da libertação. A igreja era vista como importante fonte de inspiração espiritual, social e política. Nos depoimentos colhidos para esta dissertação observou-se que os trabalhadores tiveram um profundo contato com essas ideias, incorporando-as para a sua vida e colocando-as em prática.

Havia uma aproximação dos católicos com o socialismo, principalmente “depois do pontificado de João XXIII era a Teologia da Libertação, que tinha uma leitura radical da Bíblia e usava categorias marxistas” (SECCO, 2015: 45). O historiador Lincoln Secco escreveu que o próprio Frei Betto divulgou no ano de 1986, na Folha de São Paulo, que um autêntico comunista é cristão, embora não saiba, e um autêntico cristão é um comunista, embora não queira (SECCO, 2015: 45).

Marxismo e religião para muitos poderiam ser noções opostas, entretanto nem sempre isso era visto assim. Para alguns marxistas a religião é uma forma de dominação da elite sobre a classe trabalhadora, e estaria a serviço dos interesses da classe burguesa, portanto atrapalharia uma revolução do proletariado. Entretanto, religião e marxismo acabaram se unindo na Teologia da Libertação. O pesquisador Marco Antônio Mitidiero Junior demonstrou que marxismo e religião podem estar em comunhão. Entre os argumentos citados pelo autor estão: 1) marxismo é ideologia e cristianismo é religião,

portanto não podem se opor. 2) que em sociedades marxistas a igreja foi excluída pelo fato de a Igreja achar-se, no regime capitalista, atrelada aos interesses da burguesia. 3) só há choque entre religião e marxismo quando a religião é usada pelas classes dominantes. 4) Marx escreveu que a “a religião é o ópio do povo” numa época em que a igreja servia os interesses das classes dominantes e iludia o povo (MITIDIERO JUNIOR, 2008: 102-104). O pesquisador Michel Lowy apontou outros pontos de afinidade entre marxismo e socialismo.

1) Ambos rejeitam a afirmação de que o indivíduo é a base da ética e criticam as visões individualistas do mundo (liberal/racionalista, empirista ou hedonista). A religião (Pascal) e o socialismo (Marx) compartilham a fé em valores transindividuais. 2) Ambos acham que os pobres são vítimas da injustiça. É óbvio que existe uma distância considerável entre os pobres da doutrina católica e o proletariado da doutrina marxista, mas não podemos negar um certo parentesco socio ético entre eles. 3) Ambos compartilham o universalismo – o internacionalismo ou catolicismo (em seu sentido etimológico) – ou seja, uma doutrina e instituições que veem a humanidade como uma totalidade, cuja unidade substantiva está acima de raças, grupos étnicos ou países. 4) Ambos dão grande valor à comunidade, à vida comunitária, à partilha comunitária de bens, e criticam a atomização, a anormalidade, a impessoalidade, a alienação e a competição egoísta da vida social moderna. 5) Ambos criticam o capitalismo e as doutrinas do liberalismo econômico, em nome de algum bem comum considerado mais importante que os interesses individuais de proprietários privados. 6) Ambos têm a esperança de um reino futuro de justiça e liberdade, paz e fraternidade entre toda a humanidade (LOWY, 2000: 116).

Dessa forma, aconteceu a junção dessas duas noções que *a priori* poderíamos pensar ser antagônicas. É importante deixar claro que essa aproximação não aconteceu, pois os marxistas se infiltraram na igreja, “a oposição ao capitalismo resultou de uma tradição católica específica, deu muito pouco a forças marxista-leninistas (isto é, às várias espécies de partidos e movimentos comunistas)” (LOWY, 2000: 112).

As ideias da Teologia da Libertação permanecem fazendo parte da vida daqueles que participaram ativamente da Pastoral Operária e da pastoral da juventude na cidade de Timbó, mesmo daqueles que se afastaram da igreja e do PT. Isso pode ser observado no relato abaixo quando é colocado pelo entrevistado que a “igreja” tem a “obrigação” de envolver o cristão na “política”. Acompanhado disso é feito um elogio ao padre Luiz Fachini de Joinville, que também segue essa linha de pensamento.

A igreja tem como função, ela tem como obrigação, a função dela é uma obrigação de envolver o cristão na política. Esse é o trabalho. Eu acho que a igreja, pra mim a igreja, e nós por exemplo devemos. E eu gosto do padre Fachini por causa disso. Ele disse, vocês pensam que vir aqui pagar o dízimo, ele disse, e vir todo dia comunhão ele disse, e dizer que vocês são católicos resolve? Pode ficar em casa que isso não ajuda em nada ele disse. Pode ficar

em casa, e nem por isso vocês vão para o inferno, vocês vão para o inferno se vocês não atuarem dentro dessa linha, isso sim vocês vão para o inferno.<sup>63</sup>

Na parte final do relato o entrevistado conta que o padre Luiz Fachini reforçava nas missas a ideia de o cristão se envolver com a política, chegando a dizer que quem não segue esta linha iria para o inferno. Ou seja, ser um católico tradicional, que só ia para a missa receber a comunhão e pagar o dízimo não era suficiente. Percebe-se que o ideal de católico para Fachini e o ex-membro da Pastoral Operária é aquele que também se preocupa com a política, não apenas com a religião. Ao narrar esse fato o entrevistado se coloca como sendo um cristão diferente dos tradicionais, pois para ele os cristãos deveriam se envolver com a política para melhorar o mundo em que viviam, tornando-o mais justo.

Os membros das pastorais, nos depoimentos, colocaram-se com frequência como cristãos diferentes dos tradicionais. Demonstraram ter uma interpretação diferenciada da Bíblia e de seus personagens, inclusive Jesus Cristo, apresentado como um protagonista no combate à opressão, à desigualdade social institucionalizada, que lutava por um mundo mais justo. Tratava-se, em realidade, de uma versão exclusiva dos membros das pastorais de Timbó, pois tais ideias já vinham se constituindo muito antes pelos teólogos da libertação. O historiador Pereira estudou o novo olhar sobre a figura de Jesus Cristo nas concepções de Leonardo Boff e Clodovis Boff, dois dos maiores expoentes da Teologia da Libertação, percebendo que “a prática do Jesus histórico foi vista como uma proposta de negação à ordem que institucionaliza a subjugação do homem pelo homem” (PEREIRA, 2013: 138).

Nos relatos dos antigos membros das pastorais, essa percepção de Jesus Cristo como libertador dos pobres pode ser observada. Eles contam que as leituras bíblicas que eram realizadas nos encontros, visavam demonstrar a importância da igreja e de Jesus Cristo na transformação social e no combate à opressão dos mais pobres.

O projeto de Jesus Cristo eu disse já é político cara, é só político, não tem outra coisa. O projeto dele, o projeto de Jesus Cristo, se tu olhas, inclusive não precisa nem ler toda a Bíblia, lê só os 4 evangelhos, os 4 evangelhos te chamam a uma transformação social. Te chamam para isso, pra esse trabalho, eu digo então é bíblico, não adianta fugir disso. E digo se tu olhar a trajetória, a história de Cristo, desde o nascimento até a crucificação não foi porque, porque ele deixou de trabalhar lá na marcenaria do pai dele, ou não foi porque ele não tirou nota boa na escola, não foi por nada. Foi porque ele dizia que faltava saúde lá pro Zeca, faltava comida lá pro João, digo, ele denunciava, ele dizia lá no congresso, lá tinha gente roubando, que na

---

<sup>63</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

prefeitura tinha umas parceria, eu digo, a gente falar, eu falo, eu gostava de falar isso, e falava.<sup>64</sup>

Para os membros das pastorais não era suficiente apenas ficar rezando, esperando que Deus tomasse as providências sozinho para melhorar a vida dos mais pobres. A interpretação deles é que os escritos bíblicos traziam uma mensagem clara que os instigava a lutarem por uma transformação social, uma sociedade mais justa, porém, sem o uso de armas, mas através da conscientização. Os igrejeiros acreditavam que a construção de uma sociedade diferente desta em que eles viviam, não seria possível sem a luta contra os que oprimem e tem o poder. A história de vida de Jesus Cristo é interpretada pelos membros da Pastoral Operária dessa maneira. Para eles, ele foi perseguido e crucificado por lutar pelos mais pobres.

Tinha a da saúde, tinha operária, tinha as CEBs, as CEBs e aí formava as pessoas pra ir mostrando os teu direitos, fazendo clarear, não era só rezar e esperar que Deus faz, não, Deus não faz, ele te dá a consciência e discernimento pra você se engajar em algum grupo, alguns pro bem e outros pro mal porque conforme a tua concepção tu migra, as vezes o cara está fazendo o mal e está fazendo o bem, no pensamento dele está certo, então esse movimento era pra isso, pra, não adianta tu só rezar, tu precisa agir também, não era, nunca era, falar de violência essas coisas não, dentro dos princípios, dentro de um jeito que nem Jesus fazia, fazer o que tem que ser feito, não precisa ter medo, a verdade tem que ser dita, mas não impor nada, sempre diálogo, sempre pela oração e pela ação, mas dentro de um princípio.<sup>65</sup>

A personagem e a história de Jesus Cristo carregam consigo valores e ideias que os membros das pastorais achavam essenciais. Por exemplo no relato abaixo, de Nilton Carlini, Cristo foi relacionado à ideia de igualdade, amor, fraternidade, união, confraternização, pois as pessoas queriam justiça, mas justiça sem guerras, através da palavra, conscientizando as pessoas do que seria uma sociedade mais justa.

Porque a essência de todo o evangelho é Jesus Cristo, mas Jesus Cristo pregou a igualdade, o amor, a fraternidade, a união, a confraternização e acima de tudo contra a corrupção contra os poderes oligárquicos da época, sejam eles religiosos os fariseus , religiosos etc. ou sejam eles os políticos como era no império romano que dominava e oprimia aquele povo na época, mas ele defendia uma guerra sem, não uma guerra de armas e sim uma transformação de consciência, que as pessoas mudassem seus conceitos e dessem a vida pela aquela luta, em nome de Jesus, em nome daquilo que estava pregado na palavra de Deus e que as pessoas conseguiram deturpar.

Outra característica das pastorais da juventude e operária, e não apenas em Timbó, como lembra o mesmo depoente, era a utilização da metodologia “ver, julgar e agir e rever”. O Frei Carlos Mesters e Francisco Orofino (2018) resumiram esse método

<sup>64</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>65</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

da seguinte maneira: “procura-se *ver* a situação do povo, os seus problemas. Em seguida, com a ajuda de textos bíblicos, procura-se *julgar* esta situação. Isto faz com que, aos poucos, a fala de Deus não vem da Bíblia, mas vem dos fatos iluminados pela Bíblia. E são eles que levam a *agir* de maneira nova”.

Esse método foi bastante usado e difundido pela JOC – Juventude Operária Católica. É “partir do congresso de 1935, que o método e a pedagogia “ver, julgar e agir” clarifica-se através da ação de Cardijn” (CASTELHANO, 2017: 13). Esse método foi “assimilado pela tradição eclesial, difundido nos círculos operários da Europa, esse método foi utilizado por João XXIII, acolhido em alguns documentos do Vaticano II e bastante empregado na América latina” (FERREIRA, 2016: 217).

Um exemplo de documento que acolheu esse método é a Carta Encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII (1961). Isso pode ser percebido nos tópicos 235, 236 e 237. Nesse documento aconselha-se que essas três etapas sejam seguidas para levar “a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais”. No tópico 235 indica-se inicialmente um “estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama”. Portanto “são os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: “ver, julgar e agir””. Já no tópico 236 convida-se os jovens “a refletir sobre estes três momentos e a realizá-los praticamente, na medida do possível”. Enfatiza-se que os jovens aprenderão com mais facilidade quando os conhecimentos forem usados na prática. Essa prática refere-se à atuação social, transformar o lugar em que vive. “Deste modo, os conhecimentos adquiridos e assimilados não ficarão, neles, em estado de ideias abstratas, mas torná-los-ão capazes de traduzir na prática os princípios e as diretrizes sociais”. No tópico 237 é colocado que nunca se deve faltar com respeito nas discussões que serão feitas durante as três etapas do método. É aconselhado que “não faltem a consideração, o respeito mútuo e a boa vontade em descobrir os pontos onde existe acordo, a fim de se conseguir uma ação oportuna e eficaz”.

Esses conselhos dispostos nesse documento foram usados pelos membros da Pastoral Operária e da pastoral da juventude em Timbó. Inicialmente se fazia uma “avaliação, os pontos do ver, a realidade do ver, colocava no quadro para ver, essa é a realidade”. Depois vinha o “julgar, porque está acontecendo isso?”, buscava-se

explicações para a realidade com base nos ensinamentos cristãos. Por fim, o agir, “o que nós podemos fazer?” Por exemplo,

Fomos por exemplo, fazer uma visita pra uma menina que tinha hidrocefalia, [...] e a menina de 8 pra 10 anos de idade ficava na cama, a gente conseguiu um cara com uma gaita, fomos lá com violão, aí a gente foi lá e fez a visita, levamos comida, levamos roupa, conversamos com os pais, família bem pobre, logo lá perto da divisa de Indaial, sabe, saímos de lá revigorados<sup>66</sup>

Apesar do problema retratado ser amplo e a iniciativa dos membros da pastoral praticamente insignificantes para resolver o problema, o “fundamental terá sido a experiência da possibilidade de intervir coletivamente sobre a realidade dada, engajando cada um pessoalmente nesse processo” (SADER, 1988: 160). Para o historiador Eder Sader ao observarmos “quando observamos o modo de elaboração da realidade usado nas comunidades de base, é difícil não se impressionar com um certo populismo teórico com que se pretende valorizar o saber popular” (SADER, 1988: 160). Ele explica que “de um lado, pretende-se que da simples troca de informações e conhecimentos chegue-se a realidade objetiva. De outro, pressupõe-se essa realidade objetiva como um dado irretorquível e sem ambiguidades” (SADER, 1988: 160). Mas, concordando com Eder Sader, precisa-se perceber que esse método produz nos participantes uma visão crítica da sociedade.

A estrutura da Igreja Católica teve uma grande importância para o fortalecimento das pastorais. Alguns membros das pastorais se deslocavam até Joinville, Florianópolis e Blumenau para participar de cursos, celebrações e palestras. No caso de Timbó, a Diocese de Joinville foi notável ao longo de todo o desenvolvimento. Na cidade de Joinville havia uma ampla estrutura. Havia pessoas ligadas à igreja que tinham conhecimento e dedicação para auxiliar na “capacitação de seus membros, oferecia uma estrutura organizativa que permitiu trocas de experiências, deliberações mais amplas, acesso aos meios de comunicação e autoridades administrativas” (SADER, 1988: 160). A Paróquia Santa Terezinha de Timbó também auxiliava cedendo espaço para os encontros, bem como nos custos de transporte quando membros da igreja iam para encontros, cursos e palestras.

Os membros da Pastoral Operária de Timbó iam para Joinville para frequentar eventos relacionados à Igreja Católica. Gelásio Fiamoncini lembra que quem coordenava o encontro que ele participava era o padre Luís Fachini. O próprio Gelásio

---

<sup>66</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

relata que Luís Fachini foi uma grande influência no seu modo de interpretar a Bíblia não apenas pelo viés espiritual, mas também político e social. Gelásio lembra como eram essas reuniões:

E ele disse que não adianta vir aqui na missa, ele disse, se a gente não abraça a causa, o projeto de Jesus Cristo. Ele disse não há nada de vir aqui e aleluia, aleluia, ele disse, o projeto de Jesus Cristo é greve, é greve. E aí foi, aí fui, aí fui começar a entender o que ele queria dizer. Que a luta e o que que a transformação social ela indiscutivelmente, ela passa por vias políticas.<sup>67</sup>

Nesse trecho o depoente coloca que essas reuniões com Luís Fachini o ajudavam a elucidar qual o papel da igreja na sociedade e na política. Não existia a obrigação de seguir esse viés teológico, mas a influência nas ideias e decisões das instituições eclesiásticas tinham um peso enorme sobre os católicos. Isso não quer dizer que os membros da Pastoral Operária foram alienados. “Na medida em que a igreja é reconhecida como instituição de Deus na Terra e na medida em que assumia os reclamos populares enquanto existência evangélica, ela abriu um espaço de legitimidade por onde os protestos sufocados vieram à tona” (SADER, 1988: 161).

Foi recorrente os entrevistados utilizarem as interpretações da Bíblia feitas pelo viés da Teologia da Libertação para justificar programas políticos e sociais que, em sua opinião, ampliavam a democracia e defendiam os oprimidos. Uma política defendida pelos membros das pastorais era a implantação do Orçamento Participativo. Essa ideia foi implantada pela primeira vez na gestão de Magno Pires em 1988 na cidade de Vila Velha (ES), município que foi conquistado pelo PT nas eleições suplementares para um mandato tampão (SECCO, 2015: 117). Depois também foi implantada em Porto Alegre durante a gestão do prefeito petista Olívio Dutra. Sua gestão incorporava no orçamento anual do município as demandas provenientes dos conselhos populares.<sup>68</sup>

A leitura feita por alguns membros das pastorais é de que o Orçamento Participativo tinha inspiração e relação com o livro de Éxodo e o profeta Moisés. Para Nilton Carlini, “a base do orçamento participativo [...] teve inspiração ali, não só ali, mas teve uma boa inspiração ali, pra quem era igrejeiro por exemplo interpretou isso

<sup>67</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>68</sup> Essa proposta teve repercussão no município de Timbó. O PT defendeu a proposta do Orçamento Participativo quando Clausmar Siegel lançou a sua candidatura para prefeito de Timbó em 1996. Essa ideia foi colocada no “Plano Democrático & Popular: 13 pontos para melhorar Timbó”. Em síntese essa proposta asseguraria a formação de assembleias nas entidades da sociedade civil onde seriam eleitos delegados. Esses delegados formariam o Conselho Municipal do Orçamento Participativo em conjunto com técnicos da área de finanças da prefeitura. Nesse conselho seria feita uma proposta de orçamento que seria subscrita pelo prefeito sem poder fazer nenhuma modificação e por fim iria enviada ao legislativo.

como orçamento participativo”. Para entender melhor a sua opinião cito, abaixo o trecho da Bíblia contado por ele para relacionar o orçamento participativo com a passagem bíblica contida no livro do Éxodo.

Pega o Éxodo [...]. O sogro de Moisés, chega pra ele [...], o Moisés tu vai enlouquecer, porque todo mundo vinha lá falar com ele, [...] era muita gente pra uma pessoa só decidir tudo [...] Aí Moisés já não sabia mais o que fazer, [...], o sogro disse olha, faz o seguinte Moisés, por que tu quer decidir tudo sozinho? Não adianta, partilha essas decisões, cria grupos, grupos de 500, de 100 e da 10, e aí se cria os anciões [...], se tinha esse grupo de anciões e eles levavam pra Moisés a coisa já pré-resolvida [...]. Então ele conversava com esses grupos [...]. O que é o orçamento participativo, vamos discutir aqui na grande plenária, [...], por exemplo a associação de moradores do nosso bairro aqui, vai ter uma reunião aqui, todo mundo está convidado, vamos discutir aqui. Desses aqui vai se definir uma informação, vai ter umas 5, 6 pessoas daqui que são representantes, que vão levar esse tema que vai ser votado no grande grupo geral, lá vai ser decidido o final [...] até chegar no orçamento final que vai ser definido, quais são as prioridades de cada função, seja educação, seja saúde etc. Na realidade aquilo que aconteceu com Moisés lá trás é a coisa que as pessoas acabaram descobrindo, que numa grande comunidade, por mais que você queira fazer uma pessoa, só não pode decidir por todos, você tem que dividir responsabilidades, então ali a quase 10 mil anos atrás já se falava isso, foi a primeira reunião democrática claramente que aconteceu no mundo de participação.<sup>69</sup>

Percebe-se a partir desse relato a compreensão que os membros da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude tinham em relação à Teologia da Libertação. A explicação dada ao orçamento participativo demonstra a importância da divisão dos poderes, da tomada de decisões de forma democrática. Moisés não é um líder absoluto e autoritário. Ele toma as decisões de forma compartilhada, privilegiando a participação, opondo-se a uma hierarquia rígida e autoritária. Ao final do relato, essa história bíblica é vinculada com os dias atuais quando as associações de bairros são enxergadas como uma possibilidade para ampliar a participação popular na tomada das decisões, usa-se essas reflexões para que se comprehenda a religião não apenas de forma abstrata, mas também na prática, como fica evidenciado nesse outro pequeno relato. “Então a gente queria fazer o que, um debate entre todo mundo, lia uma parte da Bíblia e tentava trazer esse lado pro hoje, o que é isso hoje, de que forma pode ser feito, o que que pode ser melhorado na sociedade.”<sup>70</sup>

No depoimento de Nilton Carlini também podem ser observadas características da compreensão da Teologia da Libertação para membros das pastorais da juventude e operária da Paróquia Santa Terezinha de Timbó. Nesse espaço eram discutidos temas

---

<sup>69</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>70</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

além da classe trabalhadora. Outros assuntos que estavam no âmbito de problemas sociais também eram relevantes, como: idosos, trabalho infantil, desemprego, etc. Esses problemas eram abordados com o auxílio das leituras bíblicas. Essas passagens se relacionavam com os problemas sociais que existiam na atualidade.

O Jesus Cristo libertador, o Jesus Cristo que ele veio aqui, por exemplo no Antigo Testamento, lá no livro do Êxodo, quando Moisés assume, quando Moisés assume sua responsabilidade como líder desse povo. [...] A sarça ardente, era uma sarça, era um pé de sarça que estava pegando fogo, estava queimando, mas ele não se consumia, ele não ficava abrasado, só tinha aquele fogo e é como o nosso coração, quer dizer, ele fica abrasado, ele fica ali com aquele fogo que é o fogo do espírito santo que nos chama pra gente fazer algo pra transformar essa humanidade, transformar essa sociedade. Quer dizer, Deus está me chamando pra mim fazer alguma coisa, é a minha missão. [...] Então esse povo ficou lá vivendo na opressão quase 400 anos vivendo sob a escravidão, então imagina, passou de geração em geração aquele povo explorado, e cada vez mais explorado, as pessoas já estavam perdendo as forças e a esperança, estava tão distante daquele, daquele Deus, parecia que não, não, os egípcios tinham mais força com seus deuses, com seu poderio bélico, com imposição daquilo que eles queriam [...] E aí foi quando ele disse, Moisés eu ouvi o clamor de meu povo e desci para libertá-los.

Nesse relato fica claro que Moisés e Jesus Cristo são considerados libertadores do povo oprimido. “Na Teologia da Libertação, o êxodo não é espiritualizado, como se falasse de libertação da alma do pecado, ou coisa deste tipo, mas é modelo de fuga da opressão e subversão diante dos agentes de injustiça e desumanização” (TERRA, 2012: 71). E Moisés, mesmo com suas dificuldades também aceita ser o libertador do povo que estava sendo escravizado, oprimido e explorado durante séculos. Esses dois personagens bíblicos foram pessoas que não perderam a esperança em Deus e aqui na Terra, deram esperança e fizeram algo para a libertação da opressão que o seu povo estava sofrendo, sendo exemplo para as lutas que visavam melhorar a vida dos mais pobres, com recordou o mesmo depoente.

É o pai, o criador, o filho que é o libertador que veio aqui pra libertar as pessoas do pecado da opressão, e também da miséria, mas ao mesmo tempo veio trazer esperança para aqueles que sofrem, porque não estão sozinhos no sofrimento, e o espírito santo que inspira as pessoas pelo chamado de fazer algo pela libertação desse povo.

Essas passagens bíblicas faziam sentido para os trabalhadores que se sentiam oprimidos e vivenciavam problemas sociais, principalmente as passagens contidas no livro do Êxodo. Segundo Kenner Terra, “Este livro serve de chave de compreensão para toda a Bíblia, como se fosse uma linha fina que perpassasse todos os textos e os eventos salvíficos da tradição judaico-cristã” (2012: 72). Tal entendimento, aliás, foi reforçado por Nilton Carlini:

A minha referência é Jesus Cristo, Jesus Cristo pra mim a pregação dele, aquilo que ele propôs desde o princípio foi de uma sociedade igualitária. Se você pegar lá o Éxodo, se você pegar os primeiros capítulos do Éxodo e você ver as experiências que aconteceram com Moisés lá. Se você começar a pegar pelo foco, pela ótica da libertação, da transformação, da libertação de um povo que viveu oprimido e escravo, sabe, é uma aula revolucionária, sendo que eles conseguiram atravessar o Mar Vermelho, conseguiram atravessar aquela escravidão e foram em busca da terra prometida, ficaram 40 anos vagando no deserto, simbolicamente 40 anos é um número que mostra, porque se fosse olhar da onde eles saíram e da onde eles se erradicaram e ficaram lá durante 240 anos, algumas gerações nessa terra prometida que emana leite e mel, que leite e mel na Bíblia no Antigo testamento significava fartura, e eles ficaram rodando que nem cachorro, que nem Peru em véspera de natal, cachorro ao redor do rabo, durante quarenta anos e foram sofrendo ali as consequências de estarem sendo perseguidos e tal. Porque 40 anos? Porque esse povo teve que se purificar e se descontaminar de tudo aquilo que existia neles que era ligado à idolatria que eles viviam no Egito, da idolatria de submissão do que eles viveram durante quatrocentos e poucos anos como escravos no Egito. Esse povo Hebreu era um povo escravo, eles viviam oprimidos e explorados, onde as suas crianças eram ultrajadas, onde que eles tinham que trabalhar de sol a sol, só o tempo de dormir, e ganhavam mal a comida pra poder se alimentar e ainda assim um povo que conseguiu crescer em cima do sofrimento, conseguiu se multiplicar.

Esse trabalhador que se identificou com as interpretações bíblicas da Teologia da Libertação desde criança trabalhava, ganhava pouco e enfrentou, ou se sensibilizou com os problemas sociais dos mais pobres. As histórias de Jesus Cristo como libertador, de um homem político que queria livrar o povo da opressão, são inspiradoras para a causa da transformação social. A conexão destes textos sagrados com a sua realidade foi um dos fatores que fizeram com que fosse criado o Partido dos Trabalhadores em Timbó.

## CAPÍTULO II – MEMÓRIAS DE LUTA NOS ANOS 1980

### 2.1 - Criação do PT e greves operárias

#### 2.1.1 – Formação do PT nacional

Neste capítulo abordaremos como os operários de Timbó lutaram por seus interesses durante a redemocratização, realizada na década de 1980. Os trabalhadores manifestavam-se em vários lugares e de diversas formas, no entanto, o foco será no cotidiano das fábricas, instituições políticas partidárias e pastorais da Igreja Católica. Por se tratar de um município pequeno, ocorreram singularidades nesse processo, que serão discutidas a seguir.

Como ponto de partida, será apresentada a formação do PT no município, década de 1980. Sua criação está inserida em um contexto nacional onde grande parte da sociedade brasileira almejava um cenário político mais democrático. Eram tempos de abertura política, greves, eleições e a busca por transformações sociais.

No Brasil, durante o período de desagregação da ditadura militar, surgiram vários movimentos que exigiam liberdade e democracia, atuando em diversos espaços e de diferentes maneiras. No âmbito dos partidos políticos, quem queria redemocratização estava aglutinado no único partido de oposição admitido pelo Ato Institucional nº 2 de 1965, que estabeleceu o bipartidarismo. Esse partido era o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que fazia oposição ao ARENA (Aliança Renovadora Nacional), defensor do Regime Militar. Entretanto, pressionado politicamente, em 1979 o Congresso Nacional realizou uma reforma política na qual ficou estabelecido o pluripartidarismo. O MDB tornou-se PMDB (Partido Movimento Democrático Brasileiro) e a ARENA tornou-se PDS (Partido Democrático Social). Além desses partidos, surgiu em 1980 o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PT (Partido dos Trabalhadores).

A criação do PT culminou em críticas tais como: “um partido composto apenas por trabalhadores seria fraco; o seu líder Lula era visto como o canal de expressão de uma massa desorganizada e podia esvaziar os movimentos populares” (MACHADO, 2010: 108). Também apareceram sinais de aprovação: “era formado por diversas categorias de trabalhadores sem a presença de patrões; abria uma possibilidade para a

participação política dos trabalhadores; era a primeira vez que se formaria um partido verdadeiramente operário” (MACHADO, 2010: 108).

Participaram da formação do PT, pessoas que faziam parte de diversos grupos políticos, mas de forma geral, engajavam-se no ideal de que o povo, a base, os trabalhadores, deveriam participar com mais veemência das decisões do Estado, efetivando a sociedade civil. O marco de fundação do partido foi em 10 de fevereiro de 1980<sup>71</sup> no colégio Sion de São Paulo, quando “cerca de 1200 pessoas (sendo quatrocentos delegados eleitos em dezessete estados brasileiros) compareceram àquela escola para fundar o Partido dos Trabalhadores” (SECCO, 2015: 35). Dos grupos que se envolveram no processo de formação do PT por todo o Brasil, podem ser destacados os movimentos religiosos ligados as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), por exemplo, pastorais operárias e da juventude, que eram influenciadas por ideias advindas da Teoria da Libertação. Outros integrantes do partido eram ligados aos sindicatos de trabalhadores. Também havia grupos com ideais revolucionários que tinham participado da luta contra a ditadura militar. Apesar da presença desses grupos de esquerda, “os petistas afirmavam o socialismo num horizonte distante enquanto defendiam um programa para a democracia” (SECCO, 2015: 36). Em cada cidade ou região, pesou mais ou foi unânime, a presença de sindicalistas, igrejeiros ou grupos revolucionários. Porém, “as CEBS e o novo sindicalismo foram os dois vetores sociais mais significativos na formação do PT” (SECCO, 2015: 49).

No caso da cidade de Timbó, a formação ocorreu em dois momentos. Na primeira formação do PT em 1981, não é possível encaixar os fundadores do partido em nenhum dos grupos expostos acima. Eram operários e agricultores que se identificavam com a proposta de democratização e proposição de mais direitos aos trabalhadores. Eles não participavam ativamente de sindicatos, de pastorais ou de movimentos revolucionários. Já no segundo momento, em 1989, manteve-se a busca por

---

<sup>71</sup> Antes desse encontro, há outros momentos importantes para a formação do PT que o historiador Lincoln Secco lembra em seu livro História do PT. Ele cita que: 1) em 1978 Lula já dizia que a formação de um partido dos trabalhadores era questão de tempo; 2) em junho de 1979 a ideia de um partido dos trabalhadores ganhou apoio da principal categoria do país, a chamada tese de Santo André-Lins; 3) Há relatos de uma proposta de criação de um partido dos trabalhadores em julho de 1978, no Congresso dos Petroleiros, em Salvador – BA; 4) Em 1º de maio de 1979, em São Bernardo do Campo (SP) foi lançada a Carta de Princípios do PT; 5) No dia 13 de outubro de 1979, no Restaurante São Judas Tadeu, em São Bernardo do Campo, foi lançado oficialmente pró-PT e aprovadas as normas transitórias para o funcionamento do movimento, onde os núcleos tinham grande relevo, uma declaração política e a Carta de Princípios. Também foi formada uma Comissão Provisória. (SECCO, 2015: 35 – 43)

democratização e luta por direitos aos trabalhadores, mas foi preponderante a participação de membros das CEBs, com ênfase nas pastorais da juventude e operária. Demonstraremos mais atentamente a formação do PT em Timbó a seguir.

### **2.1.2 – Formação do PT de Timbó**

#### **2.1.2.1 – A primeira tentativa**

A formação do Partido dos Trabalhadores na cidade de Timbó pode ser dividida em dois momentos. O primeiro momento aconteceu em 1981. A fundação e a primeira participação nas eleições municipais de 1982 ocorreu com o apoio de militantes do partido de Blumenau. Após essa eleição o partido minguou e foi desativado. O segundo momento foi a reativação do partido. A ideia de reorganizar o partido começou na época das eleições constitucionais de 1986 e posteriormente, antes da eleição presidencial de 1989, foi oficializado atendendo a todas as demandas jurídicas. Nesse segundo momento houve grande envolvimento de membros da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude da Igreja Santa Terezinha de Timbó. Foram importantes, nesse contexto, as relações dessas pastorais de Timbó com a Pastoral Operária de Joinville.

No primeiro momento, a formação do PT na cidade de Timbó possuía bastante influência de pessoas ligadas ao PT de Blumenau, também de trabalhadores de fábrica e do campo da comunidade do Bairro Tiroleses em Timbó. Exemplos dessa ligação com Blumenau podem ser observados no contexto das eleições municipais de 1982. O candidato a prefeito em Timbó, Jair da Silva, apesar de morar em Timbó, trabalhava na empresa Eletro Aço Altona, localizada em Blumenau. Também foi relevante a participação do militante de Blumenau José Garcia Reis, militante do PCBR até 1988, contribuindo para a fundação do PT em várias cidades, incluindo Blumenau e Timbó.<sup>72</sup> Essas pessoas de Blumenau contatavam o PT de Timbó, dando assistência para a formação do partido. Sigifredo Schiochet, morador do bairro Tiroleses de Timbó, participou da formação do PT em Timbó e contou que “então esse Jair da Silva veio, então falei ao Jair, rapaz eu, eu posso conversar com o pai pra nós vermos assim como é que podemos fazer”.<sup>73</sup> Ele também lembra de José Garcia Reis: “quem nos ajudou

---

<sup>72</sup> Entrevista com José Garcia dos Reis disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5-bF9u5s-Q>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

<sup>73</sup> Sigifredo Schiochet, depoimento citado.

bastante foi o José Garcia de Blumenau. Ele vinha, ele nos ajudava com, assim com uma gasolina, alguma coisa porque não tinha”.

O partido que se formou tinha como ideal a luta para melhorar a vida dos trabalhadores. Entretanto, os dados a seguir levam a crer que o partido não se formou necessariamente pela identificação dos seus membros a um viés ideológico. Foram outros fatores que influenciaram para que a maioria dos filiados entrassem no partido. Destaco como um dos principais motivos as relações de amizade e parentesco. Dois dos principais expoentes do partido eram pai e filho e outros membros também pertenciam a uma mesma família. Na cidade, quem desenvolveu o partido com apoio de membros do PT de Blumenau foi principalmente Sigifredo Schiochet que trabalhava fazendo chaves em Timbó. Ele ajudou na formação do Partido dos Trabalhadores em conjunto com o seu pai Tercílio Schiochet que já havia sido vereador pelo MDB no município, cumprindo mandato de 1973 a 1976.<sup>74</sup> Nesse âmbito, destacando as relações de amizade e parentesco, foi percebido que, na primeira composição do partido, amigos e parentes estavam na lista de filiados. Existe uma relação de filiados entregue ao Juiz Eleitoral na Comarca de Timbó no ano de 2004. Nessa relação contém a data de filiação dos membros filiados até a data de 2004. Infelizmente, essa lista não está completa pois quando um membro do partido se desfiliava seu nome desaparecia do Sistema de Filiação Partidária, perdendo-se todos os seus dados. Porém, essa relação foi útil, pois até o ano de 2004 muitos membros do partido que se filiaram em 1981 ainda não haviam se desfiliado, permanecendo com o nome na lista. Faltam vários nomes nessa lista, como, por exemplo, os candidatos das eleições de 1982, contudo, algumas informações podem ser aproveitadas. Nessa relação, aparecem os nomes de 35 pessoas filiadas ao PT no ano de 1981, todas na data 27 de maio desse ano, a não ser Gentil Dallabona que foi filiado em 14 de abril de 1981<sup>75</sup>. Dessa forma, acredita-se que a formação do PT tenha ocorrido no ano de 1981. Nessa lista de filiados aparecem 14 mulheres e 21 homens, sendo que vários sobrenomes se repetem, como os Schiochet,

<sup>74</sup> Disponível em: <http://www.camaratimbo.sc.gov.br/exvereadores.php>. Acesso em 04 de agosto de 2018.

<sup>75</sup> Filiados ao PT em 27 de maio de 1981: Ademir Schiochet, Adilson Zoboli, Alfonso Schiochet, Alfredo Schon, Almida Gibowski, Antônio Schiochet, Armando Moser, Attilio Dallabona, Aurea Strelow de Borba, Celina Cristofolini, Daria Moser, Elvira de Borba, Feliciano Dallabona, Fidele Dallabona, Gentil Dallabona, Gertrudes Cristofolini, Gilberto Schiochet, Glória Piazza Schiochet, Guido Dorn, Hilário Dorighatti, Ides Dorighatti Negherbon, Irene Kannenberg Mazzi, José Nones, Juscelino Schiochet, Luiz Uller, Maria Mengarda Dalanolo, Marisa Bernardete Cristofolini Kannenberg, Marta Schiochet, Nelson Rudolfo Kannenberg, Oswaldo Cristofolini, Realdina Zoboli, Rolando Kannenberg, Selma Maria Dallabona, Valdemar Hahnebach e Waldemar de Borba.

Dallabona e Kannenberg. Nota-se que a maioria dessas pessoas pertencia a mesma comunidade, e tinha laços de amizade e de parentesco. Isso pode ser concluído também a partir da identificação de que a maioria dos primeiros filiados pertenciam a mesma seção eleitoral. Segundo a relação de filiados, 22 dos nomes votavam na seção 66, localizada Escola Municipal Tiroleses, no bairro Tiroleses.

Esse partido recém organizado, participou no ano de 1982 das eleições municipais que ocorreram por todo o Brasil. A sua primeira chapa foi composta por Jair da Silva como candidato a prefeito e Sigifredo Schiochet como vice. Para vereador apenas foi lançado o pai de Sigifredo, Tercílio Schiochet. Conquistaram seis votos para prefeito e cinco para vereador.<sup>76</sup> Observando esses números, a eleição pôde parecer um completo fracasso e vergonhosa, mas, esse tipo de pensamento seria errôneo. A primeira formação do partido contribuiu para a formalização do partido a nível estadual e nacional. Um dos motivos que determinaram a formação do PT no município de Timbó foram as exigências que a lei da época fazia para que um partido a nível regional e nacional fosse estabelecido. Por exemplo, para a formação do diretório nacional deveriam existir pelo menos nove diretórios regionais registrados. Já para a formação de um diretório regional, era necessário possuir diretórios municipais registrados em pelo menos um quinto dos municípios do Estado.<sup>77</sup>

Após as eleições de 1982, o partido acabou minguando e desapareceu por um tempo. Não há registros de suas atividades nos documentos escritos e nos relatos orais até o ano de 1986, quando aconteceram as eleições constitucionais e, candidatos do PT encontraram apoio de membros da Igreja Católica da cidade, como veremos adiante.

### **2.1.2.2 – Entram em cena as pastorais**

Na segunda formação do partido, no final da década de 1980, os membros das pastorais operária e da juventude foram essenciais para a formação do PT de Timbó, o que não foi um fato isolado dessa cidade. Durante a década de 1980, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica se multiplicaram pelo país, e, essas

<sup>76</sup> Resultado das eleições municipais de 1982. Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/1982/RFM1982183577.htm>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.

<sup>77</sup> Lei nº 6767, de 20 de dezembro de 1979, artigos 36 e 37. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1970-1979/L6767.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6767.htm#art1). Acesso em 12 de setembro de 2018.

organizações populares foram importantes para a formação do PT em vários lugares do Brasil. O historiador Lincoln Secco afirma que “socialmente, a base mais importante do PT depois dos operários de empresas multinacionais e do sindicato de funcionários públicos foi, seguramente, a Igreja Católica” (SECCO, 2015: 45). No caso de Timbó, a base mais importante do PT quando ele voltou à ativa, no final da década de 1980, foi de trabalhadores de empresas privadas que, concomitantemente, participavam da Pastoral Operária ou da pastoral da juventude.

De forma geral, as pastorais eram inspiradas por leituras ligadas à Teologia da Libertação. Seus membros atuavam “em movimentos sociais, associações de moradores, sindicatos e partidos políticos” e assumiam “normalmente posições que podem ser caracterizadas como de esquerda pela valorização do igualitarismo, da democracia direta e da utopia socialista, o que explica a afinidade de muitos de seus membros com o PT”. OLIVEIRA: 2018)

Em Timbó, o Partido dos Trabalhadores, resgatado e refundado no final da década de 1980, foi justamente, obra de membros das pastorais. Isso não foi um caso específico da cidade. Sabe-se que havia locais em que as reuniões do PT se davam dentro da igreja, como em Bebedouro (SP), onde o partido foi fundado no salão paroquial. Em Barretos (SP) teve apoio de estudantes de Engenharia Civil e membros da pastoral da juventude (SECCO, 2015: 46). As mesmas pessoas que participavam dos encontros das pastorais organizaram o PT de Timbó. Gelásio Fiamoncini, na época, operário metalúrgico da empresa Mueller, membro da Pastoral Operária e um dos líderes do PT, contou que a ideia de criar o PT era comentada nas reuniões das pastorais: “Nós fazíamos as reuniões, nós usávamos as salas de catequese para se reunir, em nome da pastoral, mas, [...] nós discutíamos o assunto político e a formação do partido. E ali surgiu o partido”.

Entretanto, a ideia de se criar o PT e envolver a igreja nisso desagradou membros da igreja, portanto, o apoio a essa ideia não foi unânime. Na Igreja Católica de Timbó havia vários grupos que eram compostos por pessoas dos mais variados partidos da época. Além disso, existiam pessoas sem filiação e os que acreditavam que a igreja não deveria se envolver em questões políticas. João Bosco da Silva, membro da Pastoral Operária, relata que: “tinha a lareira e o cursinho, era, vamos dizer assim, mais da

direita, já a Pastoral Operária e o grupo de reflexão era mais esquerda, creio que era assim”.

Outro exemplo das divisões políticas na Igreja Católica da cidade aparece no período da eleição constitucional de 1986. Nem todos os membros da igreja e da pastoral apoiaram os candidatos do PT. Isso é lembrado pelo ex-membro da Pastoral da Juventude Vitor Ropelato. “Então não vamos dizer que foi só do PT, não. Teve outros partidos. [...] O Vilson de Souza era da Dudalina de Blumenau, se elegeu até com o apoio muito grande da Igreja Católica, e ele era um cara do PSD.”<sup>78</sup> Nilton Carlini, membro da pastoral da juventude, corrobora a ideia de fragmentação política na igreja: “O Toninho Mello, a gente trouxe ele, inclusive conseguimos levar ele ali na igreja, não na igreja ali, mas pra alguns movimentos, apresentamos ele pra conversar, só que assim, as pessoas já estavam tudo amarrada com política”.<sup>79</sup> Porém, na pastoral da juventude e na Pastoral Operária, aos poucos, a maioria dos seus membros foram se aproximando do Partido dos Trabalhadores.

Mesmo sem o apoio maciço da Igreja Católica da cidade, essa eleição foi importante para reavivar o partido. Apareceram na cidade alguns candidatos a deputado, inclusive da legenda do PT. Nilton Carlini lembra que esse momento de eleições foi importante para fermentar a ideia de se criar o partido. “Foi bem naquele período, quando estava acontecendo a campanha, estava se mobilizando, fazendo tudo, uma coisa puxando a outra. Aproveitamos do Toninho e do João Fachini para alavancar a construção do PT”. Nilton Carlini continua o depoimento lembrando que após essa eleição começaram a se organizar para fundar o partido e descobriram que ele já tinha sido fundado e estava desativado. Além disso, membros da Pastoral Operária e da juventude se aproximaram por terem afinidades políticas.

Quando nós começamos a se organizar [...], a gente descobriu que existia o partido registrado no fórum em Timbó, mas ele não estava operante, então a gente teve que ir atrás desses outros, a gente formou uma provisória, a gente foi consultar o partido aí conseguimos, formamos uma provisória, que a provisória que a gente acabou, porque nesse, nessa campanha que nós fizemos pra deputado estadual e federal nós acabamos nos aproximando do pessoal da Pastoral Operária, por exemplo, da pastoral da juventude, era quem que estava ali, ó, foi dali que surgiu a história do PT.

---

<sup>78</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

<sup>79</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

Nessa campanha eleitoral vieram para Timbó candidatos a deputado estadual e federal de várias legendas partidárias, apoiados por membros da Igreja Católica. Alguns deles eram filiados ao PT, como João Fachini, outros ao PSD, como Vilson de Souza.

Na época o João Fachini que era de Joinville foi candidato e não se elegeu, mas foi candidato e teve bastante apoio da Igreja Católica, o Vilson de Souza era da Dudalina de Blumenau, se elegeu até com o apoio muito grande da Igreja Católica.<sup>80</sup>

Nesse momento, alguns membros das pastorais da juventude e operária resolveram apoiar candidatos ligados ao PT, colaborando com o ex-padre João Fachini, que coordenava a Pastoral Operária de Joinville e era candidato a deputado federal. Apoiaram também o membro da Pastoral da Juventude Toninho de Mello, de Itajaí. Nilton Carlini lembra que fizeram isto por acreditarem que eles levariam as demandas dos mais pobres, dos explorados para a Assembleia Geral Constituinte.

A defesa do PT, que foi também a defesa dos movimentos populares das pastorais que nós fazíamos parte, era de uma assembleia ampla geral e irrestrita, uma assembleia constituinte de onde participariam os movimentos de toda a sociedade organizada do Brasil, toda sociedade organizada, os índios, os sindicatos, os grupos empresariais, os judiciários, todos, todos, a OAB, cada um teria o seu representante ou os seus representantes dependendo das cidades e se faria uma ampla assembleia.<sup>81</sup>

Apesar dos esforços, os candidatos petistas apoiados pelos membros das pastorais de Timbó não se elegeram. Nessa campanha João Fachini fez um total de 8.848 votos, desses, 115 votos foram em Timbó. Já Toninho de Mello conquistou 2.510 votos, sendo 53 deles em Timbó.<sup>82</sup> Eles não ficaram entre os candidatos do PT mais votados, pelo contrário, ficaram muito atrás dos outros candidatos da legenda do PT na votação total. Entretanto, em Timbó, dentre os candidatos petistas, eles foram os mais votados mesmo tendo outros candidatos do PT na região, por exemplo, José Garcia Reis de Blumenau. Percebe-se que o apoio dos membros da Pastoral Operária e da pastoral da juventude foi importante para esses candidatos conquistarem votos na cidade.

É significativo constatar que nesta ocasião, para deputado estadual, os votos de Toninho de Mello fizeram diferença, pois a única eleita pelo PT naquela ocasião, Luci Terezinha Choinack, conseguiu esse feito obtendo apenas 6.068 votos, sendo eleita devido ao quociente eleitoral. Outros 52 candidatos de outros partidos, que fizeram mais

<sup>80</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

<sup>81</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>82</sup> Número de votos resultado por município de Santa Catarina (1986). Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/1986/SelecMunicE19861.htm> Acesso em: 12 de junho de 2018.

votos que ela, não chegaram ao posto de deputado estadual. Ou seja, mesmo que poucos, os votos de cada deputado estadual contribuíram para a soma geral e a eleição de uma representante do PT na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

A escolha em defender esses candidatos tem como principal motivação o pertencimento deles às pastorais. Apesar de haver outros candidatos petistas mais próximos, como de Blumenau, eles não ganharam apoio, inclusive, nenhum outro candidato petista ultrapassou 10 votos em Timbó. Essa preferência pode ser ilustrada no seguinte trecho do depoimento de Nilton Carlini.

Quando a gente foi nessa assembleia constituinte, a gente chamou o Toninho Mello que era candidato a deputado estadual pelo PT, ligado a pastoral da juventude, ele era liberado da Pastoral da Juventude estadual. Para deputado federal foi o João Fachini que era também filiado ao PT, claro os dois filiados ao PT, mas que era da Pastoral Operária, ele era liberado da Pastoral Operária, ele era um ex-padre, mas era liberado da Pastoral Operária. Então nós tínhamos uma base, a Pastoral Operária e a Pastoral da Juventude e nós começamos a fazer campanha para esses dois.<sup>83</sup>

A seguir, o depoente Gelásio Fiamoncini confirma que a escolha feita em apoiar esses candidatos aconteceu porque eles pertenciam às pastorais. Também relembra que era difícil fazer campanha na época pois não possuíam estrutura financeira para bancar a campanha. Entretanto, eles ajudavam com os poucos recursos que tinham. Ele relata que, dos que ajudaram na campanha para Toninho de Mello e para o João Fachini, ele era o que mais tinha condições de ajudar, por exemplo, ele podia fazer campanha com uma moto, enquanto os outros faziam de bicicleta.

Abraçamos a campanha do Toninho justamente por causa da pastoral. Na época lá a pastoral também tinha ligação com o PT e aí abraçaram a campanha desse tal de Toninho e aí em Timbó eu era referência, eles vieram para mim. Aí começamos a fazer campanha, mas o único veículo era a bicicleta, e ali eu já tinha uma moto, uma motoquinha, uma 125.<sup>84</sup>

Nesse momento o PT ainda não havia sido refundado em Timbó, judicialmente ele estava desativado. Mas, durante as eleições gerais de 1986, o movimento para a reativação do PT em Timbó começou a germinar. Nessa eleição vários membros da Pastoral Operária e da juventude se juntaram para fazer campanha para candidatos do PT, e, após a eleição, esse grupo não morreu. Eles continuaram a se unir na Igreja Católica Santa Terezinha nas reuniões das pastorais, dando continuidade ao debate de ideias identificadas com o partido, e ficaram próximos da Pastoral Operária de Joinville, possuidora de um grande número de petistas.

---

<sup>83</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

<sup>84</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

Posteriormente, no ano de 1989, ocorre a formalização do partido. Nesse ano houve um grande número de filiações. Na lista de filiações de 2004, mencionada anteriormente, são encontradas 24 filiações realizadas na data de 12 de abril. Ali aparecem os nomes de Gelásio Fiamoncini e Doclésio Alves de Souza (*in memoriam*) que participaram da formação da comissão provisória do partido para eleger uma nova diretoria. De acordo com Vitor Ropelato, havia outros participantes da comissão provisória de 1989.

Refundamos o partido, o PT em Timbó, aonde coincidente ou não os membros eram da pastoral da juventude eu e Nilton Carlini e os outros eram membros da Pastoral Operária, que o primeiro presidente da comissão provisória é o Nilton Carlini, o vice era o Gelásio Fiamoncini, o tesoureiro Doclésio de Souza, o secretário era eu e um membro que sempre tinha mais um membro era o Orli Green.<sup>85</sup>

Percebe-se que no ano de 1989 aconteceu uma movimentação intensa para a formação do partido e o cumprimento de toda a legislação para essa finalidade. Segundo o mesmo depoente, outros membros integravam este esforço: “O José Prada, o Paulo Roberto Kormann, Sigifredo Schiochet fizeram parte da diretoria, o João Bosco da Silva fez parte da diretoria”. João Bosco da Silva aparece como filiado em 1991, portanto pode ser que ele não tenha participado da primeira diretoria, mas, de uma posterior. Enfim, essa diretoria foi formada no início do ano de 1989, quando os membros do partido ainda estavam participando das pastorais.

Segundo Gelásio Fiamoncini, “Nós fazíamos as reuniões, nós usávamos as salas de catequese pra se reunir pra ser em nome da pastoral, só que nós discutia o assunto político e a formação do partido. E ali surgiu o partido, na verdade surgiu ali”.<sup>86</sup> Não foram encontrados documentos escritos e relatos que apontem quando exatamente essa comissão provisória foi formada, mas, foi nesse espaço que começaram as discussões para a formação do partido. “E esse grupo de jovens [...], só que pertencia a outro movimento a outra pastoral. Aí nós [Pastoral Operária] fomos, começamos a conversar a respeito disso e os caras também se interessaram”. A quase totalidade dos membros do partido que o refundaram participavam nas pastorais da Igreja Católica. Nilton Carlini e Vitor Ropelato eram da pastoral da juventude e os outros da Pastoral Operária. “Antes era eu [Gelásio Fiamoncini], o Vitor Ropelato, o Nilton Carlini e o Doclésio Alves de

---

<sup>85</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

<sup>86</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

Souza. Nós começamos, nós fazíamos parte, eles faziam parte da Pastoral da Juventude e eu fazia parte [da Pastoral Operária]”.

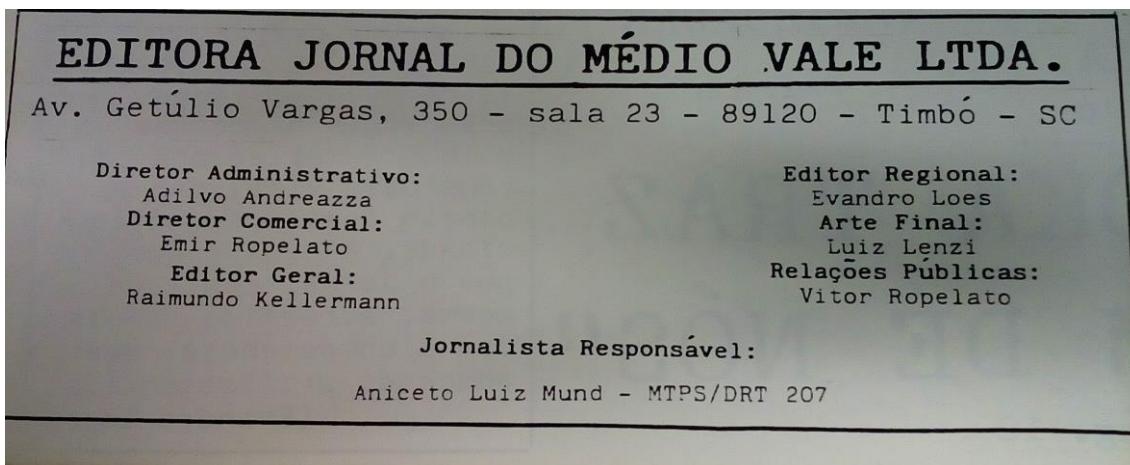
O documento mais antigo que foi encontrado sobre a recriação do Partido dos Trabalhadores em Timbó é uma notícia de jornal. No dia 29 de abril de 1989, o Jornal do Médio Vale publicou uma notícia com o seguinte título: “PT alerta o trabalhador”. Nessa reportagem são citados e comentados trechos de uma entrevista feita com Vítor Antônio Ropelato, citado como secretário do Partido dos Trabalhadores. Nas vésperas do 1º de maio, Ropelato escreve que o PT era solidário aos trabalhadores que estavam sendo oprimidos pelo arrocho salarial imposto pelo governo federal e que, contra isso, o partido lutaria para defender o trabalhador. Por fim, revela que “em Timbó o partido está agilizando uma campanha de conscientização da classe trabalhadora, realizando reuniões para esclarecer assuntos referentes ao trabalho”.<sup>87</sup>

No início, esse jornal manteve relações próximas ao PT. Membros desse jornal chegavam a participar ativamente das atividades do partido. Adilvo Andreazza, na época diretor administrativo do jornal, relatou ter participado de reuniões do partido e ajudado Lula na campanha presidencial de 1989. Já Vítor Ropelato, que ficou responsável pelas relações públicas do jornal, foi eleito membro da executiva do partido. Adilvo Andreazza foi um dos fundadores do jornal e trabalhou nele até 1992, já Vítor Ropelato ficou por lá trabalhando apenas alguns meses. Adilvo Andreazza trabalhava também de professor, já Vítor ficou no jornal apenas até arranjar outro emprego. Esse jornal circulou na cidade de Timbó e municípios vizinhos e foi criado em 1989. “No começo, 35 edições foram impressas em máquina de xerox e as fotografias foram substituídas por charges, desenhadas por Luiz Lenzi” (BAUMANN, 2009).

---

<sup>87</sup> Jornal do Médio Vale, 29 de abril de 1989, p. 6.

Figura 3: Membros do Jornal do Médio Vale em 1989.



Fonte: Jornal do Médio Vale, 29 de maio de 1989, p. 2.

Enquanto a criação da Comissão Provisória é difícil de ser datada com precisão devido à falta de documentos, a data da formação da diretoria pôde ser precisada pois foi noticiado no Jornal do Médio Vale. A notícia foi feita com o propósito de informar que a convenção do PT havia acontecido no dia 30 de abril de 1989 e havia sido eleita a executiva do diretório municipal e o novo delegado regional do partido.

A primeira diretoria ficou com a seguinte formação: Presidente: Gelásio Fiamoncini; Vice-presidente: Nilton Carlini; Secretária: Rosane Fiamoncini; 2º Secretário: Vítor Antônio Ropelato; Tesoureiro: Doclésio Alves de Souza; 2º Tesoureiro: Lourival Mota; Delegado Regional: Nilton Carlini. Na notícia enfatiza-se que o novo presidente é operário há 15 anos, reforçando a ideia de que o partido não só defende os trabalhadores, mas também é formado por trabalhadores. Segundo a notícia, o PT contava com 134 filiados naquela data e, além de defender o trabalhador, tinha por objetivos proporcionar formação política a seus filiados e apoiar a candidatura a presidente de Luís Inácio Lula da Silva.

Como já constatado anteriormente, a formação do Partido dos Trabalhadores foi feita por membros da pastoral da juventude e da Pastoral Operária que pertenciam à Igreja Católica, nem todos os membros da igreja apoiaram esse movimento. Nesse sentido, foi constatado que após a formalização do partido continuaram aparecendo algumas divergências entre os membros do partido e outros membros da igreja, inclusive com o próprio padre. A partir do momento em que o partido foi criado oficialmente eles tinham que tomar mais cuidado com o que discutiam nos encontros das pastorais pois o padre não queria que assuntos relacionados ao partido fossem

discutidos na igreja. Inicialmente, os debates sobre a organização e mobilização do partido aconteciam durante as reuniões das pastorais operária ou da juventude, mas isso não era bem visto pelo padre e outros membros da Igreja Católica, como é narrado por um membro da Pastoral Operária da época.

Então ele chamou os caras e disse, mas vocês estão se reunindo para pastoral ou tão se reunindo pra um partido? Aí, não, é pastoral, e lá vai, e nós fazia. E aí ele botou até assim digamos, não digo espião, mas veio algumas pessoas que era da ala deles para participar. Depois foi aonde todos, eu e o Vitor Ropelato e esse tal de Nilton Carlini nós rompemos com ele. A partir do momento que formamos o diretório, a provisória aí tivemos que deixar de se reunir nas salas da comunidade, [...] eles cortaram de vez. Eles: não, política aqui não. Daí o padre chamou, ele disse, olha, vocês podem se reunir em nome da pastoral, mas aqui não se pode, não pode se envolver com política porque para as reuniões de política vocês tem que arrumar um outro lugar.<sup>88</sup>

Dessa forma, o partido teve que procurar outros locais para se reunir. Normalmente as primeiras reuniões do partido aconteciam nas próprias casas de seus membros. Entretanto, alguns membros da Pastoral Operária e da juventude admitem que, mesmo com a vigilância, discutiam assuntos acerca do partido na igreja. Isso era feito de forma cautelosa pois não havia a permissão da diretoria da igreja para usar aquele espaço para o propósito de discutir assuntos partidários. O relato a seguir ajuda a entender como essas discussões aconteciam e que, por vezes, existiam dificuldades em separar o partido da pastoral, já que os assuntos discutidos eram demandas dos dois grupos, as pessoas que participavam da pastoral e do partido eram as mesmas, então havia uma conexão forte entre pastoral e partido.

Já fizemos reuniões do partido dentro da própria igreja. A gente ia ali na sala que na época é dos alcoólatras anônimos, e aí a gente ia lá e se reunia como se fosse Pastoral Operária, e ficava conversando, discutindo algumas coisas, bem no começo, a gente se reunia depois na casa de um na casa de outro e uma vez ou outra a gente se reunia lá, quando sabia que não ia ter problema que não tinha ninguém que pudesse ficar vendo, até porque a gente não fazia alarde que era uma reunião do partido, era reunião da Pastoral Operária, que na realidade era pastoral do trabalhador, só mudava o O pelo T ali.<sup>89</sup>

A maioria dos membros do partido eram das pastorais, portanto, eles aproveitavam-se disso para discutir assuntos relacionados ao PT na própria igreja, uma questão de praticidade. Não chegava a ser uma reunião formal, mas alguns assuntos relacionados ao PT eram tratados na reunião da pastoral. O fato de os membros da pastoral serem os mesmos do PT ajudava nisso, de acordo com o mesmo depoente.

<sup>88</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>89</sup> Nilton Carlini, depoimento citado.

A gente fazia algumas reuniões na igreja. Uma ou outra. As vezes a gente estava lá na Pastoral Operária, nós tínhamos um tema, temos reunião da Pastoral Operária hoje, mas temos que falar vai ter uma viagem que temos que fazer e vai ter um encontro, vai ter que panfletar um negócio, como é que nós vamos fazer? A gente falava, vamos nos reunir na casa do fulano pra discutir, nós já estamos aqui vamos se reunir aqui, aí a gente discutia lá, mas também acabava como oração.

O momento político nacional contribuía para essa mobilização e formação do partido. Já fazia 30 anos que não eram realizadas eleições diretas para presidente no país, e o PT estava articulando o lançamento do candidato Lula. É marcante para quase todos os entrevistados a participação que eles tiveram na campanha para presidente do Lula em 1989. Naquele momento ele já era conhecido nacionalmente e, novamente, os membros das pastorais da juventude e operária se juntaram para fazer campanha para um candidato do PT. Um participante do PT na época lembra que discutia calorosamente com amigos para defender Lula.

Sei que na primeira, Lula e Collor, a gente se pegava muito. Tinha um camarada aí, um Zermiani, a gente se pegava. Ah, a gente se pegava feio porque ele dizia que o Lula era comunista e ele era do Collor e eu era do Lula, ele era do Collor e eu do Lula, e nos se pegava feio rapaz, sim, nos ia trabalhar junto pela madrugada brigando pelas estradas.<sup>90</sup>

Ambos eram trabalhadores da indústria têxtil e iam ao local de trabalho juntos de bicicleta. Nesse caminho eles discutiam sobre política e o voto para presidente. Enquanto um defendia o Lula, o outro estava com Collor. Interessante notar que o Partido dos Trabalhadores e o sindicalista Lula, que demonstrou por mais de uma década defender os trabalhadores, não conseguiam atrair todos os trabalhadores para a sua legenda. Um dos argumentos apresentados pelo trabalhador acima é o fato dele ser comunista, com ideias radicais. De fato, existia naquela época em Timbó o medo do comunismo como foi visto no primeiro capítulo. Mas, os membros do PT de Timbó que formaram o partido também não defendiam essas ideias, eles não faziam parte dessa ala do partido que queria colocar em prática o socialismo ou o comunismo, não queriam fazer uma revolução. Eles se encaixariam no grupo Articulação 113, que buscava transformar a sociedade pela via democrática popular.

Apesar do candidato Lula não ter sido eleito, essa campanha presidencial foi importante para a aglutinação de pessoas em torno do PT na cidade de Timbó. Nilton Carlini, presidente do PT durante a comissão provisória, relatou ao Jornal do Médio Vale no dia 8 de abril de 1989, na reportagem “Carlini anuncia convenção do PT e

---

<sup>90</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

revela estratégias de campanha”, que o PT “está se reunindo semanalmente para elaborar um plano de ação, que deverá ser entregue ao diretório estadual do partido. Essas propostas serão enquadradas na realidade catarinense e apresentadas ao próprio Lula”. Na convenção do PT, em 30 de abril de 1989 o eleito presidente do PT Gelásio Fiamoncini disse ao Jornal do Médio Vale que “pretende desenvolver e proporcionar formação política a seus filiados e simpatizantes e montar um esquema para a campanha de Luís Inácio Lula da Silva”.<sup>91</sup> Em outra reportagem, Vitor Ropelato, secretário do PT de Timbó passa a se envolver com o PT estadual e é eleito “para a composição do diretório regional de agremiação”.<sup>92</sup> Portanto, com essas notícias do Jornal do Médio Vale, percebe-se a existência de movimentação no partido para a realização da campanha presidencial de 1989, formalizando o partido, participando de ações a nível estadual e enviando propostas e sugestões para a campanha de Lula.

Dessa forma, após a tentativa de organizar em Timbó o Partidos dos Trabalhadores no início dos anos 1980 e ele ter minguado, uma nova tentativa foi capitaneada por pessoas que trabalhavam nas fábricas do município e eram extremamente religiosas e atuantes nas pastorais operária e da juventude. Assim, consolidou-se na cidade um partido que lutaria pelos direitos dos trabalhadores, como uma forma de resistência às injustiças do sistema capitalista.

### **2.1.3 – Greve de 1989 em Timbó**

Muitas greves aconteceram no Brasil na década de 1980. Ao todo foram quatro grandes greves gerais que, genericamente, contestavam as políticas de desenvolvimento econômico do Governo Federal. Durante a década de 1980 a participação dos trabalhadores nos movimentos grevistas foi crescendo gradativamente.

A primeira, a greve geral de julho de 1983, contou, segundo cálculos de Salvador Sandoval, com a participação de dois a três milhões de trabalhadores. A segunda greve geral, de dezembro de 1986, contou com a participação de cerca de dez milhões de grevistas, isto é, cinco vezes mais do que a precedente de 1983. A greve de agosto de 1987, terceira da série, contou com a participação de cerca de dez milhões de trabalhadores, número igual ao da greve geral anterior. Finalmente, a quarta greve geral de protesto dos anos 80, realizada em março de 1989, deu um salto quantitativo, duplicando para vinte milhões o número de grevistas e, ademais, teve a duração de dois dias, diferentemente das três anteriores que foram de apenas um dia (BOITO JUNIOR, 1994: 190).

---

<sup>91</sup> Jornal do Médio Vale, 06 de maio de 1989, p. 11.

<sup>92</sup> Jornal do Médio Vale, 27 de maio de 1989, p. 3.

Quanto ao município de Timbó, a greve que obteve destaque foi a geral de 1989. Ela aconteceu em meio a um período de grande crise econômica do governo de José Sarney. Os trabalhadores, cada vez mais, viam os seus salários sendo corroídos pela inflação. No Brasil inteiro trabalhadores cruzaram seus braços e fábricas pararam. No caso da cidade de Timbó o descontentamento com a política econômica de Sarney não foi diferente, sendo que no ano de 1989, o Jornal do Médio Vale fez uma entrevista com 100 moradores da cidade e uma das perguntas foi: “O que você pensa do atual governo Sarney? Todos responderam que está ruim”.<sup>93</sup> Além disso, ao observarmos os dados do IBGE relativos ao IDHM percebemos que de 1980 a 1991 a crise atingiu Timbó.

Tabela 4: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Timbó no período de 1970 - 2000

Ano	Educação	Longevidade	Renda	IDH Municipal
1970	0,722	0,584	0,415	0,574
1980	0,736	0,621	0,954	0,770
1991	0,843	0,762	0,712	0,772
2000	0,953	0,806	0,771	0,843
Evolução 1970/2000	32%	38,02%	85,79%	46,87%

Fonte: Santa Catarina em Números, SEBRAE, Timbó - SC, 2013, p. 25.

Observa-se que durante a década de 1970 houve avanços na renda dos residentes no município, ela mais do que dobrou de 1970 até 1980. Entretanto, entre 1980 e 1991 foi tempo de retrocesso, a renda que era de 0,954 passou a ser 0,712. Mesmo com esse retrocesso, o IDHM ficou estagnado devido ao avanço que aconteceu na educação e longevidade. Além disso, a cidade apresentava no ano de 1991 o 12º melhor IDHM de Santa Catarina<sup>94</sup> no quesito renda. Entretanto, o impacto na renda dos trabalhadores foi grande e fomentou um clima de insatisfação devido ao retrocesso dos salários. Outro ponto importante é que esses números camuflam a desigualdade na distribuição dessa renda, pois é feita apenas uma média, dessa forma, o problema da diminuição da renda pode ter sido ainda mais grave.

Além da corrosão dos salários, outro problema enfrentado pelos trabalhadores e que se agravou foi o desemprego. Uma manchete do Jornal do Médio Vale repercute o seguinte: “Desemprego assusta trabalhador”.<sup>95</sup> Nessa reportagem, o responsável pelo

<sup>93</sup> Jornal do Médio Vale, 06 de maio de 1989, p. 2.

<sup>94</sup> Santa Catarina em Números, SEBRAE, Timbó-SC, 2013, p. 26. Disponível em: [https://static.fecam.net.br/uploads/1534/arquivos/1031053\\_Relatorio\\_Municipal\\_\\_Timbo.pdf](https://static.fecam.net.br/uploads/1534/arquivos/1031053_Relatorio_Municipal__Timbo.pdf). Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

<sup>95</sup> Jornal do Médio Vale, 04 de março de 1989, p. 4.

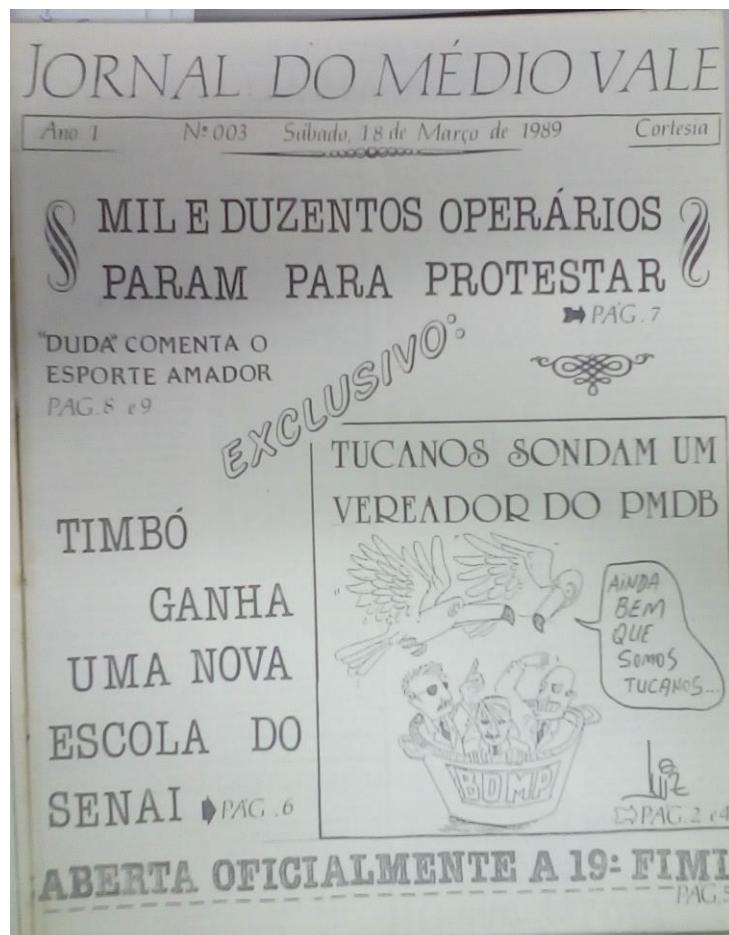
SINE – Sistema Nacional de Empregos diz que o número de trabalhadores que pegam o seguro-desemprego é alto e que o número de pessoas não ativas é elevado. Também foi destacado que dos 25 mil habitantes, apenas 8.300 são trabalhadores ativos e destes, 1.500 trabalham em outras cidades. Dessa forma, há a preocupação dos que fizeram a reportagem com a geração de empregos.

Nesse contexto, trabalhadores de várias partes do Brasil pararam de trabalhar e realizaram manifestações. No caso de Timbó, algumas empresas metalúrgicas e professores aderiram à greve geral de março de 1989. Na mesma edição do Jornal do Médio Vale apareceu uma notícia sobre a greve com a manchete: “Nova Greve no Magistério: Sindicato Convoca Grevistas”. No corpo da notícia é exposto que o Sindicato dos Trabalhadores de Blumenau e Região convoca os trabalhadores para discutir sobre a possibilidade de se fazer uma greve em protesto ao Plano Verão. Segundo o Jornal do Médio Vale, as principais propostas são: “restituição das perdas salariais, reajuste mensal, contrato coletivo de trabalho nacional, contra o desemprego, melhor política agrícola, não pagamento da dívida externa e retirada imediata do presidente José Sarney”. Após, avisa que os professores já decidiram em assembleia geral em Florianópolis que entrarão em greve nos dias 14,15 e 16 de março. Adilvo Andreazza, Diretor Administrativo do jornal e também presidente da Associação dos Professores do Médio Vale, dá o seu parecer indicando que lutará para o fortalecimento da greve e expõe o seu descontentamento com a situação atual enfrentada pelos professores, alegando que “a qualidade de ensino decaiu nos últimos dois anos em função das perseguições, falta de recursos para aperfeiçoamento, perdas de conquistas do magistério, como as eleições diretas de diretores, não cumprimento do plano de carreira e não realização de concursos públicos”. Portanto, no início do mês de março, sindicatos de várias categorias da região organizaram-se para uma possível greve geral.

Entretanto, quando a greve aconteceu em Timbó, o maior contingente de grevistas veio das fábricas metalúrgicas, surpreendendo todo mundo, pois o sindicato, em assembleia geral, havia decidido não parar. Segundo a manchete de capa do Jornal do Médio Vale na edição do dia 18 de março de 1989, cerca de 1.200 trabalhadores participaram desse movimento na cidade, sendo que a adesão teria sido maior na METISA e na Mueller, com 90%, e na Indústria de Relógios Herweg, com 50%. Essas empresas estavam entre as maiores do município e esses números demonstram a força

do movimento na cidade. A greve só teve o apoio do sindicato depois de iniciada, e pessoas ligadas ao sindicalismo de outras cidades como Criciúma, Lages e Blumenau vieram ajudar no suporte já que o sindicato ainda era inexperiente nesse tipo de ação.

Figura 4: Capa do Jornal do Médio Vale anuncia greve de 1989.



Fonte: Jornal do Médio Vale, 18 de março de 1989, capa.

Segundo o Jornal do Médio Vale na reportagem “Mil e duzentos operários param para protestar”<sup>96</sup> os trabalhadores entraram em greve pois consideraram injusta a proposta dos patrões de dar 20% de aumento em março e mais um acréscimo de 7,48% em abril. Os trabalhadores queriam um reajuste salarial de 100% em março, a fim de recuperar a perda salarial devido à inflação de dezembro e janeiro. Além disso os operários queriam um percentual de 15% a título de produtividade, lotação de pessoal normalista em diversos setores de produção e redução proporcional da jornada de trabalho do turno noturno com relação ao diurno.

<sup>96</sup> Jornal do Médio Vale, 18 de março de 1989, p. 7.

Os trabalhadores também realizaram passeatas saindo da empresa e passando pelas principais ruas do centro da cidade. As empresas Mueller e METISA localizavam-se no centro da cidade, e a partir do seu pátio os trabalhadores passaram pelas principais avenidas da cidade mostrando o seu protesto e reivindicações. Em entrevista ao Jornal do Médio Vale, o presidente do sindicato Walter Horstmann disse que na terça (14/03/89) 600 pessoas participaram, já na quarta-feira (15/03/89) mais de 1.000 estavam presentes nas passeatas.

O movimento não foi bem visto pelos patrões que queriam ver os seus trabalhadores no batente, sem perder tempo e conseguindo cumprir com a produção, alcançando o lucro. O momento em que o operário está na fábrica deve ser disciplinado, ele é medido e pago, por isso “deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar” (FOUCAULT, 1999: 177). Existem metas de produção a serem cumpridas e greves acabam atrapalhando o cumprimento dessas metas impostas pelos chefes.

Muitas vezes essas metas eram incorporadas pelos trabalhadores como sendo não apenas a meta da fábrica, mas a sua própria meta. Ao conseguir cumprir a meta o trabalhador demonstra o seu valor perante seus pares e seu chefe. Mesmo após a greve ter acabado, Gelásio Fiamoncini, encarregado do setor da mecânica, propôs ao seu chefe recuperar os dias de produção perdidos durante o período da greve para não perder o prêmio que os funcionários ganhavam ao cumprir as metas. Ele conta que o patrão duvidou da capacidade e de seus colegas, mas ele garantiu que conseguiriam cumprir as metas e repor a produção. De fato, conseguiram cumprir a meta com folga. Ele tinha 20 dias para realizar o feito e conseguiu ter sucesso com 14 dias. Para conseguir cumprir a meta eles começavam a trabalhar um pouco antes do horário ou ficavam um pouco depois, também encurtaram o tempo de café e almoço.

Como nós tínhamos perdido a produção nós ia perder o prêmio. Isso era regra, era a norma. Eu digo, se vocês pagarem o prêmio eu vou provar pra vocês que eu vou repor a produção, só que eu quero 20 dias. Se em 20 dias pra vocês manter a produção do dia e recuperar a produção perdida eu digo, eu garanto. Quando eu falei aquilo o cara deu uma risada, uma chacoalhada assim de sarro. Ele disse: você não consegue fazer a produção do dia. Vai recuperar que produção? Eu disse: vocês me dão a oportunidade? Sim. Então vamos ver. Aí reuni os funcionários e disse ó, o negócio é o seguinte, nós vamos mostrar pra eles que nós temos força pra destruir a empresa se for

preciso e também pra construir. Nós vamos repor a produção dentro de tantos dias, daí eles não descontam o prêmio, esse foi um acordo. Vocês topam? Topamos Gelásio. Nós vamos provar pra eles. Topamos. Aí no outro dia quando eu cheguei lá o cara me perguntou: E afé Gelásio, a que conclusão chegaram? Eu disse: Nós vamos topar. Em 20 dias está a produção será recuperada, se não recuperar nós vamos pagar o preço. Em 14 dias a gente repôs a produção.<sup>97</sup>

Mesmo tendo acabado de acontecer uma greve que durou cerca de uma semana e os ânimos entre patrões e empregados terem se acirrado, eles foram capazes de sentar, negociar e fazer um acordo informal. Mas, também aconteceu o oposto. Após a greve, no Jornal do Médio Vale foi publicada uma notícia em que os patrões sugeriram demitir trabalhadores que participaram da greve. Gelásio Fiamoncini conta que depois de ter participado da greve foi chamado várias vezes para conversar com os diretores da empresa que o pressionavam para pedir demissão pois a greve era legal e eles não poderiam demiti-lo.

No Jornal do Médio Vale, as opiniões dos empresários sobre a greve dos metalúrgicos variaram. O empresário Antônio Jurandir Girardi, depois da greve, ficou ao lado dos trabalhadores, disse que “a greve dos metalúrgicos representa uma vitória para a classe trabalhadora de Timbó e região”.<sup>98</sup> Mas ele também não coloca a culpa da greve nos empresários e sim no governo. Para ele o governo não é capaz de unir as duas classes, portanto “a melhor maneira é o entendimento a sós”. Ele não faz críticas aos sindicatos, pelo contrário, considera que “o sistema sindical vai se tornando algo comum na vida brasileira e é necessário estar preparado para este momento a fim de entendê-lo e torná-lo como natural”.

Por outro lado, no mesmo jornal existe a opinião de outros empresários que não consideraram o movimento dos operários correto. Na reportagem “Mil e duzentos operários param para protestar”<sup>99</sup> o presidente da Associação Comercial e Industrial do Médio Vale do Itajaí, vereador eleito pelo PMDB para legislar de 1989 até 1992, e membro da diretoria da empresa Carrocerias Linshalm, Unírio Dalpiaz disse que “sabe das dificuldades dos trabalhadores, mas considera o movimento de ordem puramente política [...], não há reivindicações, o que os líderes da greve querem é fazer política”. Para ele as indústrias não podem aumentar os salários devido a política fiscal do governo federal. Portanto, ele tenta deslegitimar o movimento dizendo que a greve não

<sup>97</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>98</sup> Jornal do Médio Vale, 24 de março de 1989, p. 7.

<sup>99</sup> Jornal do Médio Vale, 18 de março de 1989, p. 7.

tem por finalidade fazer com que os trabalhadores sejam mais valorizados, mas sim alavancar nomes para posteriormente serem candidatos. Dessa forma, mesmo ele sendo do mesmo partido de José Sarney, tira toda a culpa dos patrões e das empresas e coloca no governo federal. Ele também não culpa os trabalhadores locais por fazerem a greve, coloca-os como vítimas, enganados por políticos de outros lugares do país que estimularam e lideraram a greve.

Já outros empresários foram mais agressivos e ameaçaram os trabalhadores que participaram da greve de demissão publicamente no Jornal do Médio Vale. A repressão contra grevistas é algo corrente no nosso país, tanto em épocas de ditadura como em tempos de democracia. Por exemplo, o historiador John French demonstra essa permanência da repressão policial em seu artigo “Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos” tendo como foco a análise de que há continuidade da repressão policial desde Washington Luís até Getúlio Vargas (FRENCH, 2006: 379). O pesquisador brasileiro Hélgio Trindade também escreve algo nesse sentido. Para Trindade vivemos em uma sociedade com autoritarismo mesmo em tempos de democracia. A base que deu origem a democracia, deu origem à ditadura. Para ele tem uma “persistente hibridez ideológica e institucional, combinando estruturas e práticas políticas autoritárias e liberais” (TRINDADE, 1985: 70). Percebe-se que apesar do país estar passando por um momento de redemocratização<sup>100</sup> com o alargamento das liberdades políticas ainda existem concomitantemente práticas autoritárias como demitir funcionários por protestarem em prol de seus direitos.

Na reportagem “Demissões para Grevistas”<sup>101</sup> do JMV, o gerente de recursos humanos da METISA, Ivo de Pim, disse “negar que não haverá demissões seria mentir”. O argumento apresentado é que isso acontecerá para proteger os próprios funcionários da empresa, pois “passaram a não ter mais confiança de seus próprios colegas”. Ao mesmo tempo em que diz que haverá demissões ele também considera

---

<sup>100</sup> A pesquisadora Alzira Alves de Abreu diferencia Democratização de Liberalização de um regime autoritário. Democratização seria quando: 1) um grau suficiente de acordo foi alcançado quanto aos procedimentos políticos visando a obter um governo eleito; 2) quando um governo chega ao poder como resultado direto do voto popular livre; 3) quando esse governo tem de fato a autoridade de gerar novas políticas; 4) quando os poderes executivo, legislativo e judiciário criados pela nova democracia não têm que, de jure, dividir o poder com outros organismos; 5) existência de competição aberta pelo direito de conquistar o controle do governo, o que exige eleições competitivas livres. Liberalização de um regime autoritário: 1) tolerância a oposição; 2) menos censura da mídia; 3) libertação de presos políticos; 4) existência de algumas salvaguardas jurídicas como habeas corpus; 5) aceitação da classe trabalhadora. (ABREU, 2005: 53).

<sup>101</sup> Jornal do Médio Vale, 24 de março de 1989, p. 7.

“que a reivindicação dos operários é justa”. Ou seja, os empresários da região não negam as más condições de trabalho dos seus empregados, mas ao mesmo tempo, se esquivam da responsabilidade disso, negando que essas péssimas condições de trabalho e salário baixo sejam responsabilidade deles. O editor do Jornal do Médio Vale também escreve nesse sentido após o período de greve, mas utiliza o argumento de que o governo federal é falho para defender os trabalhadores e eles não merecem ser punidos.

A greve ocorrida neste período de 14 de março até 17, não significa que o trabalhador está simplesmente protestando só contra os patrões. Existe sim uma união em prol de uma causa: a justiça no governo Federal. Condenável, agora, seria punir os trabalhadores por essa mobilização. E para os grevistas é bom lembrar que não adianta paralisar as atividades se não se está consciente daquilo que se faz.<sup>102</sup>

A greve se estendeu do dia 14 até o dia 19 de março de 1989. Segundo o que disse Walter Horstmann, presidente do sindicato da categoria ao Jornal do Médio Vale na reportagem “Sindicato Reage”,<sup>103</sup> após a greve, o acordo “é de um reajuste de 20% em março e 7,48% em abril”. Esse acordo valeu para os trabalhadores da METISA e Mueller. Já aos trabalhadores da Herveg “concedeu a seus funcionários um reajuste de 12,15% em março, que serão incorporados e não dará reajuste em abril”. Ao final da reportagem o presidente do sindicato incentiva os trabalhadores a manterem-se mobilizados para não perderem o que já conquistaram. Interessante notar que ganhar 20% em março e 7,48% em abril foi a proposta que os trabalhadores recusaram ao deflagrar a greve. Portanto, no final do período de greves, a proposta inicial dos patrões foi aceita, mas nessa reportagem Horstmann achou o acordo satisfatório.

Essa greve é um bom exemplo da existência dos conflitos de classe no município de Timbó. Nem sempre isso era/é aceito e a exposição desses conflitos não era/é bem quista, pregando-se a harmonia entre as classes. Veremos a seguir como isso era feito em alguns jornais que circulavam na cidade.

## **2.2 - Construção da imagem de empresa parceira dos trabalhadores**

A pesquisadora Marialva Barbosa (1995) chamou os jornais de “Senhores da memória”, pelo seu papel de selecionar, hierarquizar, escolher o lugar da página a ser ocupado pela notícia, mantendo a dialética lembrar e esquecer. Aprisionando algumas coisas e outras condenando às sombras, esquecendo, silenciando, fazendo algo virar

<sup>102</sup> Jornal do Médio Vale, 18 de março de 1989, p. 2.

<sup>103</sup> Jornal do Médio Vale, 24 de março de 1989, p. 7.

notícia ou não. Há interesses econômicos e políticos, pressões, entre outros. Dessa forma o jornal faz uma seletiva reconstrução do presente, construtor de memórias. Para ela, o jornal seleciona, valoriza ou não, destaca elementos ou não. Construindo hoje a história do presente. Fixa para o futuro o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido. O jornal impõe sua visão de mundo ao escolher o que publicar e como publicar, tornando sua linguagem oficial, voz autorizada. O anormal, fora do padrão, que afronta os valores morais defendidos pelo jornal viram notícia em contraposição com o normal.

Em Timbó, na década de 1980, além do JMV existia em algumas empresas da cidade um jornal que circulava internamente. Cada empresa produzia o seu próprio jornal e distribuía sem custos para os seus empregados de forma bimestral ou trimestral. Esses jornais continham em suas notícias eventos em que havia participação dos trabalhadores da empresa, como eventos esportivos, festas, prêmios, cursos, brindes e viagens dadas pela empresa, além de visitas de parceiros comerciais ou autoridades. Cada um desses jornais levou para os seus leitores um ponto de vista sobre o mundo fabril e como veremos a seguir, a harmonia entre as classes foi constante em suas páginas.

Nessa pesquisa foram utilizados os jornais internos das empresas Herveg e METISA por terem mais exemplares e informações para a pesquisa. Esses jornais foram criados para atender os interesses dos patrões. Mesmo tendo a participação de operários em suas notícias, tudo o que foi posto servia para cumprir as demandas dos empregadores. Contudo, essa fonte pode dar pistas para entender o que era ser um operário em Timbó na década de 1980, pois prevalecia em suas páginas um visão de harmonia e solidariedade entre os trabalhadores e os patrões.

No caso do jornal interno da METISA buscava-se passar a ideia de que a empresa tratava bem os seus empregados e eles, por sua vez, gostavam do ambiente da empresa. Um exemplo disso é a reportagem “Colaboradores que retornaram”.<sup>104</sup> Ali é narrado a volta de trabalhadores que foram demitidos da empresa e foram readmitidos. Segundo a notícia “todos retornaram à METISA, por sentirem-se bem na empresa”. Também chama a atenção o termo “colaborador” no título da reportagem, usado para se referenciar aos empregados. Esse termo, que se tornou cada vez mais popular no

---

<sup>104</sup> Jornal METISA, outubro e novembro/86 – n° 97, p. 5.

ambiente fabril camufla as tensões existentes entre os empregados e os donos da empresa. Bem como, “fortalecem-se as relações empresa/empresa, metaforizadas em “relação ganha/ganha de interesses, onde o empregado passaria a ser um empreendedor” (SOLIO, 2011: 10).

Figura 5: “Com a METISA onde a METISA estiver”.



Fonte: Jornal METISA, outubro e novembro/85 – nº 91, capa.

Na mesma edição, uma série de eventos realizados para o trabalhador buscava fazer com que eles se identificassem com a empresa e se solidarizassem com ela, e, de fato, isso acontecia. É comum o relato de trabalhadores contando com orgulho a sua participação a uma determinada empresa. Há a demonstração de sua devoção pelo trabalho, narrando como “vestiam a camisa” da empresa. Na reportagem “Colaboradores que retornaram”, dois empregados são questionados sobre a motivação diante se sua volta à empresa. O trabalhador Curt Brehmer respondeu que:

Sim, sempre gostei da METISA, do trabalho, dos colegas e principalmente da tranquilidade que o empregado tem em trabalhar numa empresa como esta, inclusive minha família, sempre me incentivou a retornar, pois a tranquilidade é extensiva a nossos familiares.

Outro funcionário entrevistado, João Pianezer, respondeu nesse mesmo sentido:

Sim, realmente estive fora por 5 anos, neste tempo trabalhei em duas outras empresas da região, mas da METISA nunca esqueci. Estou muito contente pois retorno ao trabalho que exercia quando deixei a empresa, operador de empilhadeira. O espírito de amizade na METISA é muito bom inclusive com a chefia.

Percebe-se que essas falas dos trabalhadores trazem aspectos positivos da empresa, como sendo um local tranquilo, amigável inclusive com a chefia, um local inesquecível. Essas falas foram usadas pelo jornal para destacar o clima de harmonia e solidariedade entre os trabalhadores e seus patrões. Além disso, buscava-se mostrar que essa empresa era um bom lugar para trabalhar e o fato de que alguns “colaboradores” queriam voltar era usado com um argumento para passar essa imagem. O jornal não evidencia os motivos pelos quais esses trabalhadores deixaram a empresa, apenas conta de modo geral que “as demissões anteriores ocorreram por razões diversas” esquivando-se desse problema. Logo em seguida aparecem as entrevistas dos dois trabalhadores citados acima, contando como estão contentes por terem voltado. Ou seja, a empresa passa a mensagem de que quem saiu arrependeu-se.

Todos os jornais internos da METISA corroboram para a construção da imagem da empresa como sendo um local de harmonia entre a empresa e os trabalhadores. Ao longo das edições é comum serem exaltadas ações promovidas pela empresa que valorizavam o trabalhador. Por exemplo, na coluna “Balanço Social”<sup>105</sup> é escrito que “Aos 45 anos a Metisa Metalúrgica Timboense S/A, possui um relevante patrimônio material, mas é no empregado que está o maior patrimônio da empresa”. Além de colocar o empregado como o mais importante patrimônio da empresa ele é tratado como se fosse da família no seguinte trecho: “hoje a família Metisa é composta por 1.001 colaboradores”. Para ilustrar a matéria há um desenho de uma família tradicional (pai, mãe e filho). Nessa mesma página citam-se as ações da empresa que visavam valorizar o seu trabalhador aplicando “uma importante parcela dos lucros da empresa no bem-estar de seus funcionários através da valorização profissional e social”. Como exemplos disso são lembradas diversas ações promovidas pela empresa como: a Associação Atlética como uma excelente opção de lazer, homenagens aos empregados por tempo de serviço, dia do trabalho, dia das crianças para os filhos dos empregados, brindes natalinos, funcionamento de um quadro de segurança e acompanhamento do trabalho, subsídios na alimentação dos funcionários, assistência ambulatorial, financiamentos com juros especiais, subsídio nos transportes, horta, treinamentos e cursos, o próprio jornal como meio de interação, posto bancário na empresa, benfeitorias aos aposentados como um almoço de confraternização anual para eles. Todos esses benefícios e

---

<sup>105</sup> Jornal METISA, junho e julho/87 – n° 100, p. 14.

homenagens eram propagados em todas as edições do jornal. A intenção era de reforçar o espírito de devoção ao trabalho, incentivar o comprometimento dos trabalhadores com a empresa e fortalecer os laços de solidariedade entre empregados e patrões. Visava-se difundir a ideia de união entre patrão e empregado e demonstrar que ambos tinham um objetivo em comum e pertenciam e “estavam no mesmo barco”. Reforçava-se isso usando palavras como colaborador, família, e propagando-se a ideia de que o empregado tinha muito a usufruir da empresa.

Essa tentativa de aproximar patrão e empregado também podem ser observadas no jornal interno da Herveg. Ele era produzido por funcionários da administração e tinha uma tiragem de 400 cópias. Na coluna Sociais, são homenageados os trabalhadores por seu tempo de serviço e no final da página há um agradecimento por honrarem o nome da Herveg. Nesse jornal há uma passagem que traz de forma explícita a ideia de que empregador e funcionário devem ter objetivos em comum: “A estes colaboradores que, com seu trabalho e dedicação, não mediram esforços para promover o bom nome da Herveg, fazendo de seus ideais e dos ideais da empresa, pontos comuns, nossos cumprimentos e sinceros agradecimentos”.<sup>106</sup>

Apesar de ressaltarem a importância dos trabalhadores para a empresa, também são lembrados pelo jornal os nomes dos empresários, principalmente dos fundadores. Por exemplo, é característica marcante desses jornais no tocante a história da empresa, ressaltar o espírito empreendedor do empresário e de seus antepassados, vencedores de obstáculos, determinados e persistentes. O exemplo mais claro sobre isso é a capa do Jornal METISA com o título “45 anos METISA: mensagem do presidente”<sup>107</sup>. Nesse texto escrito pelo presidente da METISA Wolfgang Paul exalta-se a vida empresarial de Richard Paul Junior, o criador da empresa. Nesse trecho, em que metaforicamente a empresa seria o rubi, exalta-se a determinação do empresário e a preciosidade da empresa: “Esse rubi era uma pedra bruta nas mãos de seu criador Richard Paul Junior, que operou gradualmente a sua lapidação, não num sofisticado laboratório de artifícios, mas numa bigorna, cujo calor escaldante fez verter torrentes de suor, de preocupação, de sofrimento”. Nesse texto é exposta a preocupação do fundador da empresa com os seus empregados, querendo sempre proporcionar-lhes uma vida melhor: “Os resultados materiais se espelham na solidez da METISA, que por sua vez gerou uma sociedade

---

<sup>106</sup> Jornal Herveg, setembro, outubro e novembro/88, p. 3.

<sup>107</sup> Jornal METISA, junho e julho/87 – n° 100, capa.

sólida, cuja economia próspera teve condições de atingir no campo social todos os necessitados”. Essa posição de preocupação com o trabalhador por parte do patrão é reforçada com uma frase do papa João Paulo II: “O homem não vive exclusivamente de pão”. O autor do texto expõe que o fundador da empresa buscava valorizar o trabalho de seus empregados: “encorajou seus sócios e colaboradores, valorizou suas qualificações pessoais [...]” e “A METISA, portanto, nasceu da conjunção do criador, do colaborador e do consumidor, tornou-se uma sociedade dentro da sociedade”. A expressão sociedade dentro da sociedade tem relação com a ampla gama de benefícios - já listados anteriormente - que a empresa oferecia a seus empregados dentro da empresa, tanto internamente como externamente. Ou seja, nessa capa de jornal, o fundador da empresa é demonstrado como alguém cristão, preocupado com os que ganham menos, mas também, determinado, persistente e que apesar da ajuda dos trabalhadores, foi o visionário e grande responsável por fazer a empresa crescer e conquistar o que ela tinha até aquele momento.

Outro elemento presente nos jornais internos é o esporte, que fazia parte do cotidiano de muitos trabalhadores. Nesse sentido, tanto nos jornais da Herveg como nos jornais da METISA, o esporte apareceu em todas as edições e ocupou várias páginas. As empresas participavam ou organizavam torneios, patrocinavam equipes, atletas, construíam associações com infraestrutura para a prática de esporte e outras atividades de lazer. Dentre os esportes mais populares estava o futebol. A prática de esportes por parte dos trabalhadores e o incentivo da empresa à prática esportiva eram usadas para aumentar a identificação dos funcionários com a empresa. Os atletas que representavam a empresa eram motivo de orgulho. Nesse trecho do jornal da METISA eles são homenageados com um jantar: “equipe de atletas, diretoria e colaboradores da AAM que defenderam com garra e galhardia as cores Alviverdes da AAM, conquistando grandes feitos no decorrer do ano”.<sup>108</sup> As empresas montavam times e os financiavam para disputar torneios internos, amadores e até profissionais, sempre levando a marca da empresa. Quase a totalidade desses atletas eram funcionários, e além do futebol, outros esportes como basquete, vôlei, bocha e bolão também eram praticados.

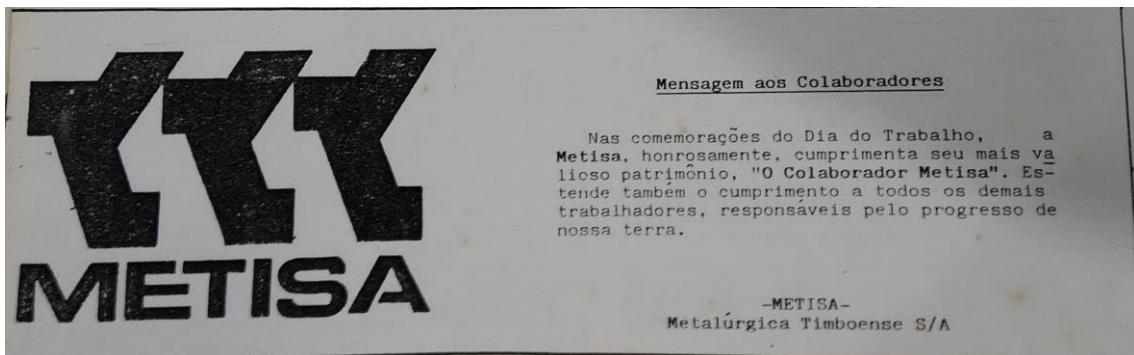
Nesse sentido de promoção da ideia de harmonia e solidariedade entre patrões e empregados, destaca-se outro momento em que os empresários e políticos usavam os

---

<sup>108</sup> Jornal METISA, janeiro e fevereiro/87 – n° 99, p. 3.

jornais locais e das empresas para retratar a boa relação com os seus funcionários, o Primeiro de Maio. Nesse momento, em seus discursos fica evidente que se pregava a harmonia entre as classes.

Figura 6: Mensagem da METISA no dia Primeiro de Maio



Fonte: Jornal do Médio Vale, maio de 1989, p. 4.

No dia Primeiro de Maio de 1988 foram feitas homenagens aos trabalhadores, destacando-se que eles eram importantes para a cidade e empresas. As empresas pagavam anúncios para exaltar a importância de seus trabalhadores, sendo os responsáveis por gerar a riqueza da cidade, ou, faziam esse mesmo discurso nos seus jornais internos. Valorizavam a devoção ao trabalho e silenciavam-se sobre o real significado da data: as lutas dos trabalhadores por direitos. Os políticos também levantavam essa bandeira. A Câmara Municipal de Timbó pagou um anúncio, no Jornal do Médio Vale, com os seguintes dizeres em 1989:

A Câmara Municipal de Timbó congratula-se com todos os trabalhadores timboenses e da região, que contribuem com o engrandecimento dessa terra. No dia do trabalho nada mais justo reconhecer que o trabalho significa o homem, e ainda reconhecer que é pela realização do trabalho que se promove o desenvolvimento de um país.<sup>109</sup>

Entretanto, o sentido do Primeiro de Maio, de luta dos trabalhadores por melhores condições não foi totalmente esquecido. Na mesma edição do jornal, o único anúncio que não trazia em seu discurso a ideia de união entre as duas classes foi o do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Timbó – SIMMET que representado pelo seu presidente, Walter Horstmann, anunciou o seguinte:

Companheiros, trabalhadores da região. Estamos passando 103 anos desde que se deram aqueles fatos, os motivos desta data que é o dia 1º de maio, dia do trabalhador. Com o tempo transcorrido aumentou a quantidade de dirigentes operários, o número e a força dos sindicatos. E buscando forças

<sup>109</sup> Jornal do Médio Vale, maio, p. 4.

nas raízes da história hoje conseguimos reduzir de 8h para 7h e 20min a jornada de trabalho (44h semanais). Nossos objetivos dão fundamentos para o sindicalismo atual, mas 1º de maio deverá (fazer) com que os trabalhadores meditem sobre o valor moral dos líderes que recordamos e o valor da solidariedade para ganhar as grandes causas da justiça social. Salve Primeiro de Maio!

Além do sindicato, o Partido dos Trabalhadores também teve um espaço no jornal para tratar dessa data. Na notícia “PT alerta o trabalhador”, Vitor Ropelato, então secretário do partido, escreve que “o PT de Timbó está solidário aos trabalhadores da região, principalmente nas vésperas em que se comemora o Dia do Trabalho. Vítor conta que a classe operária é oprimida pelo arrocho salarial imposto pelo Governo Federal”.<sup>110</sup>

Dessa forma, percebe-se que no Primeiro de Maio o que aparece de forma hegemônica são anúncios de empresas e políticos que pregavam a união entre as classes e a devoção ao trabalho. Contudo, também havia a voz dos trabalhadores que colocaram em pauta as suas reivindicações e lutas. O sindicato e o PT usaram o espaço do jornal para resgatar o sentido de luta para o qual foi destinada essa data. Entretanto, o espaço para isso foi reduzido, pois apenas em duas ocasiões resgatou-se o sentido de luta dos trabalhadores, e houve dezenas de anúncios que propagavam a ideia de união entre as duas classes e a inexistência de conflitos.

### **2.3 - Elementos de uma ética (um *ethos*) dos trabalhadores**

Na década de 1980, os trabalhadores de Timbó atuaram em diversos movimentos que pretendiam melhorar as suas condições de vida, como greves, pastorais operárias que se inspiravam na teologia da libertação, sindicatos e o PT. Apesar da existência de instituições que defendiam os seus interesses, nem sempre os trabalhadores, inclusive os participantes dessas instituições, estavam em conflito com os seus patrões, havia momentos de solidariedade entre eles. Essa parte da dissertação tem como objetivo compreender melhor o que é ser um operário em Timbó. Isso será feito explorando as relações entre trabalhadores e patrões.

Em uma cidade pequena e altamente industrializada para o seu porte, existiam características, particularidades nas relações entre os trabalhadores e seus patrões. Presumo que esses trabalhadores não eram sujeitos submissos aos seus patrões, mas que pensavam e agiam de modo próprio no contexto em que viviam, tinham o seu modo de

---

<sup>110</sup> Jornal do Médio Vale, 29 de abril de 1989, p. 6.

entender a concepção de trabalho. Dessa forma, entende-se que existia uma ética própria dos trabalhadores de Timbó e alguns dos elementos dessa ética serão abordados nessa parte do trabalho. A palavra ética pode ser traduzida como hábitos, costumes e comportamentos bons ou ruins para um determinado grupo social ou indivíduo. Entende-se ética como “a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta” (ABBAGNANO, 2007:380). Quando ética é conceituada dessa forma também se entende que se “fala dos “motivos” ou “causas” da conduta humana, ou das “forças” que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos” (ABBAGNANO, 2007:380). Portanto, pretende-se explicar e investigar alguns comportamentos dos trabalhadores nessa etapa do trabalho.

Um elemento presente na ética dos trabalhadores do município é a preocupação em demonstrar ser um bom trabalhador, até mesmo quando se está lutando por melhores condições de trabalho, como numa greve. Adilvo Andreazza, que nos anos 1980 atuou como operário e professor nas escolas estaduais de Timbó, participou ativamente do movimento sindical dos professores do estado, bem como teve aproximações com o PT de Timbó. Ele participou de reuniões, encontros e campanhas. Durante as greves do magistério ele conta que participou de todas, sempre aderindo ao movimento e preocupando-se com a legalidade, tanto é que ele deixa claro nunca faltar ao trabalho fora dessas ocasiões.

Em termos de falta ao trabalho, você não vai encontrar faltas ao trabalho minhas, pode pesquisar a vontade, mas nas greves que teve o magistério, o magistério estadual todas eu fiz, todas, não deixei de fazer uma sequer, não deixei de fazer uma, eu o tempo inteiro, independente de quantas pessoas participavam, até os alunos já sabiam, o pessoal lá de Florianópolis dizia, está em greve o Adilvo já não vinha trabalhar, mas era claro, mas também terminava a greve no dia seguinte eu estava lá, não faltava ao trabalho, eu sempre estava no trabalho, a saúde sempre me ajudou também, mas de todo modo, nunca faltei ao serviço.

Este ex-operário e professor participava do movimento pela defesa dos direitos dos professores da rede estadual de educação de Santa Catarina. No depoimento, deixa clara a importância de participar da luta por direitos e melhores condições de trabalho para a sua classe, mas também se demonstra como um trabalhador pontual e que não faltava de seu trabalho. Percebe-se que há a preocupação de não ser rotulado como alguém baderneiro, malandro, folgado, que não gosta de trabalhar, mas sim como um profissional correto e preocupado em melhorar a situação de sua classe.

Reunia, passava informação pro outro, saia de moto as vezes, emprestada, ou de carro emprestado pra ir pro outro colégio avisar das coisas que estavam pra acontecer era assim que funcionava, então era mais de ligação e quando eu ia pra Florianópolis, na data que eu ia pra Florianópolis eu pedia pros diretores não me darem aula naquele dia pra não perder aula, sempre fiz assim, eu sempre fiz os meus movimentos sem faltar as minhas aulas, sempre tentando não faltar, porque, porque alguém poderia dizer ele está no movimento porque ele não quer trabalhar, isso eu nunca admiti, não queria admitir.

Segundo o mesmo trabalhador a prática de não faltar e ser pontual lhe dava mais argumentos para se defender como líder de um movimento social que lutava pelos professores, pois o seu engajamento nesse movimento podia ser visto por alguns como algo negativo, motivo para faltar, coisa de vagabundo, preguiçoso que não quer trabalhar e baderneiro.

Como eu expus as ideias e até a luta pra gente ter condições melhores, mas ao mesmo tempo que eu trabalhava também mesmo nas condições que não eram as melhores, trabalhava porque isso me dava a credencial de estar dizendo assim, olha eu estou dizendo que nós podemos melhorar, mas na hora de trabalhar eu trabalho e faço o trabalho bem feito mesmo assim, isso me dava credencial pra poder está dizendo pros outros que era hora de fazer alguma coisa e isso fez com que eu começasse a me envolver nos movimento, nos movimentos sindicais do magistério.

Portanto, não basta ir trabalhar, é necessário provar para os seus pares e para a sociedade seu valor como trabalhador, mesmo que considerasse que o seu trabalho fosse desvalorizado pelo Estado. O pensamento de que se deve ser um bom trabalhador se mantém quando olhamos para o setor privado. No depoimento a seguir o operário João Bosco da Silva afirmou ter um bom relacionamento com o seu empregador: “O Tonolli era um cara muito bom, sempre, toda vida, mas é como eu te falei, eu nunca me senti empregado, era como se eu fosse dono. Porque eu sempre fazia o meu horário e ainda mais”. E complementou:

Não, para mim ele é que nem se fosse pai. É que também tinha o seguinte, eu nunca me senti funcionário lá dentro com o Tonolli, que eu trabalhei quase sempre sozinho, a área minha era quase sempre sozinha, e então ele só dizia, olha, tu faz isso aqui, e lá ele não vinha mais, eu só pedia quando eu não sabia, alguma coisa que eu não podia decidir, caso contrário nunca vi chamar, não chamava não, eu sempre, então eu e ele se dava muito bem.

Interessante notar que esse operário têxtil participava de movimentos que visavam melhorar a vida dos trabalhadores, como a Pastoral Operária da Igreja Católica e o Partido dos Trabalhadores. Logicamente pensariam que haveriam conflitos com o seu patrão e questionamentos acerca das reivindicações dos trabalhadores, mas, no depoimento ele falou que havia um bom relacionamento com seu patrão, sendo grato a ele pelo emprego que ele tinha, e ainda mais, ele se sentia o próprio dono da fábrica e

trabalhava até mais do que era o exigido. O trabalhador que concedeu o depoimento contava isso com orgulho, o que demonstra que para ele, essa postura era vista como exemplar e reveladora de que ele era um ótimo trabalhador. Para esse operário timboense não bastava ser uma pessoa que trabalha, precisava ser devotado ao trabalho.

No pensamento de vários trabalhadores, o trabalho duro traria recompensas, garantiria um bom futuro e o crescimento profissional dentro da empresa. Se o sujeito fosse devotado ao trabalho, não apenas ele, mas também a empresa cresceria, o município iria progredir. Esse espírito pode ser observado numa reportagem do Jornal do Médio Vale, de 29 de abril de 1989, intitulada “METISA abre as portas para alunos”. Essa reportagem aconteceu pouco tempo depois da greve dos metalúrgicos de 1989, quando 90% dos 980 funcionários dessa empresa aderiram à greve. Foi noticiada uma visita que alunos da escola de contabilidade Leoberto Leal fizeram a essa indústria metalúrgica. A perspectiva de crescimento do trabalhador dentro da empresa é exaltada pela voz de um entrevistado, o trabalhador chamado Edgar Bell, que em 1989 tinha 29 anos e disse que “sente orgulho de seu trabalho. Comecei como um simples ajudante e, agora, desempenho um papel importante dentro da fábrica”. Além de exaltar o crescimento profissional através da fala do trabalhador, Bell também ressalta a importância dessa empresa para a cidade, pois “a marca METISA, mundialmente conhecida, possibilita a Timbó ter orgulho desta empresa que representa o progresso do município”. Ou seja, nesse trecho traz a ideia de que se a empresa vai bem, a cidade e o trabalhador irão bem. Passa a ideia de cooperação, de estarem todos envolvidos em prol de um projeto que, caso desse certo, iria beneficiar a todos. Em nenhum momento são colocadas as contradições do sistema capitalista e os conflitos existentes entre patrões e empregados, pelo contrário, pretende-se exaltar as boas relações entre os participantes da empresa e os frutos que todos podem colher com esse casamento. Também é notório nessa reportagem, a intenção de demonstrar que ser um empreendedor é ser alguém de sucesso. O professor Tibério Valcanaia, que com os alunos visitou a empresa METISA, “revelou que inúmeros alunos seus hoje são diretores de empresas, donos de escritórios de contabilidade e proprietários de pequenas empresas”, já os outros alunos não foram citados. Ou seja, o professor Tibério Valcanaia estava orgulhoso de seu curso pois havia formado pessoas que agora detêm sucesso, são empresários. Por outro lado, em outra reportagem demonstra preocupação com seus alunos que trabalhavam nas empresas da cidade e considera exploradores os patrões que cobram demais de seus estudantes.

Adilvo Andreazza nos ajuda a entender melhor essa situação a partir de seu depoimento sobre a expectativa de crescer profissionalmente dentro da empresa. Ele foi operário na empresa METISA nas décadas de 1970 e 1980 e contou que apesar de se esforçar para ser um bom trabalhador de chão de fábrica, não queria fazer isso a sua vida inteira. Ele relata que o colégio Leoberto Leal, onde estudava, era frequentado pelas pessoas mais ricas e ele era um dos poucos que precisava se submeter ao trabalho de chão de fábrica. Adilvo conta que quando ele revelava esse seu desejo era zombado pelos seus colegas que diziam que ele nunca sairia do chão de fábrica. Acredito que esse tipo de situação aconteceu porque esses trabalhadores de chão de fábrica eram os que vinham de famílias menos abastadas, sendo difícil conseguir um outro trabalho que não o fosse, a ascensão social. Por outro lado, as famílias que tinham um poder aquisitivo maior não mandavam seus filhos se submeterem a esse tipo de trabalho braçal e pesado. Portanto, essa situação demonstra que o capitalismo de Timbó não era diferenciado, humanizado.

Olha, o trabalho de fábrica é um trabalho pesado, mal reconhecido, muito pouco reconhecido e digamos assim desprezado até por quem trabalha com ele e essa é a minha visão. Porque antes de ir pra escola eu lavava sempre a minha mão, esfregava bem pra não deixar óleo e graxa porque na escola Leoberto Leal estudava quem podia pagar, não era de graça e eu pagava aquele estudo e a maioria das pessoas tinha empregos bons e uma pequena parte não tinha empregos bons, eu tinha emprego que não era assim, você não entrava numa sala de aula e dizia assim eu sou operário de uma metalúrgica, você não ia dizer isso, porque isso dava a impressão da tua incapacidade de você progredir na vida, percebe? Então eu esfregava bem a mão com sabão, tinha um tal de Sapólio que eu usava lá que era vermelhinho, esfregava bem a minha mão pra não, não ter graxa e as pessoas me diziam assim, não adianta, você está lavando a tua mão pra que? Amanhã tu tem que colocar a tua mão na graxa, e eu dizia, eu não vou ficar aqui a vida toda, ele disse assim, é o que você pensa, aqui quem entra fica, e fica aqui até o final, eu disse, não vou ficar aqui até o final, eu vou sair daqui, e o pessoal ria, e isso me dava mais vontade ainda de ir embora.

Muitos trabalhadores, como Adilvo Andreazza, tinha a expectativa de crescer profissionalmente com o seu próprio esforço. A possibilidade de estudar era, para eles, mínima, e alavancar sua carreira dentro da empresa poderia ser uma maneira de melhorar sua condição de vida. Este pensamento de que o trabalhador iria crescer dentro da empresa era disseminado pelo patrão, mas também fazia parte da ética dos trabalhadores. Essa forma de pensamento não pode ser encarada simplesmente como fruto da submissão dos empregados aos seus chefes ou a falta de consciência de classe dos trabalhadores do município. No contexto social em que esses trabalhadores estavam

inseridos, essa era uma das poucas possibilidades de ascensão social, mesmo que sendo remotas para a maioria.

Outro elemento que precisa ser levado em consideração ao se estudar os trabalhadores que atuavam em Timbó é o da proximidade, e as vezes, intimidade. Os trabalhadores e os patrões se encontravam em espaços públicos, como nas igrejas e festas da cidade possibilitando uma relação mais próxima entre patrão e empregado. Como exemplo, durante a década de 1980 a composição da diretoria da Paróquia Santa Terezinha de Timbó, a principal Igreja Católica da cidade, era de trabalhadores e patrões, juntos.

Outro laço que ampliava a proximidade entre patrões e empregados era a questão étnica. Havia e ainda existe um preconceito grande por parte dos moradores locais com pessoas que não fossem descendentes de italianos e alemães, e isso acabava interferindo na hora de arranjar emprego. Por exemplo, Gelásio Fiamoncini relata várias situações de preconceito por parte dos habitantes de Timbó com as pessoas que não eram de origem alemã ou italiana, principalmente com as pessoas negras. “Na Papelão, uma indústria de celulose e papel, lá em 1977 quando eu vim pra Timbó, lá só podia entrar, só trabalhava quem tinha 1,82m de altura e sabia falar o alemão e não podia ser preto, de cor preta. Essa era uma norma”. Ele conta outra situação em que um empresário local que participava da diretoria da Igreja Católica com ele também teve falas preconceituosas com relação a negros:

Nós estávamos na frente da casa dele, no jardim assim. E na calçada passou um cara, um cara preto, que a gente sabia que era gente que veio de fora. Gente que trabalhava e que ia para o centro de a pé. Aí ele disse: Olha ali, ele disse, olha o tipo de gente agora que nós temos. Eu digo que gente? Olha lá, ele disse, está começando, eles estão começando a pintar a nossa gente.<sup>111</sup>

Esse tipo de preconceito com as pessoas que vinham de fora ou que eram negras não era apenas dos patrões. Gelásio Fiamoncini conta que o seu próprio pai tinha era bem preconceituoso com quem não fosse descendente de italianos ou alemães. Ou então, como chamavam e ainda muitos chamam, com os *brasiliani*.

Quando a minha irmã casou com um brasileiro de sobrenome Garcia, ela veio apresentar ele pro pai: olha, esse aqui é meu namorado e tal. Como é que chama? Chama João Luís Garcia. Garcia? Garcia é “brasialini”. Quer dizer, brasileiro. E o pai disse “Brasiliani? Nô. Brasiliani na minha casa não entra.

---

<sup>111</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

Esse tipo de pensamento preconceituoso interferia na hora do casamento, na hora de arranjar emprego e em outras situações devido a desconfiança dos morados locais com os que vinham de fora e não eram descendentes de italianos e alemães. Como muitas empresas eram de pessoas com esse tipo de pensamento era comum “as pessoas de fora” terem menos chance. Infelizmente o racismo e a xenofobia não ficaram no passado da cidade, ainda são comuns em Timbó. Não é difícil ouvir reclamações acerca dos trabalhadores de fora que não são de descendência europeia, principalmente com paranaenses, paraenses e haitianos.

Um fator que pesava na hora de escolher o empregado era a indicação. Era comum o patrão contratar pessoalmente o seu funcionário, e na hora da escolha levar em consideração se era um conhecido da família ou se alguém havia indicado. Para ilustrar esse tipo de situação há como exemplo o relato do operário metalúrgico Walter Hostmann. Ele conta que, primeiramente, um amigo ajudou-o ao alertar sobre a oportunidade de emprego. Depois ele conseguiu falar diretamente com o patrão para ser contratado. Após sair da empresa por oito meses, pretendendo ser readmitida, encontrou e conversou com o seu ex-chefe na escadaria da igreja que ambos frequentavam, e pouco tempo depois foi chamado para trabalhar, evidenciando a proximidade das relações próximas entre patrão e trabalhador:

Então vai lá falar com o Sr. Henrick que era o diretor. Sim claro, já era pra ter começado diz ele. É, ai foi, trabalhei, trabalhei oito meses, aí me surgiu um outro negócio, mas depois não deu certo. Aí vou ter que voltar. Aí fui lá de novo, mas falei direto com o senhor Henrick, daí diz, tava uma crise na época, de energia elétrica, então estava trabalhando com hora reduzida. Aí então, mas qualquer coisa eu vou te avisar antes de vim. Aí eu ia na época sempre era assim frequentava a igreja. Domingos ia no culto. Era uma igreja antiga de uma escada bem alta assim. Aí então, lá no final, ele deve ter me visto lá sentado, ele saiu e eu também fui descendo e de repente parado, esperando na escada. Aí quando cheguei lá ele disse amanhã cedo pode começar.<sup>112</sup>

Outro exemplo de relação de proximidade entre patrões e empregados pode ser ilustrada através dos relatos de João Bosco, ex-operário têxtil da Spio Fios. Nesse caso, aparece sua devoção ao trabalho e o paternalismo. Ele conta que se sentiu grato com o elogio que o ex-patrão fez para ele, dizendo que “empregado assim não existe mais”<sup>113</sup>. Essa fala revela que para ele existem empregados bons, como ele, que não faltam, são pontuais, e trabalham na empresa como se fosse o dono, fazendo as vezes até mais que a

---

<sup>112</sup> Walter Horstmann, depoimento citado.

<sup>113</sup> João Bosco da Silva, depoimento citado.

sua obrigação. E ele reforça dizendo com orgulho, “eu disse pros dois, olha, eu nunca me senti funcionário do senhor, eu sempre fazia como se fosse dono, como se era meu, e era mesmo, não ficava aí com tititi”. Ele revela mais um de seus esforços para ajudar a empresa ao dizer que mesmo quando os seus parentes mais próximos morreram (mãe, filha) ele pedia para ser descontado do banco de horas, que ele sempre tinha sobrando. A única vez que ele ganhou 3 dias de atestado sem ser descontado do banco de horas foi quando o seu pai morreu, e que aceitou pois insistiram. Essas são demonstrações do seu comprometimento com a empresa e sua devoção ao trabalho. Todo esse esforço acontecia por uma série de fatores. Ele precisava do emprego, queria demonstrar o seu valor como trabalhador e o patrão era considerado como alguém que o ajudava. Ele contou que sempre ao final do ano, os empregados ganhavam presentes e uma vez em que ele precisou de dinheiro emprestado, o patrão emprestou. Esse trabalhador não se considerou submisso ao seu patrão, ele se considerava um parceiro dele e achava que eles tinham um bom entendimento.

Outro fato considerável em se tratando das relações entre os patrões e empregados pode ser evidenciado na empresa Mueller. Como já mencionado anteriormente, em 1989, 90% dos trabalhadores pararam de trabalhar para aderir a uma greve geral. Porém, após o período de greve o encarregado da mecânica Gelásio Fiamoncini, um dos líderes da greve, sentou com o seu patrão Jhon Mueller para negociar. Eles acordaram que se os trabalhadores recuperassem a produção perdida durante o período da greve e não perderiam dessa forma, o prêmio assiduidade. Nesse momento, o trabalhador, evidencia sua vontade de trabalhar, mas queria ser recompensado devidamente pelo seu trabalho. Na negociação não havia a intenção de mudar o sistema, mas torná-lo mais justo e provar para o patrão que ele estava errado em não valorizar mais seus empregados. Portanto, o trabalhador se sentia explorado pelo sistema capitalista, e se considerava explorado pelo patrão, mas naquele momento, para eles, essa negociação na qual ganharam o prêmio de produção foi uma conquista, mesmo os patrões obtendo o lucro em cima disso. Mas, foi uma conquista obtida com o trabalho duro e que para Fiamoncini demonstrou o poder dos trabalhadores.

Existia (e ainda existe) no pensamento dos trabalhadores a ideia de que o sucesso vem apenas com o trabalho duro. Esse pensamento legitima a posição social do patrão, pois se entende que ele chegou onde está e ganha mais do que os outros porque

foi um empreendedor que deu certo, muitas vezes a partir do nada, apenas com sua vontade de trabalhar, coragem e persistência. Esse tipo de pensamento dificultava o questionamento dos trabalhadores quanto à sua condição de vida, quase sempre precária.

Apesar desses depoimentos darem a impressão de que patrões e empregados viviam de forma harmoniosa, e que, quando aconteciam conflitos, eles conseguiam resolver fazendo com que ambas as partes fossem beneficiadas, existem algumas coisas fora de ordem. Por exemplo, uma grande greve aconteceu, com 90% de adesão dos trabalhadores da Mueller e da METISA e 50% dos trabalhadores da Herveg, revelando que havia tensões entre patrões e empregados. Outro argumento para crer nisso é que a greve foi feita pelos próprios trabalhadores que se organizaram espontaneamente dias antes da greve geral acontecer, pois, em assembleia do seu sindicato, havia sido definido que não parariam. Existe a tendência dos depoentes em apresentar uma ordem pacificada. Uma das possibilidades para isso acontecer pode ser por terem uma relação próxima com os seus patrões e sentirem-se constrangidos. Além disso, faz parte do discurso dos habitantes locais a exaltação de que aqui vive um povo, que independentemente das dificuldades da vida, é “trabalhador” e esse discurso foi reproduzido pelos depoentes. Um exemplo desse discurso pacificado é o modo pelo qual foi narrada a demissão por esse trabalhador:

Eu já dizia pro meu chefe pra ele me demitir. E como eu e meu chefe não se dava muito bem, um dia ele me chamou lá e disse óh cara tu sempre quis e hoje nós vamos te demitir, só eu pelo menos eu tenho que reconhecer uma coisa, esse tempo todo que tu ficou aqui e me pediu pra ser demitido mas tu sempre trabalhou certinho. Eu só respondi eu vou fazer o que vocês estão pagando o meu salário que eu acho que é o correto certo e mais eu dizia pra ele porque ficava discutindo com ele então pega e me manda embora e tal coisa de piazão mesmo mas e também no fim eu já estava com vontade de sair. Mas aquilo que te falei dentro do lugar de trabalho, eu pelo menos aprendi dessa forma, só que pra quem está te pagando, tem que pagar correto. Se tu não quer mais trabalhar daí sim tu pede a conta e vai então, mas essa frase eu lembro muito bem meu chefe disse que apesar das nossas diferenças ele tinha que fazer um elogio porque esse tempo todo eu trabalhei correto com ele, mas na verdade eu não trabalhei correto com ele mas com a empresa que pagava o meu salário.<sup>114</sup>

A parte na qual o chefe e o empregado têm conflito, é resumida a dizer que eles não se davam bem e discutiam. O que ficou mais enfatizado no discurso é que apesar das diferenças, ele sempre trabalhou bem e inclusive o seu chefe reconheceu isso na hora da demissão.

---

<sup>114</sup> Vitor Ropelato, depoimento citado.

Muitos trabalhadores queriam progredir em sua carreira e conseguir arranjar um emprego que lhe rendesse um salário maior, os meios para fazer isso seriam o estudo ou abrindo um negócio próprio, e essa insatisfação com o seu trabalho é reveladora de tensões no universo fabril.

Percebe-se que os trabalhadores tinham vontade de não ser apenas um trabalhador de chão de fábrica, ganhando pouco, pois gostariam de alcançar um emprego melhor. Outra forma de melhorar a vida era o município crescendo e se industrializando, gerando mais oportunidades para seus habitantes. Em 1989 o Jornal do Médio Vale entrevistou<sup>115</sup> 100 pessoas da cidade de várias profissões: médicos, comerciantes, estudantes, operários e donas de casa. Uma das perguntas era o que a prefeitura deveria fazer em primeiro plano, na sua opinião? As preocupações que mais apareceram foram a implantação de uma nova rodoviária, a criação de um pronto socorro, casas populares, pavimentação e uma das grandes preocupações dos entrevistados é em relação à instalação de novas indústrias. Quase a totalidade disse não acreditar que há o incentivo a novas empresas. Portanto, segundo essa pesquisa, a população, de forma geral, estava preocupada com a criação e o crescimento das indústrias locais. Também é interessante notar nessa pesquisa que, apesar de ser difundida a ideia de devoção ao trabalho, muitos estavam insatisfeitos com o trabalho que desempenhavam. Foi perguntado ao entrevistado se ele estava satisfeito com a profissão que desempenhava e, 70% dos entrevistados disseram que sim e 30% disseram que não, justificando que trabalham nas empresas por não possuírem outra opção de trabalho na cidade. Também foi indagado se o depoente já havia pensado em sair da cidade e o resultado demonstrou a insatisfação de vários trabalhadores com o seu emprego e com a cidade. 60% dos entrevistados responderam que nunca pensaram em sair da cidade e 40% disseram que pensavam em sair, pois não conseguiam um emprego que satisfizesse sua vontade. Portanto, apesar da crença da necessidade da devoção ao trabalho, os trabalhadores eram críticos acerca das condições de trabalho e vida que tinham e queriam melhores oportunidades.

Ao entrevistar o operário Lourival Motta ficaram evidenciados mais momentos de conflito entre os trabalhadores e seus patrões e entre os próprios trabalhadores. Lourival Motta trabalhava como serrador no início da década de 1980 numa empresa

---

<sup>115</sup> Jornal do Médio Vale, 06 de maio de 1989, p. 2.

chamada Baobá. Essa empresa produzia os cabos de madeira e vendia a maior parte de sua produção para a empresa METISA que produzia as ferramentas. Motta conta que os trabalhadores dessa empresa viveram péssimos momentos quando a empresa Baobá começou a passar por dificuldades financeiras e os salários ficaram atrasados por 3 meses. Esse foi o momento em que a maioria dos trabalhadores dessa empresa, cerca de 80 funcionários, passaram a cobrar os seus salários atrasados. Ele conta que os bancos queriam tirar da empresa as máquinas que estavam financiadas, mas os operários não deixaram. Os operários sabiam que, caso as máquinas fossem levadas embora, a empresa iria parar de produzir, e sem produzir o seu patrão não conseguiria pagar os salários atrasados. Interessante notar que no mundo do trabalho em Timbó, mesmo contendo a ideia de devoção ao trabalho, que por vezes camufla as desigualdades entre patrões e empregados, reclamações e reivindicações dos trabalhadores existiam. E esse momento narrado por esse trabalhador demonstra que o ambiente fabril da cidade nem sempre é harmonioso.

Até veio os caminhões, queria carregar as máquinas e tudo ali mas nós não deixamos, os operários não deixaram, eu na luta também junto com mais alguns outros operários impedimos eles de tiraram as máquinas, era o Bradesco, eram outros bancos que tinham que receber da firma. E ali nós não desistimos, fazemos correr, veio o caminhão ali com muque pra carregar as máquinas e tudo, mas não deixamos, fizemos correr. Arrumemos as turmas dos operários e digo arrumem pau, pedra e vamos fazer eles correr. Aí fomos lá, fechamos o portão e não deixamos entrar. Veio a polícia aí tudo, aí o advogado dos bancos e tudo. Não senhor eu digo, os bancos têm dinheiro eu digo e nós não, nós queremos o que é nosso. Pagar o que nós temos direito, os nossos ordenados e depois pode levar tudo, pode levar o terreno, pode levar o galpão, as máquinas, mas primeiro nós queremos o que é nosso. Foram obrigados a ir embora né.

Essa narrativa demonstra que as reações entre empregador e empregado nem sempre eram pacíficas e, que os trabalhadores tinham capacidade de se organizar e lutar pelo que acreditavam. Nessa ocasião eles reagiram, de forma organizada para assegurar os seus interesses. Por outro lado, apesar da situação estar difícil para os empregados que não recebiam há 3 meses, Lourival Motta relatou que nem todos queriam participar dessa ação.

Arrumamos na reunião, todos operários pegam pau, um cabo ali, umas pedras e vamos lá na frente né. Tinha lá na frente o portão, vamos lá todo mundo, todos que eram operários. Uns vinham atrás, outros meios escondidos e no final todo mundo aceitou. Tinha alguns lá que eles eram puxa sacos do patrão pra dizer a verdade, eles não queriam de jeito nenhum. Eu digo, tem que ser tudo, esse lá e outros meus colegas também insistiram aí levamos lá, uns outros pegaram os paus, a maioria não, só vieram lá ver.

Alguns dos trabalhadores não queriam participar do movimento. Ele acusa esses trabalhadores de serem “puxa saco” do patrão. Ou seja, havia trabalhadores com mais proximidade com o patrão e outros nem tanto, não eram todos os trabalhadores que se davam bem e tinham essa proximidade. Aqui pode-se observar um dilema moral para o trabalhador, é correto entrar em greve?

As empresas buscavam despertar o sentimento ético de valorização do trabalhador e de seus direitos. Elas tentavam demonstrar que tinham essa conduta de valorização da dignidade do trabalhador e que não tinham uma política voltada apenas para os seus interesses. Mas, os momentos de greve e manifestações demonstram que os trabalhadores não viam a empresa sob esse ponto de vista, com uma conduta ética, na qual valorizavam o seu trabalho. Portanto aconteceu um dilema moral, esses trabalhadores contrariaram aquilo que havia sido estabelecido como um comportamento padrão da ética dos trabalhadores da cidade, como ordeiros, que não faziam greve etc. Os salários atrasados ou muito baixos foram interpretados como atitudes antiéticas das empresas, ações injustas com os trabalhadores, tornando a greve legítima por grande parte dos trabalhadores. Ou seja, os trabalhadores interpretaram que o que estavam fazendo com eles, no caso de Baobá os salários atrasados, era uma conduta antiética, uma conduta que transgrediu o código de regras (ética) entre patrão e trabalhador.

Outro elemento presente na ética dos trabalhadores de Timbó é o reconhecimento de que eles são diferentes dos trabalhadores de outras regiões do país, “os de fora”. Após uma intensificação da industrialização na cidade na década de 1980 aumentou a entrada de imigrantes na cidade à procura de emprego. Esse pode ter sido um dos motivos que ajudou a tornar as relações entre empregado e patrão mais impessoais e propagar outros valores na região. O operário Gelásio Fiamoncini lembra que na METISA os trabalhadores que vieram de outras cidades tiveram papel importante para parar a empresa mesmo com as intimidações do patrão nas vésperas da greve.

Os caras de Lages, na empresa na época faltava mão de obra e a empresa buscou empregados de fora. Ela trouxe de lá acho que quarenta pessoas de Lages e veio justamente os caras com os nervos quente. O Ângelo, o dono da empresa passou lá, antes das 21horas, ele passou no meio da turma comentando com o encarregado e disse é aqui eu duvido que tenha alguém que tenha coragem de parar, duvido. E ele falou justamente para esses caras. Eles disseram, não sr. Ângelo, como a greve é nacional, é um direito que nós temos. Ele disse: com o que vocês ganham e os benefícios que a empresa está pagando eu duvido que alguém tenha coragem de parar, eu estou pagando pra

ver. Ele pegou e foi pra casa. Quando foi uma e meia da manhã, os caras esperaram a turma da noite do terceiro turno, e disseram: ele duvidou de nós, temos que provar duas coisas eles disseram, provar que não se dúvida das pessoas e nós temos que provar a nossa capacidade. Ah, já vieram pra rua e o terceiro turno já parou. Já esperou o segundo e o primeiro turno que ia começar as 5h, 4 e meia já chegava no pátio, já fecharam a guarita ali, não, aqui não entra.<sup>116</sup>

Interessante notar nesse relato de Gelásio Fiamoncini, como foram representados os trabalhadores “de fora”. No caso da greve dos metalúrgicos de 1989 é marcante na memória dos entrevistados a presença dos trabalhadores de outras cidades e a importância deles para a greve acontecer. No relato anterior, Gelásio Fiamoncini exalta a participação de trabalhadores que vieram de Lages, os caras que “vieram com os nervos quentes”. Já para o presidente do sindicato da categoria Walter Horstmann foi fundamental para a greve acontecer a participação de um rapaz que veio do ABC paulista: “essa greve ela surgiu de um pequeno desentendimento entre o empregado e o gerente que veio depois. [...] Os dois começaram a discutir, e o cara era um que veio, que trabalhou lá no ABC paulista aquele rapaz”.<sup>117</sup>

Além disso, no final da greve de 1989 na reportagem “Demissões para grevistas” do Jornal do Médio Vale, de 24 de março de 1989, o gerente de recursos humanos da METISA, Ivo de Pim, disse que “a maior surpresa que esta greve nos trouxe é que esse tipo de atitude não é típica de nossos empregados”. Ou seja, esperava-se que os trabalhadores cumprissem com o acordo feito na assembleia geral, poucos esperavam que essa greve acontecesse. Na mesma reportagem, Ivo de Pim declarou que os “próprios líderes de greve não estavam contando com a adesão do movimento por tantos trabalhadores”. Isso revela que existia a ideia de que o trabalhador do município era alguém que não participava de greves. Ao conversar informalmente com os patrões da METISA sobre essa greve eles lembram que os trabalhadores “de fora” impulsionaram o movimento. Ou seja, os trabalhadores carregavam o estereótipo de serem ordeiros, comprometidos e honestos. Já os trabalhadores “de fora” levavam a alcunha de rebeldes, radicais e preguiçosos. Para reforçar esse ponto de vista apresento o editorial do Jornal Interno da METISA publicado após a greve dos metalúrgicos de 1989 no qual cerca de 90% dos trabalhadores da METISA aderiram.

Vivemos em tensão e expectativa, porém nós que tivemos sempre uma vida pacata e o próprio ambiente em que fomos educados e vivemos, temos

<sup>116</sup> Gelásio Fiamoncini, depoimento citado.

<sup>117</sup> Walter Horstmann, 75 anos, depoimento citado.

consciência que nesta hora temos que usar o que temos de melhor, que é a nossa boa índole e estrutura de formação, pois, agindo assim não nos deixaremos influenciar por agitadores, pessoas de outros meios, que não vivem em nosso dia a dia e não tiveram a felicidade de serem criadas num ambiente sadio como o nosso, cujo único objetivo é aproveitar-se do momento e criar tumulto e desestruturar nossos valores de formação.

Amigos, é chegada a hora de pensarmos seriamente sobre o assunto e analisarmos os prós e contras dos nossos objetivos e qual a melhor maneira de realiza-los. Será que ainda não continua sendo o diálogo pacífico, a confiança mútua, o respeito, valores que são tão nossos e querem nos roubar? Temos a certeza, se continuarmos com nossa eficiência fiel e honesta conseguiremos provar aos falsos demagogos aos agitadores profissionais que venceremos essa crise e muitas mais com paz, ordem e tranquilidade, pois, somos um povo pacífico, graças a nossa formação interiorana sem sermos alienados e desinformados da situação.<sup>118</sup>

Essa redação da capa do Jornal da METISA demonstra o posicionamento contra a greve dos metalúrgicos e destaca que esse tipo de atitude não é característica dos trabalhadores de Timbó, diferenciando-os dos “de fora”. O trabalhador timboense tem boa índole, formação, vive num ambiente sadio, é aberto ao diálogo pacífico, é confiável, tem respeito, é eficiente, honesto, e por ser do interior não é alienado e desinformado. Já os outros trabalhadores que não são de Timbó e região são caracterizados como agitadores, de outro meio e que não vivem o dia a dia da empresa, só querem causar tumulto, desestruturar os valores de formação dos timboenses, são falsos demagogos, agitadores profissionais. Nesse caso existe a exposição de elementos considerados éticos e não éticos por parte do jornal, estabelecendo parâmetros para evitar conflitos, mas também mascarando as desigualdades existentes.

Essa diferenciação entre o trabalhador local e os de outras regiões do país foi enfatizada pois a greve era geral e foi organizada por trabalhadores de outras regiões do país. Apesar dos trabalhadores de Timbó também sofrerem com a crise econômica e a desvalorização de seus rendimentos, o jornal tenta passar a ideia de que eles não precisam agir como os trabalhadores de outros lugares do país, pois na nossa região a relação entre patrão e empregado é diferenciada, há confiança, respeito, diálogo pacífico. Há um pedido para manter esses valores que estão sendo perdidos por culpa de trabalhadores ou agitadores de outras regiões do país que apenas buscam o conflito e ganhos políticos.

Entretanto, nessa paralização, houve participação massiva dos trabalhadores, até mesmo daqueles próximos aos patrões, revelando que eles não eram marionetes dos trabalhadores “de fora” que os convenceram a protestar. Pelo contrário, tinham opinião

---

<sup>118</sup> Jornal METISA, março/abril e maio/89 – n° 105, capa.

própria, tornando explícito na cidade de Timbó que ali não existia um capitalismo diferente, onde as relações entre chefe e empregado eram mais justas e fraternas, apesar de na época esse tipo de pensamento ser comum na mente de trabalhadores e patrões.

Outro elemento presente na ética dos trabalhadores da cidade de Timbó é a ideia de que havia solidariedade entre patrão e empregado, sem diferença de interesses entre esses dois grupos, por vezes o próprio patrão era colocado como um trabalhador. Muitos acreditavam que o patrão chegou até aquele posto com o seu trabalho duro, ou seja, ele também era um trabalhador, até porque vários donos das fábricas contam nas histórias de formação de suas empresas que vieram da base e obtiveram o sucesso após bastante esforço, dessa forma colocando-se como um igual aos trabalhadores. O discurso da harmonia entre trabalhadores e patrões não era algo particular de Timbó. A historiadora Cristina Ferreira percebeu que a exaltação dessa harmonia aparecia de forma constante nas menções de autoridades políticas tanto em Blumenau como em outras regiões do Brasil (FERREIRA, 2015: 138).

A ideia de diferenciação nos interesses de classe entre patrões e empregados aprofundou-se gradativamente com o aumento da industrialização e urbanização da cidade. Inclusive, o Partido dos Trabalhadores fora refundado na cidade no ano de 1989. Mas até mesmo dentro desse partido, organizado para lutar pelos interesses dos trabalhadores e dos mais pobres, existia em alguns membros o pensamento de que trabalhadores e empresários poderiam ter relações de solidariedade, tendo como exemplo o caso relatado acima de João Bosco da Silva, que considerava a empresa em que era funcionário como a sua empresa. Ele acreditava que se deveria combater a desigualdade social e lutar pelos trabalhadores, foi candidato a vereador pelo PT, mas não tinha uma postura radical contra os patrões, não os vendo como inimigos. Por outro lado, há membros do partido que falam em consciência de classe. Na reportagem “PT alerta o trabalhador”, Vítor Ropelato, que era secretário do partido, falou ao Jornal do Médio Vale sobre o 1º de maio e que “em Timbó o partido está agilizando uma campanha de conscientização da classe trabalhadora, realizando reuniões para esclarecer assuntos referentes ao trabalho”.<sup>119</sup> Portanto, até mesmo no PT de Timbó havia diferentes níveis de solidariedade e conflito entre patrões e empregados.

---

<sup>119</sup> Jornal do Médio Vale, 29 de abril de 1989, p. 6.

Portanto, nesse levantamento de elementos presentes na ética dos trabalhadores que atuavam no município de Timbó percebemos que a devoção ao trabalho era uma característica presente. Pontualidade, não ser demitido, ter compromisso com a empresa são ideias defendidas pelos trabalhadores. O trabalhador faz questão de mostrar que tem orgulho de ser trabalhador e que trabalha bem, é honesto e comprometido com o trabalho. Apesar de patrões e trabalhadores concordarem nessa questão, isso não significa que não havia conflito entre eles, pois, ao mesmo tempo que pensavam dessa maneira, em alguns momentos esses trabalhadores se sentiam injustiçados e procuravam maneiras de melhorar a sua condição de trabalho e de vida através de greves, partidos políticos, sindicatos ou negociando individualmente com o patrão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo principal identificar e analisar alguns aspectos das experiências de vida, de ativismo e militância do operariado de um município relativamente pequeno, durante a década de 1980, sem maior dinâmica política e cultural, chamado Timbó. Trata-se de um tema da história do tempo presente e de um trabalho de história local, pois ele é voltado para esse município. Entende-se que esse trabalho não se apresenta inteiramente equacionado, ou seja, o que se concluiu não é verdade absoluta e acabada; pelo contrário, é uma parcela, ainda que relevante, de formas de pensar e agir encontradas entre personagens subalternos do sistema fabril: trabalhadores das indústrias identificados com expectativas e processos de mudança social que se fizeram presentes, naqueles anos, na sociedade brasileira como um todo.

Timbó, como município inserido no Vale do Itajaí, sempre exaltou suas origens germânicas e italianas como um fator de distinção, de classe, ou seja, de classificação diferenciada, sobretudo em relação à presença de outros contingentes populacionais existentes no Estado de Santa Catarina e no próprio Vale: descendentes de portugueses, de africanos e de indígenas, para não falar dos que redundaram de mestiçagens. Datas festivas, monumentos, museus, grupos folclóricos e festas exaltavam e exaltam a trajetória destas pessoas, apresentadas como desbravadoras e civilizadoras de um ambiente hostil, e que, na condição de herdeiras dos seus exitosos esforços de progresso, as gerações seguintes não poderiam esquecer de reverenciar. A própria história foi cultivada para que retratasse esse processo épico de conquista e triunfo, demonstrando a todos a coragem e a determinação dos imigrantes e seus descendentes que, graças à união de propósitos e uma fé inquebrantável em suas diligências, lutaram juntos por um objeto em comum, qual seja tornar Timbó (e o Vale) uma região próspera.

Todavia, uma observação mais acurada desvela uma paisagem menos harmônica e ordeira, pois o município foi construído por uma população mais eclética e mais conflituosa, e o próprio ambiente nos núcleos coloniais pouco esteve pautado por permanente concórdia, como o atestam as tensões entre os falantes de língua e/ou dialetos alemães em contraposição àqueles que se valiam da língua e/ou dialetos italianos, em católicos e protestantes, entre gêneros, faixas etárias e estilos de vida, e o

mesmo se pode dizer para os períodos subsequentes, onde a abrangência dos conflitos se ampliou acompanhando o caráter mais complexo da sociedade que dali emergia (FERREIRA e KOEPSEL, 2008).

De acordo com isso, o foco desse trabalho foram as tensões e conflitos que se fizeram presentes no dia a dia de Timbó na parte final do século XX, mais especificamente durante a década de 1980, como confluência ou conexão de diversos fatores, como a intensa industrialização e urbanização do município, com a atração de mão de obra de outros partes do estado ou do país; aprofundamento de crises econômicas, políticas e socioculturais com que se deparou a sociedade brasileira na época, impactando fortemente nos modos de vida e nas percepções de mundo; difusão de novas modalidades de experimentar e praticar a religiosidade sob influência da Teologia da Libertação, dentre outros fatores. Com isso, não apenas aumentou o número de trabalhadores que estavam nas fábricas de Timbó, mas também sua heterogeneidade de procedência e de formação cultural, o que levou à construção de “pontes de contato”, de solidariedades (mesmo que não muito resistentes ou duradouras, o que valeira pesquisar), em contraste com as crenças da unidade entre os “locais”, não importando aqui a sua origem ou condição social, contrapostos aos “de fora”.

Em suma, em meio a uma multidão de operários que trabalhavam nas fábricas timboenses, vários deles fizeram parte de movimentos organizados que almejavam defender os interesses dos trabalhadores, numa cidade relativamente pequena, na qual empregados e patrões por vezes frequentavam os mesmos espaços em festas, missas e associações. Na qual igualmente se pretendia reforçar laços étnicos entre ambos, produzindo uma relação complexa que entremeava momentos de cooperação ou compromisso e conflitos. Por outras palavras, em meio às contradições do sistema capitalista, onde o trabalhador é explorado pelo patrão, havia espaço para uma política conciliatória entre eles, ao mesmo tempo em que havia condições e disposição para a participação em pastoriais que seguiam a Teologia da Libertação, em greves ou mesmo num partido político identificado como comunista e radical como o PT. Tratavam-se, sem dúvida, de trabalhadores em algo diferentes daqueles dos grandes centros industriais como São Paulo e São Bernardo do Campo, com outro ethos. Entender suas peculiaridades foi se desenhando como alvo desse estudo. Afinal, mesmo em face de relações menos ásperas entre trabalhadores e patrões, isto não ocorria por mera

submissão dos primeiros, que decerto tinham suas próprias interpretações acerca do meio em que viviam e não eram seres totalmente alienados e sem consciência de classe.

Por outro lado, há de se considerar os mecanismos de dominação sobre esses trabalhadores por parte dos patrões. A historiadora Cristina Ferreira (2015, 4) percebeu que em Blumenau, durante muito tempo, propagou-se a ideia de ser esse local um “paraíso idílico, construído por “capitalistas sem capital” empreendedores capazes de implantar fábricas a partir de sua própria capacidade e, principalmente, por intermédio de um espírito dedicado ao trabalho, considerado herança primordial de seus antepassados germânicos”. Em Timbó, cidade vizinha de Blumenau, essa ideia também prevalecia e ainda existe na mente dos habitantes, se agregarmos também os antepassados italianos; além do mais, a maioria das fábricas timboenses de 1980 carregavam um sobrenome alemão. Mas, com esse trabalho foi possível observar que os trabalhadores da cidade, mesmo com esse tipo de pensamento, confrontavam os seus patrões ou o sistema no qual estavam inseridos, conformando uma identidade cultural e social peculiar.

Apesar de nos jornais internos das empresas ser pregada a harmonia entre trabalhadores e patrões, pois os primeiros receberiam diversos benefícios das empresas, como prêmios assiduidade, brinde de natal, viagens, prêmios por tempo de serviço, cursos, etc., vários desses trabalhadores, independentemente de suas origens, participaram ora sutilmente, ora de forma exacerbada, de ações que visavam lutar por seus interesses. Movimentos e manifestações na cidade em prol do trabalhador e organizados por trabalhadores surgiram, como as pastorais operária e da juventude da Igreja Católica, mesmo a igreja sendo vista como uma instituição conservadora, naquele momento ela foi igualmente refúgio para reuniões em que os trabalhadores podiam debater, inclusive a partir de interpretações da Bíblia, o seu lugar na sociedade.

As pastorais operária e da juventude foram também importantes para a criação de outro espaço de expressão dos trabalhadores na cidade, o Partido dos Trabalhadores, que ressurgiu no município no final da década de 1980. A partir dali vários trabalhadores passaram a ter um envolvimento maior com as lutas a nível estadual e nacional, participando de campanhas político-eleitorais e greves gerais que buscavam direitos e melhores condições de vida.

Porém, ao mesmo tempo em que esses trabalhadores se confrontavam com os seus patrões, mantinham com eles relações de compromisso, cooperação e dependência, em que pertencimento étnico e reciprocidade de alguns ideais faziam parte de sua formação e de suas práticas cotidianas. Em especial, o sentimento de devoção ao trabalho era amplamente difundido. Tanto o empresário quanto o empregado estavam constantemente tentando se mostrar como bons trabalhadores, honestos, pontuais, assíduos e compromissados com a empresa. Por exemplo, como já mencionado, um trabalhador que passa por várias empresas, que tem grande rotatividade de empregos é malvisto pelos seus pares e pelos patrões. A culpa da demissão recai quase sempre sobre o trabalhador. É ético o trabalhador ser fiel e comprometido com a empresa e não apresentar na carteira de trabalho uma grande quantidade de empregos pelos quais passou: ser demitido por justa causa é mesmo considerado vergonhoso para o trabalhador e sua família.

Dessa forma, nem sempre patrões e operários, chefes e trabalhadores estavam em conflito explícito e aberto, pois também aconteciam momentos de conciliação, assim como conflitos entre os próprios trabalhadores. Isto leva a crer, numa observação rápida e superficial, que os trabalhadores de Timbó não consideram um problema as empresas amealharem grandes lucros enquanto eles lidavam com dificuldades para sobreviver e/ou para usufruir com suas famílias o bem-estar que a vida contemporânea pode disponibilizar. No entanto, um olhar mais agudo e a pesquisa histórica são capazes de mostrar que as tensões e conflitos existiam e existem, e que em certas circunstâncias podem assumir dimensões quase sempre inesperadas de enfrentamento aberto e direto.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

#### a) Orais

ANDREAZZA, Adilvo. **Adilvo Andreazza**: 62 anos, médico, depoimento [abr. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Blumenau, abr. 2018. 1 arquivo .mp3.

CARLINI, Nilton. **Nilton Carlini**: 50 anos, locutor, depoimento [jan. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Rio dos Cedros, jan. 2018. 1 arquivo .mp3.

DA SILVA, João Bosco. **João Bosco da Silva**: 67 anos, operário têxtil aposentado, depoimento [abr. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Timbó, abr. 2018. 1 arquivo .mp3.

FIAMONCINI, Gelásio. **Gelásio Fiamoncini**: 62 anos, motorista e operador de máquinas, depoimento [out. 2017]. Entrevistadores: Alan Evaristo Mengarda e Luiz Felipe Falcão. Timbó, out. 2017. 1 arquivo .mp3.

HORSTMANN, Walter. **Walter Horstmann**: 75 anos, operário metalúrgico aposentado, depoimento [nov. 2017]. Entrevistadores: Alan Evaristo Mengarda e Luiz Felipe Falcão. Timbó, nov. 2017. 1 arquivo .mp3.

KORMANN, Paulo Roberto. **Paulo Roberto Kormann**: 64 anos, operário calçadista aposentado, depoimento [mar. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Guabiruba, mar. 2018. 1 arquivo .mp3.

MOTTA, Ana. **Ana Motta**: 75 anos, operária aposentada, depoimento [mar. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Timbó, mar. 2018. 1 arquivo .mp3.

MOTTA, Lourival. **Lourival Motta**: 76 anos, operário marceneiro aposentado, depoimento [mar. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Timbó, mar. 2018. 1 arquivo .mp3.

ROPELATO, Vitor. **Vitor Ropelato**: 50 anos, eletricista autônomo, depoimento [fev. 2018]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda. Timbó, fev. 2018. 1 arquivo .mp3.

SCHIOCHET, Sigifredo. **Sigifredo Schiochet**: 59 anos, empresário do ramo de piscicultura, depoimento [nov. 2017]. Entrevistadores: Alan Evaristo Mengarda e Luiz Felipe Falcão. Timbó, nov. 2017. 1 arquivo .mp3.

SIEGEL, Clausmar. **Clausmar Siegel**: 52 anos, operário petroleiro, depoimento [dez. 2017]. Entrevistador: Alan Evaristo Mengarda, Timbó, dez. 2017. 1 arquivo .mp3.

#### b) Impressas

BOHN, Padre Antônio Francisco. **Cinquentenário da Paróquia Santa Terezinha de Timbó (SC) (1963 – 2013): memória histórica**. Timbó: Ed. Do Autor, 2013.

- BUZZI, Gelindo S. (org.). **Álbum do Centenário da Timbó**. Timbó: [s.n.], 1969.
- Diocese de Blumenau – Paróquia Santa Terezinha de Timbó – Livro **Tombo** – Paróquia N° 1.
- Diocese de Blumenau – Paróquia Santa Terezinha de Timbó – **Livro Tombo** – Paróquia N° 2.
- Edições do Jornal do Médio Vale de 1989.
- Edições do Jornal Herveg de 1986, 1988 e 1989.
- Edições do Jornal METISA da década de 1980.
- Fundação IBGE – Censo Demográfico de Santa Catarina – 1980.
- MAESTRELLI, Sérgio Roberto. **Fatos e Imagens do Meio Rural de Timbó**. Timbó: Tipotil, 1992.
- Orientação Pastorais 1998-2002, Diocese de Joinville: Somos Operários de Deus. Ed. Odorizzi
- Plano de Governo do PT 1996 – Plano Democrático & Popular PT: 13 pontos para melhorar Timbó.
- Relação de Filiados do Partido dos Trabalhadores de Timbó – 21 de junho de 2004.

### c) Eletrônicas e/ou digitais

- BAUMANN, Cleiton. 20 anos de História. 2009. Disponível em: <http://www.jornaldomediovale.com.br/on-line/hist%C3%83rico/20-anos-de-hist%C3%83ria-1.1679485>. Acesso em: 21 de set. 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Decreto-Lei N°. 1.632, de 04 de agosto de 1978**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/De1632.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De1632.htm)>. Acesso em: 05 de jan. 2019.
- IBGE. Série histórica da população residente em Timbó - SC, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/timbo/pesquisa/43/30281?ano=1980&tipo=grafico>. Acesso em: 24 de jan. 2019a.
- IBGE. Sinopse Preliminar do censo demográfico – Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd\\_1991\\_v6\\_n21\\_sc.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n21_sc.pdf). Acesso em 24 de jan. 2019b.
- Informações sobre a história da CEBI. Disponível em: <https://www.cebi.org.br/historia/>. Acesso em 21 de set. 2018.
- João XXIII. **Carta Encíclica Mater Et Magistra**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html). Acesso em: 16 de jun. 2018.

KORNIS, Mônica. SANTANA, Marco Aurélio. **Greve.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/greve>. Acesso em 24 de jun. 2018.

Lista de vereadores da cidade de Timbó. Disponível em: <http://www.camaratimbo.sc.gov.br/exvereadores.php>. Acesso em 06 de set. 2018.

Mapa de Santa Catarina com a identificação do município de Timbó: Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o\\_de\\_Blumenau#/media/File:SantaCatarina\\_Micro\\_Blumenau.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_de_Blumenau#/media/File:SantaCatarina_Micro_Blumenau.svg). Acesso em: 11 de ago. 2018.

Mapa do município de Blumenau em 1905: Disponível em: <https://angelinawittmann.blogspot.com/2015/09/colonia-blumenau-o-surgimento-dos.html>. Acesso em: 11 de ago. 2018.

Municípios pertencentes ao Vale Europeu. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br/destinos/vale-europeu/>. Acesso em: 04 de out. 2018.

Ministério da Agricultura. **Unidades Agrárias não Decimais em Uso no Brasil.** 1948. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv82398.pdf>. Acesso em 10 de jan. 2019.

Número de votos resultado por município de Santa Catarina (1986). Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/1986/SelecMunicE19861.htm> Acesso em: 12 de jun. 2018.

Número de votos resultado (1986). Disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/1986/ResultFinalE19861.htm>. Acesso em 12 de jun. 2018.

Prefeitura de Timbó. Disponível em: <http://www.timbo.com.br/historiadacidade.php>. Acesso em 04 de out. 2018.

Resultado das eleições municipais de 1982 disponível em: <https://www.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/histeleiweb/1982/RFM1982183577.htm>. Acesso em: 03 de ago. 2018.

Santa Catarina em Números, SEBRAE, Timbó - SC, 2013. Disponível em: [https://static.fecam.net.br/uploads/1534/arquivos/1031053\\_Relatorio\\_Municipal\\_\\_Timbo.pdf](https://static.fecam.net.br/uploads/1534/arquivos/1031053_Relatorio_Municipal__Timbo.pdf). Acesso em: 24 de jan. 2019.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, Alzira Alves de. A mídia na transição democrática brasileira, In: **Sociologia, problemas e práticas**, nº 48, 2005, p. 53-65.
- AUGUSTO, Adailton Maciel. Pastoral Operária e factibilidade utópica. **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 23, p. 55-67, abr. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/14603>>. Acesso em: 07 mar. 2019.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da memória, In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 2, 1995, p. 84-101.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Brasiliense, 1985.
- BOFF, Leonardo. **Quarenta anos da Teologia da Libertação**. 2011. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>. Acesso em: 14 de jun. 2018.
- BOITO JUNIOR, Armando. Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil, **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 3, 1996, p. 80-104.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Editora da USP, 1996.
- CADORIN, Jonas. **Gente em Mutamento: O processo de produção identitária em Nova Trento (1875-2003)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Itajaí: UNIVALI, 2003.
- CASTELHANO, João Nuno Frade Marques. **O método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir** A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2017.
- CODINA, Victor. Teología de la Liberación 40 años después. Balance y perspectivas, In: **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, dez. 2013, p. 1357-1377. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/5650>>. Acesso em: 07 mar. 2019. doi:<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2013v11n32p1357-1377>.
- FÁVERO AREND, Silvia Maria, MACEDO, Fábio, Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201– 216, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130370013>>. Acesso em 15 de jan. 2019.
- FERREIRA, Cristina. **Nas malhas da história:** sociabilidade e cotidiano dos trabalhadores têxteis de Blumenau (1958-1968). 2015. 374 p. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP. Campinas, 2015.
- FERREIRA, Cristina; KOESEL, Daniel Fabrício. **Representações da cidade:** discussões sobre a história de Timbó. Blumenau; Timbó: Edifurb; Fundação Cultural de Timbó, 2008.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, p. 215-228, v. 7, 2016.

FREIRE, Izaias de Souza. **Ecos de democratização:** Uma análise das vozes do processo de transição do regime militar em Joinville. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – UDESC, Florianópolis, 2015.

FRENCH, John. Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos. In: LARA, Silvia Hunold; MENDINÇA, Joseli Nunes. **Direitos e justiças no Brasil:** ensaios de história social. Campinas (SP): UNICAMP, 2006.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Dez preconceitos contra história oral. **Oralidades** (USP), v. 1, p. 13-20, 2007. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/Oralidades%201.pdf>. Acesso em 30 de jul. de 2019.

MESTERS, Carlos. OROFINO, Francisco. **Critérios e Método da Leitura Popular da Bíblia.** 2008. Disponível em: <http://www.catedralsaojose.org.br/catedral2011/reflexao/2090-criterios-e-metodo-da-leitura-popular-da-biblia.html>. Acesso em: 16 de jun. 2016.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. **A Ação Territorial de uma Igreja Radical:** Teologia da Libertação, Luta pela Terra e Atuação da Comissão Pastoral da Terra no Estado da Paraíba. Tese (Doutorado em Geografia) – USP, São Paulo, 2008.

MOSER, Anita apud CADORIN, Jonas. **Gente em Mutamento:** O processo de produção identitária em Nova Trento (1875-2003). Dissertação (Mestrado em Educação). Itajaí: UNIVALI, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho:** o anticomunismo no Brasil (1917 -1964). Tese (Doutorado em História) – USP. São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comunidades-ecclesiais-de-base-cebs>. Acesso em: 14 de jun. 2018.

PEREIRA, Danilo Rangell Pinheiro. **Concepções da História na Teologia da Libertação e Conflitos de Representação na Igreja Católica (1971-1989).** Dissertação (Mestrado em História). Feira de Santana: UEFS, 2013.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, p. 219-242. v. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHWARTZ, Osmar. **O desenvolvimento industrial do município de Timbó.** TCC (Graduação em Economia) – FURB, Blumenau, 1993.
- SECCO, Lincoln. **História do PT.** 4º ed. Cotia: Ateliê, 2015.
- SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-mirim: um estudo de desenvolvimento econômico.** Porto Alegre: Movimento, 1974.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da proletarização do campesinato no Vale do Itajaí. In: LEITE LOPES, José Sérgio (Org.). **Cultura & Identidade Operária.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- \_\_\_\_\_. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 91, p. 31-63, 1993, p. 38. Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\\_antropologico/Separatas1991/anuario91\\_giraldaseyfert.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1991/anuario91_giraldaseyfert.pdf). Acesso em: 20 de maio. 2018.
- SILVA, Carla Luciana Souza da. **Veja:** o indispensável partido neoliberal (1989-2002). Tese (Doutorado em História) – UFF. Niterói, 2005.
- SIMÃO, Vilma. Margarete. As Greves dos trabalhadores blumenauenses: expressão da consciência econômica-corporativa e um caminho a individualização da classe. **Revista Katalysis**, Florianópolis, v. 01, n.01, p. 128-139, 1997.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. **Jovens em Movimento:** O processo de formação da pastoral da juventude do Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Carlos: UFSCar, 2004.
- SOUSA, Ana Maria Borges de. **Do espaço escolar às ruas:** um olhar sobre o movimento dos trabalhadores em educação de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: UFSC, 1994.
- TERRA, Kenner Roger Cazotto. Opção pelos pobres e recepção da bíblia: a leitura bíblica na Teologia da Libertação. **Reflexus**, v. 8, p. 63-75, 2012.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 2ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa II: A Maldição de Adão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987
- \_\_\_\_\_. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- TRINDADE, Helgio. Bases da democracia brasileira: lógica liberal e práxis autoritária (1822/1945), in Alain Rouquié; Bolívar Lamounier e Jorge Schwarzer (orgs.). **Assim renascem as democracias.** São Paulo, Brasiliense, 1985.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. **Locus – Revista de História**, Juiz de Fora, p. 84-97, v. 3, nº 1, 1997.

Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2274/1628>. Acesso em: 28 de jan. 2018.

VOIGT, Márcio Roberto. **Imigração e Cultura Alemã no Vale do Itajaí:** Educação, Religião e Sociedades na História de Timbó (SC) - 1869-1939. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 1996.

WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da Colônia Blumenau:** cotidiano e trabalho (1850-1900). Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo, 1991.